



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Nádia Cristina de Lima Rodrigues

**No Rancho dos Hervanos - Cachoeiras de Macacu/ RJ - jamais fomos
modernos: nem nós, nem eles**

Rio de Janeiro
2023

Nádia Cristina de Lima Rodrigues

No Rancho dos Hervanos - Cachoeiras de Macacu/RJ) - jamais fomos modernos: nem nós, nem eles

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de doutora ao Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Construção Social do Meio Ambiente.

Orientadora: Prof^ª Dra. Viviane Fernandez de Oliveira

Coorientadora: Prof.^a Dra. Fátima Kzam Damaceno de Lacerda

Rio de Janeiro

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CTC-A

R696 Rodrigues, Nádia Cristina de Lima.
No Rancho dos Hervanos - Cachoeiras de Macacu/RJ - jamais fomos modernos: nem nós, nem eles/ Nádia Cristina de Lima Rodrigues. – 2023.
131 f. : il.

Orientadora: Viviane Fernandez de Oliveira
Coorientadora: Fátima Kzam Damaceno de Lacerda
Tese (Doutorado em Meio Ambiente) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

1. Comunidades - Cachoeiras de Macacu (RJ) - Teses. 2. Teoria ator-rede - Teses. 3. Etnologia - Teses. I. Oliveira, Viviane Fernandez de. II. Lacerda, Fátima Kzam Damaceno de. III. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. IV. Título.

CDU 39

Patricia Bello Meijinhos CRB7/5217 - Bibliotecária responsável pela elaboração da ficha catalográfica

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Nádia Cristina de Lima Rodrigues

No Rancho dos Hervanos - Cachoeiras de Macacu/RJ - jamais fomos modernos: nem nós, nem eles

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de doutora ao Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Construção Social do Meio Ambiente.

Aprovada em 29 de novembro de 2023

Banca examinadora:

Prof.^a Dra. Viviane Fernandez de Oliveira (Orientadora)
Universidade Federal Fluminense

Prof.^a Dra. Fátima Kzam Damaceno de Lacerda (Coorientadora)
Instituto de Química - UERJ

Prof.^a Dra. Edilaine Albertino de Moraes
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Guilherme José da Silva e Sá
Universidade de Brasília

Prof.^a Dra. Fátima Teresa Braga Branquinho
Faculdade de Educação - UERJ

Prof.^a Dra. Mairce da Silva Araújo
Faculdade de Educação/FFP - UERJ

Rio de Janeiro

2023

DEDICATÓRIA

Dedico essa pesquisa a todas e todos que foram deixados pelo caminho, pela ficção da modernidade, e que, através das afetividades mútuas, desejam compor um mundo comum que possa ser habitado por todos os seres humanos e não humanos. Em especial, aos homens, mulheres, “bicho, planta, pedra, coisas” do coletivo dos Hervanos.

AGRADECIMENTOS

Aos “encantados” pela luz, pela proteção e pelas orientações durante a caminhada e a Mayra Monan, nosso pai, criador do povo do urucum.

À minha mãe querida, por me trazer a esse planeta. Quem me alfabetizou na língua portuguesa e na linguagem dos afetos, ensinando-me a ler o mundo.

À minha família, que mesmo me achando meio louca, meio sonhadora, sempre me incentivou na minha caminhada acadêmica, principalmente aos meus dois irmãos, Carlos e Márcio, que me acolhem, mesmo tendo pensamentos sobre o viver tão diferentes dos meus.

Ao meu filho João Pedro que, hoje, “homem feito”, sempre me dá força e coragem, principalmente, nos momentos mais difíceis da pandemia em que ficamos separados. Te amo filho, você é um ser iluminado!

Ao meu amor Helmo, que está sempre ao meu lado, aquele que não deixa nunca “a peteca cair” e que, quando percebe que a coisa tá muito difícil, me acolhe com um sorriso, um carinho e um café!

À três mulheres incríveis, que fazem parte da minha vida, que com sua coragem, alegria e incentivo não deixaram que eu desistisse de viver essa experiência. Duas delas são minhas queridas orientadoras, Viviane Fernandez, a Vivi, e Fátima Kzam, a Fatê. Essas mulheres me resgataram de um lugar que nem elas mesmas imaginam que eu estava. Sempre ao meu lado, elas foram e são fundamentais neste momento, e é por isso que me emociono ao escrever esta dedicatória.

A terceira mulher incrível é a querida professora Fátima Branquinho, aquela que, quem conhece, jamais esquece, porque, em todos os sentidos, transforma a vida daqueles que toca com seu carinho, amor e conhecimento. Ela também muito me incentivou para viver este momento e foi quem me apresentou a TAR, não somente como um referencial teórico metodológico, mas como uma filosofia do bem viver, aquela que nos transforma em “Formigas Branquinhas”. Talvez, nem Latour, pessoalmente, conseguisse fazer isso.

À duas mulheres que constituíram um marco na minha trajetória acadêmica, devo todo o meu estilo de escrita a elas: Mairce Araújo, minha eterna orientadora, e a Jacqueline Moraes (*in memoriam*), a professora tecelã que me apresentou Manoel de Barros. Que saudade!

A você, mãe, irmã, amiga, tia, Tina. Que agora habita as estrelas, que nos deixou durante a pandemia, essa separação foi um processo muito doloroso, que falta você me faz.

Ao querido amigo, Jorge Elpídeo Medina (Passarinho) que, desde 2009 até hoje, me acompanha até o Rancho dos Hervanos. Gratidão por todo amor que compartilhou nos momentos que subimos a Serra e quando contribuiu valorosamente com seus conhecimentos sobre a região. Sem sua ajuda, jamais teria conseguido percorrer tão longa distância.

À João Ricardo que, muitas vezes, também me ajudou a subir a Serra.

Aos amigos Cristiane Silva e Denilson Siqueira pelas suas contribuições fotográficas durante as visitas aos Hervanos.

Ao amigo de mais de 30 anos, Ricardo Felipe. O primeiro que me mostrou que “o mundo não era feito apenas de átomos e moléculas, mas também de histórias”, parafraseando Eduardo Galeano.

Às professoras e professores do PPG-MA, por suas contribuições intelectuais, às “meninas” da secretaria por sua atenção e aos colegas doutorandos por uma agradável convivência.

Aos queridos amigos que contribuíram com seus valorosos depoimentos sobre os Hervanos: a professora Margareth Cardoso, a nossa Gaeth, e o professor Silvio Francisco. Toda minha gratidão e respeito.

Às professoras da EEMBJ, Carol e Eloá, por seu carinho em me receber e contribuir para os relatos da tese e ainda pelo amor e dedicação que depositam ao desenvolverem seus trabalhos com as crianças da escola.

À Paulo Rosa, por me citar como referência na reportagem sobre os Hervanos.

Aos homens, mulheres, bicho, pedra, planta, coisas que fazem parte desse maravilhoso coletivo Hervanos.

Desde o começo do mundo água e chão se amam e se entram amorosamente e se fecundam.

Nascem peixes para habitar os rios.

E nascem pássaros para habitar as árvores.

As águas ainda ajudam na formação dos caracóis e das suas lesmas.

As águas são a epifania da criação.

[...]

Penso com humildade que fui convidado para o banquete dessas águas.

Porque sou de bugre.

Porque sou de brejo.

Acho agora que estas águas que bem conhecem a inocência de seus pássaros e de suas árvores.

Que elas pertencem também de nossas origens.

Louvo, portanto esta fonte de todos os seres e de todas as plantas.

Veza que todos somos devedores destas águas.

Louvo ainda as vozes dos habitantes deste lugar que trazem para nós, na umidez de suas palavras, a boa inocência de nossas origens.

Manoel de Barros

Nossa sociabilidade tem que ser repensada para além dos seres humanos, tem que incluir abelhas, tatus, baleias e golfinhos. Meus grandes mestres da vida são uma constelação de seres – humanos e não humanos.

Ailton Krenak

RESUMO

RODRIGUES, Nádía Cristina de Lima. *No Rancho dos Hervanos - Cachoeiras de Macacu/RJ - jamais fomos modernos: nem nós, nem eles*. 2023. 132 p. Tese (Doutorado em Meio Ambiente) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

A presente pesquisa defende a tese de que “jamais fomos modernos” a partir do estudo realizado com os Hervanos – comunidade localizada há pelo menos 200 anos no município de Cachoeiras de Macacu, RJ. Inicialmente, “olhando desde Sirius”, foram observados problemas que, aos olhares modernos, não deveriam existir em pleno século XXI, como falta de estradas de acesso e de energia elétrica nas localidades onde o grupo reside. Ao adotar o referencial teórico-metodológico da Teoria Ator-Rede (TAR) foi possível escrever os “relatos de risco” e tecer a rede sociotécnica do Rancho dos Hervanos, percebendo que o cotidiano dos mesmos corrobora a proposta de Bruno Latour de que “Jamais fomos modernos”, nem nós, nem eles. Desta forma, o texto, embasado nos pressupostos da TAR, em especial, na obra de Latour, é composto por cinco capítulos que descrevem como a pesquisa se desenvolveu, desde o primeiro contato com a comunidade, em 2009. A tese também pretende contribuir com novas perspectivas e reflexões sobre as pesquisas antropológicas, estendendo a composição dos coletivos aos humanos e às “coisas” que fazem-fazer. Assim, seguindo os atores e farejando nos caminhos os elementos que fazem parte de suas cosmologias, foi possível anunciar que eles, os Hervanos, não são arcaicos nem modernos, eles são, simplesmente, os Hervanos, e que, através da composição de um mundo comum, poderemos todos habitar o Terrestre. Ao final, a conclusão provisória obtida é que o paradigma moderno “fez água”, porque além de não contemplar a proposta de “felicidade” que prometeu para a humanidade a partir dos avanços tecnológicos, foi evidenciado, nos relatos sobre a composição de mundos, que não há a dualidade proposta pelo pensamento cartesiano moderno e que tal ideia é uma ficção.

Palavras chave: Teoria Ator-Rede. Comunidade dos Hervanos. Mundo comum.

ABSTRACT

RODRIGUES, Nádía Cristina de Lima. *At Rancho dos Hervanos (Cachoeiras de Macacu/RJ) we were never modern: neither we nor they*. 2023. 132 p. Tese (Doutorado em Meio Ambiente) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

This research defends the thesis that "we were never modern" based on the study carried out with the Hervanos – a community located for at least 200 years in the municipality of Cachoeiras de Macacu, RJ. Initially, "looking from Sirius", were observed problems that, in modern eyes, should not exist in the 21st century, such as a lack of access roads and electricity in the locations where the group resides. By adopting the theoretical-methodological framework of Actor-Network Theory (ANT) it was possible to write "risk reports" and weave the socio-technical network of Rancho dos Hervanos, realizing that their daily lives corroborate Bruno's proposal Latour that "We were never modern", neither us nor them. In this way, the text, based on the assumptions of ANT, especially in the work of Latour, it is composed of five chapters that describe how the research developed, from the first contact with the community, in 2009. The thesis also intends to contribute with new perspectives and reflections on anthropological research, extending the composition from collectives to humans and the "things" they "fait-faire". Thus, following the actors and sniffing on the paths the elements that are part of their cosmologies, it was possible announce that they, the Hervanos, are neither archaic nor modern, they are, simply, the Hervanos, and that, through the composition of a common world, we can all inhabit the Earthen. In the end, the provisional conclusion obtained is that the modern paradigm "made water", because in addition to not contemplating the proposal for "happiness" that promised humanity from technological advances, was evidenced, in reports about the composition of worlds, that there is no duality proposed by modern Cartesian thought and that such an idea is a fiction.

Keywords: Actor-Network Theory. Community of Hervanos. Common world.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Alguns componentes da mesa no III Encontro Latino Americano de Educadores Ambientais.....	23
Figura 2 - Professor Ricardo Felipe e eu apresentando o projeto LAMAS.....	23
Figura 3 - Prof. Ricardo Felipe, uma conhecida da época, eu e nosso orientador, professor Carlos Frederico Loureiro.....	24
Figura 4 - Atrator global da modernização.....	39
Figura 5 - Esquema representando a roda viva da modernidade.....	40
Figura 6 - Esquema evidenciando os atores imperceptíveis à modernidade.....	41
Figura 7 - Indica a mudança de deslocamento ao Terrestre.....	42
Figura 8 - Painel da área territorial.....	46
Figura 9 - Painel da população.....	47
Figura 10 - Painel da área territorial urbanizada.....	48
Figura 11 - Localidades do Município de Cachoeiras de Macacu.....	49
Figura 12 - Foto de satélite mostrando as localidades do Araçazeiro e Serra Suja e a EEMBJ.....	50
Figura 13 - Margareth Cardoso.....	52
Figura 14 - A chegada.....	57
Figura 15 - O caminhar de pés no chão.....	62
Figura 16 - A pedra de quartzo.....	64
Figura 17 - Vista de Cachoeiras de Macacu.....	65
Figura 18 - Face leste do MONAPEC.....	66
Figura 19 - Seu Tônico contando “causos”.....	67
Figura 20 - Hora do café com a companhia da cachorrada.....	70
Figura 21 - A despedida.....	73
Figura 22 - Outros caminhos da Serra Suja.....	74
Figura 23 - O reencontro.....	75
Figura 24 - As cestarias.....	77
Figura 25 - Os canos e baldes de plástico.....	77
Figura 26 - Foto do caderno “minha casa”.....	82
Figura 27 - Desenho: Meu céu estrelado.....	82

Figura 28 - A Escola.....	84
Figura 29 - Mensagem de Whatsapp.....	86
Figura 30 - Primeiro contato físico das crianças do Araçazeiro com o computador.....	92
Figura 31 - O caminho percorrido para seguir os objetos.....	97
Figura 32 - Atual bar, onde era a antiga escola.....	98
Figura 33 - Fotografia atualizada da escola.....	99
Figura 34 - Foto com as professoras.....	100
Figura 35 - A porteira.....	105
Figura 36 - Riacho encontrado no caminho para Serra Suja.....	107
Figura 37 - Estrada do Araçazeiro (A).....	109
Figura 38 - Estrada do Araçazeiro (B).....	110
Figura 39 - Casa do Araçazeiro: água encanada.....	110
Figura 40 - Casa do Araçazeiro: Fogão a lenha híbrido.....	111
Figura 41 - A chegada da Antropóloga.....	113
Figura 42 - O trabalho na Serra Suja.....	114
Figura 43 - O trabalho na escola.....	115
Figura 44 - O trabalho no Araçazeiro.....	115
Figura 45 - O guia dessa grande viagem, já desgastado.....	121
Figura 46 - Representação da rede sociotécnica do Rancho dos Hervanos.....	123

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANT	Actor Network Theory
CECIERJ	Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro.
DOC. I	Docente I
E.A.	Educação Ambiental
EEMBJ	Escola Estadual Municipalizada Bom Jardim
EMATER	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
FFP/UERJ	Faculdade de Formação de professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
LAMAS	Laboratório do Meio Ambiente Social
MONAPEC	Monumento Nacional da Pedra do Colégio
MPF	Ministério Público Federal
ONU	Organização das Nações Unidas
PNPCT	Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais
PPG-MA	Programa de Pós- Graduação em Meio Ambiente
TAR	Teoria Ator-Rede
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	14
1	O PERCURSO RESIGNIFICADO PELA TEORIA ATOR-REDE	21
1.1	O despertar.....	22
1.2	A caminhada árdua e a chegada intrigante ao PPG-MA.....	25
1.3	O primeiro contato com a Teoria Ator-Rede.....	26
1.4	O doloroso processo seletivo.....	26
1.5	Como eu gostaria que tivesse sido.....	28
2	A ESCOLHA DA TEORIA ATOR-REDE COMO REFERENCIAL TEÓRICO/METODOLÓGICO.....	32
2.1	Teoria Ator-Rede: ANT.....	33
2.2	Os objetos são parte da nossa humanidade?.....	35
2.3	Onde Aterrorizar? A descoberta.....	37
2.3.1	<u>Para entender a globalização e a roda viva do progresso que a alimenta</u>	38
3	QUAL É A COMPOSIÇÃO DOS MODOS DE VIDA DOS HERVANOS?	44
3.1	Pisando no solo dos Hervanos.....	45
3.2	Os Hervanos por nós.....	51
3.3	Os Hervanos por eles.....	56
3.3.1	<u>A “prosa” do dia</u>	56
4	DAS ANGÚSTIAS DE TENTAR IDENTIFICAR NOSSO PAPEL DE PESQUISADOR: “NÓS EM RELAÇÃO A ELES”.....	79
4.1	A responsabilidade na pesquisa com relação aos “pesquisados”.....	80
4.1.1	<u>A responsabilidade de resolver os problemas dos pesquisados</u>	80
4.1.2	<u>A responsabilidade de expor ou não os estudados: a história da reportagem.....</u>	85
4.2	Continuamos a colonizar os “nossos” pesquisados?.....	90
4.2.1	<u>A modernidade é colonial</u>	90
4.2.2	<u>Seguir ou não a primeira diretriz?.....</u>	92
5	A PROCURA DA REDE SOCIOTÉCNICA: QUEM É ATOR-REDE? QUEM SÃO ELES? O QUE FAZEM FAZER?.....	96
5.1	A Escola Estadual Municipalizada Bom Jardim.....	98

5.2	No meio do caminho fecharam uma porteira, fecharam uma porteira no meio do caminho.....	104
5.3	A Estrada e a falta dela.....	106
5.3.1	<u>O caminho até Serra Suja: sem estrada, sem luz elétrica.....</u>	106
5.3.2.	<u>A estrada até o Araçazeiro: com estrada, com luz elétrica</u>	108
5.4	As políticas públicas podem ajudar os Hervanos a aterrarem?.....	112
5.4.1	<u>A tentativa de “enquadramento” dos Hervanos pela PNPCT.....</u>	112
5.4.2	<u>Aposentadoria Rural e os documentos de posse da terra.....</u>	118
5.5	A proposta de rede sociotécnica que nos ajuda a aterrar.....	119
5.5.1	<u>Como os relatos de risco fazem emergir a rede.....</u>	121
5.5.2	<u>A rede.....</u>	122
	CRESCER COMO FORMIGA: REFLEXÕES, APRENDIZAGENS, PONDERAÇÕES E CONCLUSÕES MOMENTÂNEAS.....	124
	REFERÊNCIAS.....	128

INTRODUÇÃO: COMO CAMINHEI

Vocês roubaram meus sonhos e minha infância com suas palavras vazias (...). Estamos no início de uma extinção em massa e tudo o que vocês falam gira em torno de dinheiro e um conto de fadas de crescimento econômico eterno. Como ousam?

Greta Thunberg

Cúpula do Clima na ONU, 2019.

Certa vez, durante uma das aulas de química que ministro no ensino médio em uma escola pública do estado do Rio de Janeiro, abordava o assunto referente às alterações climáticas e os novos fenômenos que estão sendo cotidianamente mais intensificados pelo globo terrestre e que são intensamente divulgados através das mídias, sejam elas convencionais ou não, me deparei com uma das alunas adolescente, um tanto quanto aterrorizada com a imagem do mundo que se fazia presente, e num tom de desespero, ela soltou a seguinte frase: “Mas, então não tem mais saída professora, eu sou muito nova para morrer!” Imediatamente lembrei-me das palavras da Greta Thunberg¹ que, nos últimos anos, tem nos cobrado, incessantemente, atitudes que realmente sejam eficazes na questão da possível ameaça de extinção que nos assola.

A coisa não para, toda manhã começa tudo de novo. Um dia é o aumento do nível da água; outro a erosão do solo; à noite, derretimento acelerado das geleiras. No jornal das oito, entre dois relatos de crimes de guerra, somos informados que milhares de espécies estão prestes a desaparecer antes mesmo de terem sido devidamente identificadas. (LATOURE, 2020, p. 23).

Diante de tal desespero, senti uma imensa sensação de culpa porque percebi o quanto a minha geração de ecologistas, que estive o tempo todo imbuída de sentimentos e propostas de

¹ Greta Tintin Eleonora Ernman Thunberg nasceu em Estocolmo, capital da Suécia, no dia 3 de janeiro de 2003. Ela é conhecida internacionalmente por seu ativismo contra o aquecimento global, sendo enérgica na defesa de medidas radicais que combatam as mudanças climáticas em andamento. Ela teve contato com esse assunto pela primeira vez em 2011, quando possuía apenas oito anos de idade. Em 2018, Greta Thunberg deu um novo passo no seu ativismo pelo meio ambiente e passou a faltar suas aulas às sextas-feiras para ir à porta do Parlamento sueco exigir dos parlamentares medidas mais efetivas contra as mudanças climáticas. Ela nomeou seus protestos como Skolstrejk för klimatet, o que pode ser traduzido como: Greve escolar pelo clima. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/biografia/greta-thunberg.htm>>. Acesso em: 14 out. 2023.

pesquisas que trouxessem planos para que a mudança climática provocada pelas ações que a sociedade moderna provocava, falhara. Assim como a Greta apelou ao mundo, de uma forma diferente, a minha aluna também me fez um apelo, um pedido de ajuda. Então, percebi que não poderia atrever-me a pedir para que as novas gerações “salvem” o mundo já que, até agora só conseguimos propor soluções que configuram “mais do mesmo”.

E onde falhamos? Falhamos em, principalmente, acreditar num projeto civilizatório que prega eternidade do crescimento econômico como num conto de fadas, como diz a epígrafe, sem a preocupação da finitude do que chamamos de “recursos naturais”. E sem o mínimo cuidado de entender como a produção eloquente, desencadeada por tal modelo, poderá ser descartada de forma a não comprometer os ecossistemas. Falhamos quando acreditamos estar passando por uma crise, “a crise ecológica”, e que, por se tratar de crise, seria possível o retorno à normalidade, assim que aquilo que a tivesse provocado fosse cessado. No entanto, estamos numa mutação ecológica, irreversível, pois “estávamos acostumados a um mundo; agora, passamos, mudamos para outro” (LATOUR, 2020, p. 23).

Portanto, não dá para culpar somente aos “climatocéticos” (LATOUR, 2020, p. 28) por não acreditarem nos dados científicos e por acharem que há sempre uma teoria da conspiração que manipula tais dados, e nem aos “climatoquietistas” por ficarem inertes, porque acreditam que “O clima sempre variou. A humanidade sempre arranjou uma saída. Temos outras coisas com o que nos preocupar” (LATOUR, 2020, p. 29).

Assim, falhamos também ao acreditar na purificação entre os humanos e os objetos e entre a natureza e a cultura, criando uma realidade artificial na qual os problemas da natureza estariam tão distantes, a ponto de não interferir nos modos de vida “civilizados”. Ou, ainda, acreditando, sim, nas ameaças iminentes, mas com a ideia de que a força e a dominação, próprias da sociedade antropocêntrica, pudessem controlar “tudo”, e assim, acreditando na ficção do “admirável mundo novo” que a sociedade técnica-científica nos apresentava. Mas “tudo” saiu do controle.

Por fim, ao pensar que estávamos acordados por termos percebido o quanto falhamos, continuamos a apostar na modernidade para a “cura” de todas as causas dos problemas, que até então eram só ambientais, e que o desenvolvimento de novas tecnologias propostas pela sociedade técnica-científica daria conta de “tudo” que estava fora de controle. “A modernização nos levou a um impasse? Sejamos ainda mais modernos” (LATOUR, 2020, p. 30) diziam os modernos. Acontece que não deram conta!

Bruno Latour, durante pelo menos trinta anos, através das reflexões propostas pela ideia de que jamais fomos modernos, vem tentando acordar o mundo desse estado de

sonambulismo coletivo que as sociedades modernas mergulharam, agenciadas pelas políticas colonialistas fortalecidas pelo capital. Neste ensaio “Jamais fomos modernos”, escrito em 1994, Latour propõe um arcabouço teórico/metodológico para desmontar o conceito de modernidade.

Em 2009, ao iniciar a pesquisa com o coletivo dos Hervanos – comunidade fixada no município de Cachoeiras de Macacu/RJ² –, acreditava que tinha nela uma potência de proposta para integrá-los ao mundo moderno, mas, ao mesmo tempo, a explanação feita no início desse texto, assombrava-me e causava-me um descontentamento com a minha prática. Ao entrar no Programa de Pós Graduação em Meio Ambiente (PPG–MA), e ao conhecer a Teoria Ator-Rede (TAR) ou Antropologia das Ciências e das Técnicas³, comecei a sair um pouco do estado de “loucura ecológica” (LATOURE, 2020, p. 28) que me encontrava.

Mas a surpresa foi grande, ao perceber o quanto a academia também seguia um caminho com as mesmas práticas político/ecológicas que há muitas décadas contribuíram com muito pouco ou nada no sentido de propor a construção de um novo projeto civilizatório.

Ainda assim, diante dessa “loucura ecológica” e do envolvimento com a comunidade Hervana, cheguei a pensamentos e reflexões que me levaram desde a ideia de salvá-los até a de ser salva por eles. Tais ideias bloqueavam a perspectiva de formular uma pergunta para a minha pesquisa porque, até então, não tinha conseguido sair totalmente do sonambulismo, apenas possuía momentos de lucidez da realidade.

Finalmente a pergunta

Ao fazer a leitura do livro “*Onde aterrar? Como se orientar politicamente no Antropoceno*” (LATOURE, 2020) consegui modificar o meu entendimento sobre os Hervanos e sobre a minha própria condição com relação ao posicionamento da sociedade técnico-científica. Qual seria o relacionamento dos Hervanos com o moderno? Qual seria o nosso relacionamento enquanto “modernos” com o arcaico?

Em “Onde aterrar”, Latour (2020) nos propõe uma nova maneira de nos reposicionar politicamente diante da proposição de que jamais fomos modernos. Ele nos mostra que não há

² Ver Rodrigues (2015). Disponível em: <<https://www.bdttd.uerj.br:8443/handle/1/9990#preview-link0>>. Acesso em: 19 out. 2023.

³ A expressão “Teoria Ator-Rede” (TAR), em inglês - Actor Network Theory (ANT), também é utilizada para se referir à antropologia das ciências e das técnicas.

mais a possibilidade de seguir sempre na direção da modernidade, infinita, e nem tampouco nos dá a opção de voltar ao passado, arcaico. Assim, nos propõe um novo atrator - o Terrestre -, onde possamos compor um mundo comum para poder habitar, os Hervanos e nós.

Compreendi que todas aquelas dúvidas que tinha sobre como salvar os Hervanos, ou como ser salva por eles constituía uma dualidade, que atravessada pelo pensamento moderno, não daria conta de resolver os problemas pelos quais os mundos vêm passando em função do novo regime climático. Então, vem a questão: se os Hervanos não podem ser salvos por nós, sendo totalmente direcionados a caminhar para ao global, e se nós não podemos ser salvos por eles, caminhando de volta ao arcaico, será que poderíamos aprender a caminhar juntos para o atrator Terrestre? De que forma?

E foi assim que comecei a tomar mais consciência do estado de pensamento cartesiano, que chamei de sonambulismo, ao perceber como é difícil e quase impossível sair dele, mas insisti.

Objetivo geral

Assim decidi, com a orientação das “formigas branquinhas”⁴ que deveria escrever uma tese com o objetivo de, a partir de um exemplo brasileiro (o estudo com os Hervanos), contribuir para reiterar, depois de décadas, a proposta de Latour de que jamais fomos modernos transgredindo, através dos relatos de risco desse estudo, em particular, a ficção da dualidade e da separação. Para tal, utilizo como referencial teórico/metodológico a Teoria Ator-Rede.

Em outras palavras, o objetivo geral da tese é questionar a modernidade.

Objetivos específicos

⁴ Formigas branquinhas é o nome carinhosamente dado ao coletivo de pesquisadoras e pesquisadores que estudam e produzem trabalhos no campo da ANT no PPG-MA/UERJ. Este nome faz alusão às formigas farejadoras de Latour (ANT) e à professora Fátima Branquinho, a responsável por nos apresentar a essa forma apaixonante de fazer pesquisa.

Seguindo o referencial teórico/metodológico, para alcançar o objetivo geral foi necessário traçar alguns objetivos específicos descritos a seguir.

- i) Relatar a minha trajetória acadêmica e os caminhos que percorri até a TAR;
- ii) Justificar a escolha da TAR como referencial teórico-metodológico;
- iii) Descrever os relatos de risco obtidos no trabalho de campo;
- iv) Propor a rede sociotécnica do Rancho dos Hervanos;

O ingresso no doutorado ocorreu no ano de 2019 e, em 2020, a pesquisa de campo foi impedida de ser realizada por conta da pandemia de COVID 19. A volta à comunidade só foi possível em 2022 para garantir a minha segurança e a dos próprios Hervanos. Assim, a maioria das entrevistas aqui apresentadas foi coletada durante a pesquisa do mestrado, conforme descrito em Rodrigues (2015).

Portanto, a pesquisa foi direcionada para revisitar o grande volume de material empírico, antes coletado, e que não tinha sido explorado durante a pesquisa de mestrado, ao mesmo tempo em que era feito o aprofundamento da leitura dos textos de Latour (1994, 2012, 2001, 2020b, 2021, 2016, 2014, 2019) como: *Jamais fomos modernos, Reagregando o social, A esperança de pandora, Onde aterrar?, Onde estou?, Cogitamus, Para distinguir amigos e inimigos no tempo do Antropoceno, Investigação sobre os modos de existência* e outros artigos que usavam a TAR como referencial teórico metodológico, como: Fernandez, Macedo e Branquinho (2018); Fernandez (2014); Branquinho, Sirena, Machado e Castro (2010); Latour et al. (2015); Latour (2020a); Branquinho e Lacerda (2017); Branquinho e Santos (2020); Silveira (2012); Sá (2021), ou dialogavam com a mesma – Albert e Kopenawa (2023); Krenak (2020, 2022); Maldonado-Torres (2020); Haraway (2014 e 2021) –, a fim de aprimorar as narrativas argumentativas para defender a ideia proposta na tese.

Na dissertação de mestrado, resolvi usar nomes fictícios para citar as personagens que compõem a pesquisa e, embora não tenha ficado satisfeita com essa decisão, resolvi continuar a usar o mesmo pseudônimo que usei durante a escrita da dissertação para nomear o Hervano mais idoso. Como ele não sabe ler nem escrever, foi difícil pedir uma autorização por escrito e, mesmo com a autorização oral gravada, não me senti à vontade para revelar seu nome real. Assim foi possível compor a tese com os autores dessas “histórias confusas” (LATOUR, 1994, p. 9).

Apresentação dos capítulos que estruturam a tese

A tese está organizada em cinco capítulos nos quais vou caminhando e contando as histórias dos mundos que compõem o universo de associações que pretendo fazer através dessa escrita. Aqui narro não só as histórias dos Hervanos, mas também a história dos não humanos e a minha própria história para poder mostrar, ao final, que os mundos não devem estar desconectados e que o social deve ser composto.

O Capítulo 1 vem traçando um pouco a minha trajetória acadêmica e os caminhos que percorri até chegar, desde o despertar até o encontro com a TAR. Este encontro me fez mergulhar em profundas reflexões sobre a forma de fazer pesquisa e de pensar o mundo, além de me proporcionar o entendimento de que muitas das contradições que me assombravam eram frutos de um pensamento que propunha sempre as dicotomias do “isto ou aquilo” da lógica cartesiana.

Neste capítulo também enfatizo o quanto foi doloroso o processo de entrada no doutorado, não pela situação ocorrida, ou por um problema pessoal, mas por sentir todo o preconceito acadêmico que uma proposta de tese com o referencial teórico/metodológico escolhido pode sofrer.

No Capítulo 2 apresento ao leitor o porquê da escolha da TAR como proposta de referencial teórico metodológico para desenvolver a pesquisa, trazendo também um pequeno ensaio sobre a teoria que também pode ser chamada de “sociologia das associações”.

Esse pequeno texto sobre a TAR pretende incentivar o leitor ao aprofundamento da mesma através da indicação de obras de Bruno Latour. Assim, apresento como o livro “Onde Aterrar” (LATOURE, 2020) é o verdadeiro “divisor de águas” da pesquisa, onde realmente se deu o encontro dos Hervanos com a TAR.

O Capítulo 3 é aquele em que inicio os relatos com os Hervanos. Onde estão? O que agregam? Qual é a composição dos seus modos de existência? Perguntas que tentei responder através da transcrição de depoimentos gentilmente cedidos por moradores da cidade de Cachoeiras de Macacu, (os Hervanos por nós) e das conversas com os próprios Hervanos quando das visitas às localidades do Araçazeiro e Serra Suja (os Hervanos por eles). É um lindo caminho que descrevo neste capítulo onde também já estão incluídos alguns relatos dos não humanos que compõem o “mundo dos Hervanos”.

Seguindo o caminho, chego ao Capítulo 4 com a proposta de reflexão sobre as responsabilidades do pesquisador e o papel da academia na consolidação do conceito de

modernidade, refletindo sobre a minha própria prática desde os primeiros encontros com os Hervanos. Neste capítulo, uma pequena introdução relativa aos conceitos de colonialidade e decolonialidade é apresentada, embora sejam questões que ainda estão sendo aprofundadas por mim, com relação à TAR, mas que julguei importantes no momento em que desejamos realmente compor mundos, naturezas/culturas.

O Capítulo 5 traz um pouco mais das falas dos actantes, através dos relatos de risco, que compõem a rede sociotécnica da produção do conhecimento do mundo comum, trazendo como objeto central o Rancho dos Hervanos.

Após evidenciar a rede, o capítulo final, apresenta uma conclusão “momentânea” sobre as ideias e reflexões que desejei registrar durante todo esse percurso, considerando sempre que a rede é dinâmica e esta tese é como uma fotografia de um momento. Mas, assim como no princípio cinematográfico, as várias fotografias de vários momentos serão unidas e projetadas quadro a quadro formando um filme.

Assim, faço o convite para que todos, a partir desta e de outras fotografias, possam produzir mais e mais para compor um filme que possibilite a experimentação de outros mundos, admitindo a total emergência do potencial de agir.

1 O PERCURSO RESIGNIFICADO PELA TEORIA ATOR-REDE

Caminheiro
Você sabe
Não existe caminho
Passo a passo
Pouco a pouco
O caminho se faz.
Astúlio Nunes

Início este capítulo, trazendo um pouco da trajetória acadêmica que percorri ao longo desta existência aqui no planeta, fazendo e refazendo o caminho a cada passo e a cada novo olhar, em cada leitura e reflexão, e admitindo as mudanças a cada momento.

Assim, escrevo pensando num tempo não linear, e num passado que pode ser de novo percebido, “rompendo a lógica cartesiana do passado imutável, porque sempre que mergulhamos neste e o ressignificamos, revelamos de maneiras diferentes o presente e, portanto, abrimos as possibilidades de agirmos e pensarmos de outras formas” (RODRIGUES, 2015, p. 16).

Portanto, hoje escrevendo esta tese, voltei ao passado para compreender quais foram esses caminhos percorridos que me fizeram chegar até aqui, mas observando as interseções entre estes dois períodos que se repetem como em um movimento helicoidal.

Vou narrando ao longo do capítulo os passos desse caminho desde o despertar como acadêmica e educadora ambiental, assim como, o encontro com a Teoria Ator-Rede, a decisão de ingressar num programa de doutorado e a escolha de um referencial teórico-metodológico que me possibilitasse não só continuar a pesquisa do mestrado, mas que fosse me ajudar a refletir sobre as questões e as perguntas que ainda continuavam a me instigar.

1.1 O despertar

Ao ingressar no curso de licenciatura e bacharelado em química pela Universidade Federal Fluminense (UFF), em 1984, não tinha a menor preocupação com o meio ambiente e nem tão pouco com as questões sociais, queria mesmo era trabalhar solitariamente em um laboratório e desenvolver substâncias mirabolantes que pudessem me projetar no mundo científico. Triste essa minha ilusão, ainda bem que frustrada, que durou até quase a conclusão do curso, quando participei de um programa do CECIERJ que oferecia, naquela época, cursos presenciais, de aperfeiçoamento pedagógico. Neste programa, os estudantes universitários de química substituíam os professores que atuavam nas escolas estaduais durante as aulas dos cursos. Substituí um professor no Colégio Estadual Hilário Ribeiro e nunca mais deixei uma sala de aula desde então até a presente data. Curioso, porque nunca tive interesse pela carreira do magistério, mas como dizem por aí: “fui picada pela mosca”.

Em 1995, por concurso público, ingressei no magistério no Segundo Programa Especial de Educação, como professora de química DOC.I no Estado do Rio de Janeiro⁵.

Neste programa tive a oportunidade de conhecer outros olhares sobre a educação, ou melhor, novas facetas educacionais me foram apresentadas e uma delas foi a Educação Ambiental (EA).

Através da participação no projeto LAMAS (Laboratório do Meio Ambiente Social), idealizado pelo professor Ricardo Felipe da Silva, pude compreender a dimensão dialógica do processo educacional. Nesta época ingresso no curso de especialização em Educação Ambiental num convênio entre a UFF e a UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro).

A Educação Ambiental transformou-se num marco das mudanças ocorridas em minha vida, porque foi a partir dela que conheci mais profundamente Paulo Freire. Bebi na fonte de Freire para entender a condição de emancipação, de superação da opressão e da alienação que os pressupostos da Educação Ambiental invocam e que, numa perspectiva crítica, se contrapõem ao modelo de sociedade hegemônico vigente. (RODRIGUES, 2015, p. 22).

Reforço esta percepção com a ajuda de Loureiro (2006, p. 32), quando relata que ela é, “uma práxis educativa que é sim cultural e informativa, mas fundamentalmente política, formativa e emancipadora, portanto, transformadora das relações sociais existentes”.

⁵ Segundo Programa Especial de Educação (projeto dos ginásios públicos) do segundo Governo Brizola. O programa idealizado por Darci Ribeiro previa horário integral e tinha como base de suas concepções pedagógicas o construtivismo de Piaget (RODRIGUES, 2015, p. 22).

O curso se chamava “Nossa natureza é nossa cultura”. Neste momento a academia já percebia imbricação entre naturezas e culturas na composição dos vários mundos.

Escrevemos e apresentamos o projeto LAMAS no III Encontro Latino Americano de Educação Ambiental, em 1995, onde ganhamos a menção honrosa. As Figuras 1, 2 e 3 complementam essa história através de fotografias da época.

Figura 1 – Alguns componentes da mesa no III Encontro Latino Americano de Educadores Ambientais



Fonte: A autora, 1995.

Figura 2 – Professor Ricardo Felipe e eu apresentando o projeto LAMAS.



Fonte: A autora, 1995.

Figura 3 – Da esquerda para a direita: Prof. Ricardo Felipe, uma conhecida da época, eu e nosso orientador, professor Carlos Frederico Loureiro.



Fonte: A autora, 1995.

Continuamos com o projeto na escola até o horário integral ser totalmente extinto dos antigos Ginásios Públicos, processo iniciado pelo então governador do Rio de Janeiro, Marcelo Alencar (1995-1999).

Neste ínterim, constituí união estável e fui mãe em 1998. Assim, por dez anos me dediquei ao exercício materno e às atividades da escola, perdendo o contato com a academia.

Em 2005, passo a morar no município de Cachoeiras de Macacu (RJ) e continuo desenvolvendo trabalhos em EA, agora com o propósito de despoluição do Rio Macacu. Logo fui convidada para trabalhar na Secretaria Municipal de Educação de Cachoeiras de Macacu na coordenação de Ciências e EA. Assim, volto para a academia para uma especialização e, finalmente, o mestrado em Educação na FFP/UERJ⁶.

Com a volta à academia, começo a procurar quais foram as novidades sobre as questões ambientais, bem como da EA e, para minha surpresa, nada havia mudado, ou melhor, os problemas ambientais estavam bem mais agravados, com uma população humana bem maior, mais necessitada de alimentos, habitação e, com uma tecnologia que prometia

⁶ Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Toda essa história é contada com detalhes em Rodrigues (2015).

tudo isso. Sentia-me como se o tempo não tivesse passado desde aquele curso, daquela única turma do ano de 1995. Mas o tempo não parou, apenas me encontrava naquele helicoide de onde eu imaginava que não houvesse escapatória. Fiz o mestrado em Educação, mas sempre numa perspectiva voltada aos minorizados, tentando fazer o link entre as questões ambientais/educacionais. A dissertação intitulada “Diálogos interculturais e ambientes alfabetizadores na escola” teve como objetivo investigar o processo de alfabetização das crianças da comunidade dos Hervanos. No entanto, o Mestrado não foi suficiente para minha satisfação pessoal, talvez precisasse de algo diferente, de uma nova aventura, não no sentido pejorativo da palavra, mas no sentido de algo ainda mais desafiador. Segui à procura.

1.2 A caminhada árdua e a chegada intrigante ao PPG-MA

Na busca de um programa que pudesse me propiciar uma forma de continuidade da pesquisa do mestrado que satisfizesse a capacidade de acalantar as dúvidas e desalentos e que, de certa forma, farejasse as respostas que não foram satisfatoriamente encontradas na dissertação, vaguei por várias instituições. Estudei as propostas de seus programas, frequentei as aulas como ouvinte e li algumas teses relativas ao meu primeiro propósito de continuidade de pesquisa que era o “empoderamento da comunidade”. Minha proposta era que pudessem estabelecer maneiras de decidirem sobre seu processo de “mestiçagem cultural” (RODRIGUES, 2015, p. 66) e como isto poderia vir a encorajá-los a resolver os problemas, que estão sempre presentes, quando se trata dos conflitos relativos à posse da terra.

Embora já estivesse visitado por várias vezes o site do programa do PPG-MA, não encontrava em nenhuma de suas propostas uma que contemplasse a necessidade de continuidade da pesquisa.

Após a chegada da aposentadoria em uma das matrículas em que atuo como professora de química do ensino básico (ensino médio), no governo do estado do Rio de Janeiro, fui seduzida pelos estudos de práticas de terapias integrativas. No ano de 2018 ingressei num curso de especialização sobre essas práticas na Universidade Federal de Viçosa, onde o módulo principal era o conhecimento e manipulação de plantas medicinais. Após o término do curso, procurei por estudos, cursos e referências bibliográficas no Rio de Janeiro, para que fosse possível a troca de informações e atualizações no referido assunto. Nessas buscas, encontrei vários artigos da professora Fátima Branquinho, uma das principais atuantes

e fundadora do PPG-MA. Assim, enviei pedido para cursar, como ouvinte, a disciplina ministrada por ela e a professora Viviane Fernandez no referido programa.

1.3 O primeiro contato com a Teoria Ator-Rede

Fui aceita e muito bem acolhida pelas professoras durante o curso, mas, qual foi minha surpresa? Nada de plantas medicinais e sim, uma viagem sem volta na Teoria Ator-Rede (TAR), na qual o sociólogo francês Bruno Latour é o principal protagonista. Assim, vislumbrei a possibilidade de retomar a pesquisa iniciada ainda no mestrado.

A minha cabeça “fervilhou”. Iniciava-se naquele momento um processo de associações entre a Teoria Ator-Rede (TAR) e as várias nuances relacionadas às naturezas e às culturas que compunham os trabalhos realizados anteriormente. Pensava que abraçando esta teoria, também denominada de “sociologia das associações” (LATOURE, 2012), poderiam surgir novas respostas a partir desta perspectiva de compor novas ações e interações que a “sociologia do social” não dera conta de satisfazer na pesquisa anteriormente realizada.

Encontrei nas aulas, a cada leitura e discussão relativa à TAR, a chance de desenvolver algumas ideias que não conseguiria antes de conhecer a teoria ou, pelo menos, o que ela anunciava. Alguns desses pensamentos eram de que é quase impossível para o pesquisador não se envolver com o “objeto de estudo”, de que são necessários acordos amistosos nos momentos das pesquisas de campo, e de que as coisas, os objetos, podem modificar e serem modificados pelas culturas e vice-versa. Por isso devem ser considerados nas observações da pesquisa. Ideias consideradas como impossibilidades acadêmicas porque, para muitos, fogem do rigor científico e ético.

1.4 O doloroso processo seletivo

Incentivada pelas colegas do curso, que já faziam parte do programa, e pelas professoras, me candidatei a ingressar no PPG-MA, aceitando o desafio de organizar toda documentação e a proposta do projeto de pesquisa para submeter ao crivo da banca de

seleção, bem como a leitura dos textos propostos pelo edital em um curtíssimo espaço de tempo.

Embora estivesse mais encantada do que familiarizada com a TAR, decidi pautar todo o projeto, usando tal teoria como referencial teórico/metodológico, mesmo já tendo a noção das rugas acadêmicas já detectadas entre a sociologia das associações e a sociologia do social. Ainda assim, arriscando ter o meu projeto rechaçado pela banca, insisti no firme propósito, pois não via outra maneira de continuar a pesquisa iniciada desde a minha chegada à comunidade dos Hervanos em 2009 e publicizada em 2013 na monografia do curso de especialização e em 2015 na dissertação de mestrado.

Apesar dos avaliadores da banca terem gostado do tema e da proposta daquilo que chamaram de meu “objeto de estudo”, que entenderam ser a comunidade dos Hervanos, consideraram Latour como uma péssima escolha e a Teoria Ator-Rede nada relevante para embasar a pesquisa, chegando à perplexidade e ao não entendimento de como o projeto seria desenvolvido. Confesso que, do que eu escrevi naquele momento para a apresentação, pouco foi aproveitado, agora, depois do aprofundamento na proposta da TAR.

Um dos professores arguidores da banca, muito irritado, disse que eu possuía “um diamante nas mãos”, referindo-se à comunidade dos Hervanos, que para eles era o meu objeto de pesquisa, e não poderia cometer a “blasfêmia acadêmica” de propor a etnografia de um objeto sociotécnico e não dos próprios Hervanos. Naquele momento, concluí que chamar os Hervanos de “diamante” referia-se ao valor que essa comunidade agregaria aos estudos da academia e ao próprio programa. Hoje as minhas reflexões me levam a questionar que tipo de diamante estariam falando. Seria em um diamante bruto que, através da academia, precisava ser lapidado para ter seu valor potencial expandido? Ou esse mesmo diamante deveria ser preservado e intocado como “mito de preservação”? Não sei a resposta, mas parece que toda irritação era por conta das disputas acadêmicas entre a sociologia do social e a sociologia das associações.

A apresentação chegava ao fim e para mim tudo estava perdido, recolhi meus pertences, agradei pelas contribuições dos avaliadores e por terem emprestado seus ouvidos para me escutarem. Saí da sala sem esperanças e já me considerava reprovada por conta da reação dos avaliadores.

1.5 Como eu gostaria que tivesse sido

O diálogo que apresento a seguir traz um exercício que expressa como eu gostaria que tivessem sido feitos os questionamentos e interpelações da banca durante o processo de ingresso no PPG-MA. Tal ideia surgiu durante a proposta de trabalho final da disciplina “Tópicos especiais em construção social do meio ambiente: da prática da pesquisa nas ciências sociais IV”, cursada no 1º semestre de 2023, na qual, a partir da releitura do projeto inicial, verifiquei falhas e contradições que só agora, depois de uma maior compreensão, mas ainda inconclusiva, da Teoria Ator-Rede, puderam ser observadas.

O diálogo registra os desafios para a elaboração da presente tese:

Professor: Bom! Ok! Seu tempo de apresentar esgotou!

Aluna: Certo professor, já terminei!

P: Se bem entendi, você deseja usar a ANT como seu referencial teórico metodológico certo?

A: Sim e estou usando!

P: Quanta certeza! Bem, então como você explica o seu título? “Quem é o dono da terra? A rede sociotécnica da porteira que separa os “Hervanos” e a escola.” Como você já tem certeza que a tal porteira estará no centro de sua rede sociotécnica? Você não sabe que a rede é construída ao longo das informações que os atores produzem durante as narrativas coletadas durante a pesquisa?

A: Sim, mas eu já pesquisei e acho que a porteira influencia na vida da comunidade dos Hervanos.

P: Sim, bom, vamos falar, então, da comunidade. Realmente são bem interessantes, um verdadeiro diamante que você tem para pesquisar, mas a sua descrição sobre eles, não parece nada ANT. Você diz que se trata de uma comunidade tradicional que se encontra na localidade por pelo menos 200 anos, tem suas bases de origem em etnias africanas e indígenas e se constituíram através de laços familiares.

A: Sim, realmente eles são assim, ah..., e são diferenciados também.

P: Mas, se realmente é assim, por que a antropóloga teve dificuldades, de obter meios de identificá-los a partir de uma das categorias pré-existentes da Política Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais PNPCT- decreto 6040/2007, principalmente pela falta de um autorreconhecimento?

A: Bom, acho que eles ainda não sabem o que são, justamente por isso é que quero continuar a pesquisa com eles, para poder ajudá-los a descobrir isso, pois, ser classificada como uma comunidade tradicional assegura aos Hervanos usufruir dos direitos atribuídos pela PNPCT.

P: Hum, então por isso você já fez um julgamento prévio sobre eles e ainda por cima, deseja salvá-los. Você, assim, está violando a primeira fonte de incerteza tão fundamentada por Latour (2012, p. 40) “Não há grupos, apenas formação de grupos” e você já está determinando que tipo de grupo eles são, e parte do princípio que são comunidade, não seria melhor chama-los de grupo em formação?

A: É, acho que vacilei, mas não li nada sobre isso para escrever o projeto.

P: Continuando, vi que na página quatro do seu projeto, você fala da porteira com muita propriedade e afirma categoricamente que ela empodera o dono da terra e que impede o direito de ir e vir dos Hervanos. Mas você já pensou em outras possibilidades? Que esta porteira pode fazer com que as pessoas encontrem novos caminhos, novas possibilidades de deslocamento que pode ser até melhor do que este? Ao invés disso, você fecha a questão. Você está ouvindo o que a porteira está lhe dizendo? Só assim você poderá dizer que a porteira é um ator-rede, ou ainda mais, que ela ocupará o centro de sua rede sociotécnica, “só se ela representar a sua principal fonte de incerteza quanto à origem da ação” (LATOUR, 2012, p. 76), e ainda mais, “o ator é aquilo que muitos levam a agir” (idem, p. 75).

A: Ah, eu sei disso, mas não foi o que fiz quando descrevi a porteira?

P: Não. Você colocou suas impressões sobre ela, mas você não a ouviu. Bem, continuemos seguindo, ainda, o uso da ANT como referencial teórico metodológico. Vi que, na página oito, você usa Acselrad⁷ para sustentar uma argumentação. Ora, se ele souber disso ficará profundamente chocado. Latour e ele são totalmente incompatíveis, isso não existe!

A: Bom, talvez eu não tenha me expressado bem, mas foi exatamente isso o que quis afirmar, quando citei Acselrad e Latour no mesmo projeto, que a sociologia que ele prega não deu conta de resolver os problemas da modernidade.

P: É, pode ser que eu não tenha mesmo entendido a sua real intenção, mas, muito cuidado quando usar autores tão contraditórios. Seguindo seu texto, você faz muitas citações de Latour, principalmente do livro “Jamais fomos modernos”. Você só leu esse?

A: Não, eu li também “A esperança de Pandora” e alguns artigos das professoras Fátima Kzam e Fátima Branquinho.

⁷ Na época usei esta referência: ACSELRAD, Henri. As práticas espaciais e o campo dos conflitos ambientais. In: ACSELRAD, Henri. Conflitos ambientais no Brasil. Rio de Janeiro: RelumeDumará: Fundação Heinrich Böll, 2004.

P: Por isso, achei seu argumento fraco, você só repetiu as frases de Latour, mas não incorporou os conceitos da ANT, a todo o momento há contradições no seu texto. Olha essa sua frase na página dez: “Aqui, tratamos de discutir como a teoria ator-rede pode vir a contribuir com a pesquisa no território dos Hervanos para que seus saberes possam compor a construção do ambiente social e o empoderamento da comunidade.” Uma única palavra desta frase já contradiz toda a sua pretensão de fazer uma tese ANT: “empoderamento”. A ANT não empodera e nem sobrepõe, ela planifica no sentido de construção de um mundo comum!

A: Nossa....pensei que já sabia bastante sobre a ANT, por isso estava achando tão simples...

P: Eis a questão..., se você está achando simples, então não é ANT, não sei por que vocês se encantam tanto por esse referencial teórico.... Latour agora virou até ambientalista e ainda por cima é “coxinha”. Mas, seguindo, vejo algumas colocações interessantes no seu projeto como as perguntas que faz na página seis: “Quando, quem colocou e por que a porteira foi colocada? Quais fluxos são impedidos pela colocação da porteira? Quem é o dono da terra? Quais são os territórios dos Hervanos? Que significados trazem a porteira para a composição dos territórios/ambientes e conflitos territoriais? Como superar a dualidade (cultura hegemônica X cultura popular) que desencadeia esses conflitos e compor os ambientes sociais? O que a porteira que separa os Hervanos da escola agencia ou faz fazer?” Ora, quem sabe se realmente seguir a porteira encontre algumas respostas.

A: Hum... realmente, preciso fazer um bom relato para descrever essas situações.

P: Bom, o nosso tempo terminou. O meu conselho, se você passar, é de que mude seu referencial teórico/metodológico, essa ANT é muito complicada e não dá futuro, é sempre uma agonia todas essas dúvidas, o bom mesmo é estarmos certos e bem embasados por referências sólidas e irrefutáveis. Pense nisso, estarei a sua disposição e boa sorte!

A: Gratidão professores por seus conselhos e seus ouvidos. Até uma próxima oportunidade. Se não for pra fazer tese ANT nem venho! (a última frase é o registro do pensamento quando me retirei da sala).

Ao fazer esse exercício de escrita pude me dar conta do quanto acredito que a ANT, como referencial teórico- metodológico, vem a ser uma grande aliada nos estudos onde desejamos a composição de um mundo comum a fim de encontrar “onde aterrar”.

Compondo esse diálogo, onde só dez por cento é mentira, o resto é invenção (Manoel de Barros), percebi, em mim, uma metamorfose. E assim como os insetos, que passam por etapas intermediárias entre o ovo e o adulto, entrei no PPG-MA como ovo fecundado, “encantada” pela Teoria Ator-Rede, tornei-me larva, fui alimentada pelas leituras através das

queridas operárias, virei pupa e pretendo em breve nascer uma “formiga branquinha” dando conta da escrita da tese.

Assim, o próximo capítulo, em que relato a escolha da TAR como referencial teórico metodológico para a continuidade desse projeto, traz a um pouco do percurso dessa caminhada, fazendo e refazendo os passos do meu caminho, como ilustra a epígrafe que inicia esse capítulo que é um trecho de uma canção chamada “Caminheiro” de Astúlio Nunes⁸, que eu cantava na igreja nos tempos de adolescência e de participação no grupo jovem da igreja católica, hoje Matriz de Santa Terezinha em Campo Grande, bairro do Rio de Janeiro, onde cresci.

Neste sentido, o meu caminho nunca foi traçado por metas e objetivos a serem alcançados, mas sim do aproveitamento das oportunidades que o percurso oferecia....não existe o caminho....ele se faz. O importante mesmo é não deixar de caminhar e de se imbricar.

⁸ Caminheiro foi uma canção muito difundida nas igrejas católicas na década de 1980 e que até hoje é cantada nas missas. Composta e cantada por Astúlio Nunes e divulgada por Pe Zezinho. Disponível em: <<http://padrezezinhoscj.blogspot.com/2012/07/historia-da-musica-popular-religiosa-e.html>>. Acesso em: 29 jul. 2023.

2 A ESCOLHA DA TEORIA ATOR-REDE COMO REFERENCIAL TEÓRICO/METODOLÓGICO

Neste capítulo pretendo reforçar a importância da Teoria Ator-Rede e o porquê de considerá-la um referencial teórico metodológico imprescindível à composição de um mundo comum e habitável, desconstruindo as dicotomias aplicáveis às teorias modernas e ainda regidas pelo cartesianismo.

As questões ambientais como desmatamento, poluição, aquecimento global, num contexto de fome e neocolonialismo, são temas que estão guardados nas “caixas pretas indeformáveis e indestrutíveis”⁹, na perspectiva dos estudos científicos.

Tais questões estão centradas na busca das antigas e novas matérias primas, que emergem das necessidades do desenvolvimento das tecnologias que avançam em direção à modernidade e, aquelas, que ainda são consideravelmente importantes para a produção energética mundial. A consequência dessa inexorável exploração do planeta tem como resultado as lutas pela posse da terra e a mutação climática pela qual estamos passando.

Estas “caixas pretas” não podem ser acessadas sem que tenhamos que tentar desconstruir a lógica da modernidade, que capturou o adjetivo “social” e a ele atribuiu todas as respostas e resoluções para tais problemas. Assim, a Teoria Ator-Rede traz para discussão um novo entendimento e um novo olhar, ou, quem sabe, a recuperação do olhar “primitivo” do “social” que desejo elucidar neste capítulo.

A descrição dos objetos sociotécnicos, trazendo-os para a composição desse mundo híbrido de naturezas/culturas também é um diferencial na Teoria Ator-Rede, desierarquizando a importância desses atores na composição do mundo comum.

Assim, o encontro com o ensaio de Bruno Latour (2020), *Onde aterrar? Como se orientar politicamente no Antropoceno*, fundamentada na terceira parte desse capítulo, foi imprescindível para ajudar a defender o pensamento de que a construção do mundo coletivo pode vir a ser a única alternativa no sentido de resolução dos problemas relativos às questões ambientais/sociais supostamente, conhecidos, “dados” e guardados por muitas gerações nas caixas pretas. A ideia é que os estudos com os Hervanos, grupo que me ajuda nessas reflexões e que serão apresentados em breve, possam contribuir com a defesa desse pensamento.

⁹ Trata-se de uma metáfora com as caixas pretas dos aviões que possuem uma estrutura física muito consolidada, portanto quase indestrutível nos desastres aéreos. Tal objeto guarda todas as informações relativas aos procedimentos utilizados nas aeronaves necessárias para se compreender as possíveis causas de um acidente aéreo e que só podem ser abertas e pesquisadas através de instrumentos específicos e adequados.

2.1 Teoria Ator-Rede: ANT

A teoria Ator-Rede, a qual a partir de agora vou chamar de ANT¹⁰, nos convida a pensar que os elementos que compõem cenários não devem estar separados e, também, não devem ser atribuídos ao social.

Através de seus textos, Latour nos mostra que é necessário um estudo, sob a ótica da ANT, das ciências do mundo moderno, onde o “social”, na sociologia do social, é delimitado por fronteiras bem delineadas e composto por grupos bem definidos. Em outras palavras, o autor nos convida a borrar fronteiras entre os lados que compõem os conflitos e nos apresenta um novo pensar sobre o social, agora com a força das associações.

Para entender a proposta da ANT, é necessário, antes, compreender as diferenças entre as duas propostas dos estudos sociológicos colocados no parágrafo anterior, ou seja, entre a sociologia do social e a sociologia das associações.

O social da expressão “Sociologia do Social”, ou “Ciência do Social” passou a ser usado como explicação para todas as questões. Para tal, é importante compreender como a palavra “social”, tornou-se, de uma forma “vulgar”, um adjetivo pronto que serve para explicar qualquer formação de grupo, sem saber, portanto, se há conexões suficientes para que possam ser rastreados a qualquer tempo, onde todos os actantes, mesmo que de constituições diferentes, confluem para os mesmos objetivos. Assim, fica explícita a perda do sentido da palavra “social” como algo relacionado a um conjunto de associações que podem ser mudados a cada transformação que venha a ocorrer ao grupo.

Usar, então, a expressão “sociologia do social” significa a perda de potência de pesquisar ou estudar o social, ou seja, demonstra a fragilidade da própria sociologia, como a etimologia da palavra sugere: “estudo do social”, já que “tudo” já estará dado e com todas as explicações sob a forma de “fatos sociais”. A mim parece redundante, visto que sociologia e sociologia do social parecem ser a mesma coisa.

Latour (2012) também questiona quando uma única resposta é dada ao se fazer perguntas relacionadas às questões sociais¹¹ tornando-as todas homogêneas a partir de suas

¹⁰ Os revisores do livro *Reagregando o Social* afirmam que Latour “[...] se compara a uma formiga: míope, viciado em trabalho, farejador de trilhas. Por isso na tradução, optou-se por manter o acrônimo ANT – Actor-Network-Theory em inglês- ao invés de usar TAR” (LATOUR, 2012, p. 11). Como ant é formiga em inglês, ficou mais fácil relacionar esta metáfora ao autor, pois é como ele se identifica em muitos dos seus textos. Por esse motivo também usaremos ANT.

¹¹ Tais questões são: Que vem a ser uma sociedade? Que significa a palavra “social”? Por que se diz que determinadas atividades apresentam uma “dimensão social”? Como alguém pode demonstrar a presença de

respostas prontas, sem levar em consideração a capacidade de ação de humanos e não humanos. Esta proposta tem como seu defensor Durkheim (2007), ao usar como ferramenta o “fato social”, que correspondia à forma homogênea de agir perante fatores previamente “dados” e imutáveis. Esta proposta de pensamento sobre os agregados sociais tornou-se padrão da época e nos acompanha até hoje em todas as “esferas” dos diversos coletivos de humanos.

Contrapondo-se a essa forma de “entender os deveres da ciência social” (LATOURE, 2012, p. 33), Latour propõe uma nova teoria da ação que:

[...] Não admite o pressuposto básico da primeira. Afirma que não há nada específico na ordem social; que não existe nenhuma dimensão social, nenhum “contexto social”, nenhuma esfera distinta da realidade a que se possa atribuir o rótulo “social” ou “sociedade”; que nenhuma “força social” está aí pra “explicar” os traços residuais que outros domínios não explicam (LATOURE, 2012, p. 21-22).

Tal contraproposta foi disputada por Gabriel Tarde “nos primeiros tempos da sociologia, mas que nunca teve qualquer chance de ser desenvolvida devido à falta de ferramentas empíricas ajustadas a ela”, segundo Latour e colaboradores (2015, p. 9).

Tarde é considerado por Latour como precursor¹² da ANT, “uma teoria social alternativa” (LATOURE, 2012, p. 34).

Assim, Latour define que, para estudar com a ANT, é necessário que deixemos de lado a abordagem chamada de “sociologia do social” e sigamos a abordagem chamada de “sociologia das associações”, onde, na primeira escola, “insistem em que já somos movidos pela força de uma sociedade [...] a segunda escola se propõe a retomar a tarefa de conexão e coleção abruptamente interrompida pela primeira (LATOURE, 2012, p. 27).

Assim, a ANT surge como uma reconciliadora na proposta de reorganizar o próprio conceito de social, trazendo de volta a ideia de que este não está em lugar nenhum em particular, mas sim como “algo” que liga as coisas de um lugar a outro, que agencia, que “faz-fazer”. Na ANT o social volta como “associações”.

“fatores sociais” operando? Quando o estudo da sociedade ou de outro agregado social se revela profícuo? De que modo o rumo de uma sociedade pode ser alterado? (LATOURE, 2012, p. 19).

¹² No livro: “*Reagregando o Social: Uma introdução à teoria do ator-rede*” Latour (2012) demonstra na apresentação do livro, vários exemplos que corroboram essa consideração.

2.2 Os objetos são parte da nossa humanidade?

Pessoas e coisas enigmáticas, contai;
 capa de poeira dos pianos desmantelados, contai;
 velhos selos do imperador, aparelhos de porcelana partidos, contai;
 ossos na rua, fragmentos de jornal, colchetes no chão da
 costureira, luto no braço, pombas, cães errantes, animais caçados, contai.
 Tudo tão difícil depois que vos calastes...
 E muitos de vós nunca se abriram.
*Carlos Drummond de Andrade*¹³

Aqui, também, ressaltamos a importância dos não humanos, pois “... os fatos científicos são construídos, mas não podem ser reduzidos ao social porque ele está povoado por objetos mobilizadores para construí-lo” (LATOUR, 1994, p.12), que nos ajudam a rastrear as conexões sociais. Assim, por conta de haver uma cumplicidade entre os objetos mobilizadores e os fatos científicos, os atores humanos e não humanos ocupam a mesma posição de importância nesta teoria da ação, pois, ambos possuem agência. Portanto, por que não torná-las visíveis também, aos estudos sociológicos? Assim, faz-se imprescindível a relação de interdependência entre humanos e não humanos que é bem diferente quando tratamos das outras teorias.

A epígrafe que inicia este texto é um trecho do poema de Carlos Drummond de Andrade intitulado: *Nosso tempo*. Nele podemos ver que talvez, sem conhecer a ANT, o poeta se torna sensível à presença e necessidade dos objetos e de suas histórias na construção de um cotidiano comum a “quase-sujeitos, quase-objetos” (LATOUR, 1994, citando Michel Serres).

Segundo Latour (2012, p. 111), na modernidade, é como se “... uma poderosa maldição houvesse sido lançada sobre as coisas, elas permanecem adormecidas como servos de um castelo encantado”. Portanto, não é possível um objeto ser considerado apenas como um produto de tecnologia, pois “os artefatos reais são sempre partes de instituições, hesitantes em sua condição mista de mediadores, a mobilizar terras e povos remotos, prontos a transformar-se em pessoas ou coisas, sem saber se são compostos de um ou de muitos”

¹³ CORREIA. Marlene de Castro. Como Drummond constrói “Nosso tempo”. *ALEA Estudos Neolatinos*. Rio de Janeiro, n. 1, v. 11, p. 73 – 86, Janeiro-Junho 2009.

(LATOUR, 2001, p. 221). Neste ponto, a ANT invoca inclusive as narrativas desses não humanos ou coisas que “uma vez libertas do feitiço, começam a espreguiçar-se, a estirar-se, a balbuciar” (LATOUR, 2012, p. 111).

Também não é possível “os humanos existirem como humanos sem entrarem em contato com aquilo que os autoriza e capacita a existir (ou seja, agir). Um revólver abandonado é apenas uma porção de matéria, mas um atirador abandonado o que seria?” (LATOUR, 2001, p. 221). Portanto, segundo Latour (2001, p. 222), “os Boeings 747 não voam, fazem voar as linhas aéreas”, assim como a porteira, que separa os Hervanos da escola, não fecha, mas se faz fechar, alterando a possibilidade de encontros e as possíveis conexões entre os humanos e não humanos.

Revisitando a dissertação percebi que, com o uso das lentes da ANT, muitas outras questões foram observadas.

Poderia a ANT promover encontros a partir da controvérsia observada acerca da diferença das várias realidades culturais proferidas pela comunidade, e a cultura oferecida pela escola, que se apresenta como única e importante para a perpetuação do *status quo* da modernidade? Sendo assim, existe um único ensino adequado às crianças pertencentes à comunidade? Seria possível emergir uma rede sociotécnica em que o objeto central fosse relevante a tal ponto de modificar situações e fazer a diferença? Será que com a escuta dos relatos dos atores humanos e não humanos, sem que essas narrativas sejam traduzidas, mas sim promotoras de relevâncias políticas, seja possível saber quais conhecimentos são produzidos a partir do encontro dos Hervanos com a escola? E então, será que a partir daí chegaríamos ao dono da terra ou dos territórios?

Tais questões só surgem a partir do entendimento de que a ANT reforça a planificação e desierarquização de conhecimentos e culturas. Tais pressupostos também estavam postos durante a pesquisa de mestrado, mas, naquele momento, ainda não possuía os “recursos intelectuais necessários” para levantar tal discussão.

Ainda seguindo este mesmo caminho, de considerar a ANT uma metodologia adequada à continuidade da pesquisa, reconhecer e intensificar a ação dos não-humanos tornou-se imprescindível em minhas análises. Na época da dissertação, eu não sabia que lugar deveriam e/ou poderiam ocupar os objetos que me saltavam aos olhos.

Aqui também é importante considerar a desmitificação da teoria da purificação imposta pela modernidade, lançando assim, a partir da ANT, o conceito de hibridização.

Em “Jamais fomos modernos” Latour mostra o fracasso dos modernos em sua tentativa de purificação e diz que “talvez o quadro moderno houvesse conseguido se manter

por mais algum tempo caso seu próprio desenvolvimento não houvesse estabelecido um curto-circuito entre a natureza, de um lado, e as massas humanas, do outro” (LATOURE, 1994, p. 54). Neste sentido, Latour (1994) evidencia esse curto-circuito quando diz que enquanto a natureza “parecia reservada, transcendental, inesgotável, longínqua” (p. 54), assegurando sua constituição, não tinham como “classificar buraco na camada de ozônio, o aquecimento global do planeta. Onde colocar esses híbridos? Eles são humanos? Sim, humanos pois são nossa obra. São naturais? Sim, naturais porque não foram feitos por nós. São globais ou locais? Os dois” (idem). Por outro lado, as massas humanas também são difíceis de serem purificadas ou, como diz Latour (1994), “mapeadas”:

...em que mundo abrigar essas multidões? Estamos no campo da Biologia, da Sociologia, da história natural, da sociobiologia? É nossa obra [...] bomba demográfica é global ou local? Os dois. Portanto tanto do lado da natureza quanto do lado social, não podemos mais reconhecer as duas garantias constitucionais dos modernos: as leis universais das coisas, os direitos imprescritíveis dos sujeitos (ibidem)

Assim, a modernidade não deu conta de localizar os híbridos de humanidades/naturezas e, com isso, não sabe ainda o que é ser humano!

2.3 Onde Aterrizar? A descoberta.

No doutorado, os estudos me levaram ao conhecimento das obras de Bruno Latour que me ofereceram uma alternativa para encontrar uma resposta para localizar as minhas angústias com relação aos Hervanos. Em: *Onde aterrizar? Como se orientar politicamente no Antropoceno*, Bruno Latour (2020) nos traz uma proposta de como participar da composição de um mundo novo, que se situa em uma localização diferente da composição atual, um mundo “moderno e globalizado”.

Mas enfim, o que significa ser moderno? O que significa essa modernidade tão citada nesse texto? A modernidade é uma “seta” temporal que parte do hoje, ou do passado, até o futuro promovendo rupturas temporais, assim, ela constitui a dualidade entre o arcaico, localizado no passado e o moderno localizado no futuro. É uma seta que, segundo o conceito de temporalidade linear, segue sempre em direção ao chamado “progresso”. Neste processo dual preconiza, também, a ideia de vencedores e vencidos, sendo o moderno vencedor e o arcaico ultrapassado, vencido. Assim, “moderno, portanto, é duas vezes assimétrico: assinala

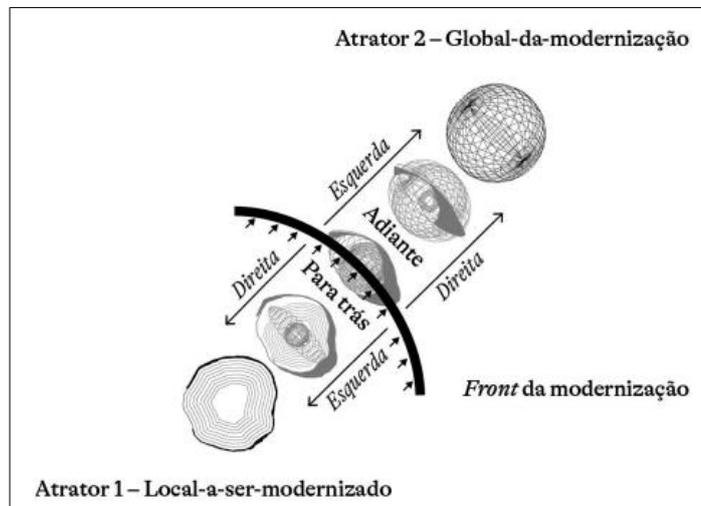
uma ruptura na passagem regular do tempo; assinala um combate no qual há vencedores e vencidos” (LATOURE, 1994, p. 15). Na modernidade não há misturas, mas sim purificação e fronteiras bem definidas, algo que já vem sendo desconstruído durante décadas. A modernidade, portanto, constitui ambiguidades entre naturezas e culturas, social e natural, novo e velho. Enfim, nada se mistura e tudo se encontra em oposição ao seu contrário, esse conceito é bem definido em *Onde aterrar*.

Deslocando o olhar a partir da leitura e da revisitação das entrevistas, começo a perceber que as questões e os problemas dos Hervanos que saltam aos meus olhos, na perspectiva moderna, não tem o mesmo significado para a comunidade. Seria por isso que resistem há tanto tempo? Diante de tantos questionamentos que estiveram a me assombrar como pergunta da pesquisa, chego a uma questão que me ajuda a pensar e se aproxima de alguma resposta: Se os Hervanos Aterram, como Aterram?

2.3.1 Para entender a globalização e a roda viva do progresso que a alimenta

A ideia de progresso tem início no processo de globalização em direção à modernidade. Latour propõe num esquema (Figura 4) traduzir a modernização como uma caminhada da humanidade através de uma seta, do mesmo sentido do tempo, que sai do local em direção ao global.

Figura 4 - Atrator global da modernização



Fonte: Latour, 2020, p. 40.

Para Latour (2020):

Prosseguir em direção ao Global era avançar sempre mais longe rumo a um horizonte infinito, empurrar sempre mais adiante uma fronteira ilimitada. Ao contrário, se nos virássemos para a direção oposta (para o Local), nutriríamos a esperança de reencontrar a segurança de uma fronteira estável e de uma identidade garantida (LATOUR, 2020, p. 54).

Por esse esquema, a globalização torna-se fator determinante para se chegar à modernidade. Tal globalização e a seta da modernidade oferecem problemas, “pois ser moderno, por definição, é projetar sobre os outros e em toda parte o conflito do Local contra o Global, do arcaico contra um futuro que, evidentemente, não diz respeito aos não modernos” (idem, p. 39). Porém, esse modelo traz um problema maior ainda: o de que não existe Globo que o suporte.

Essa falta de globo pode ser observada pela legião de humanos que ficam pelo caminho, suspensos nesta seta da modernidade, e pelo “novo regime climático (que) vem há tempos varrendo todas as fronteiras e nos expondo aos quatro ventos, sem que haja meios de construirmos muros contra os invasores” (LATOUR, 2020, p. 19). Temos, assim, uma situação na qual “todos estão diante de uma carência universal de espaço a compartilhar e de terra habitável” (idem, p.18).

Este sistema é alimentado pelo que chamo de roda viva, representado pelo esquema abaixo (Figura 5).

Figura 5 – Esquema representando a roda viva da modernidade.

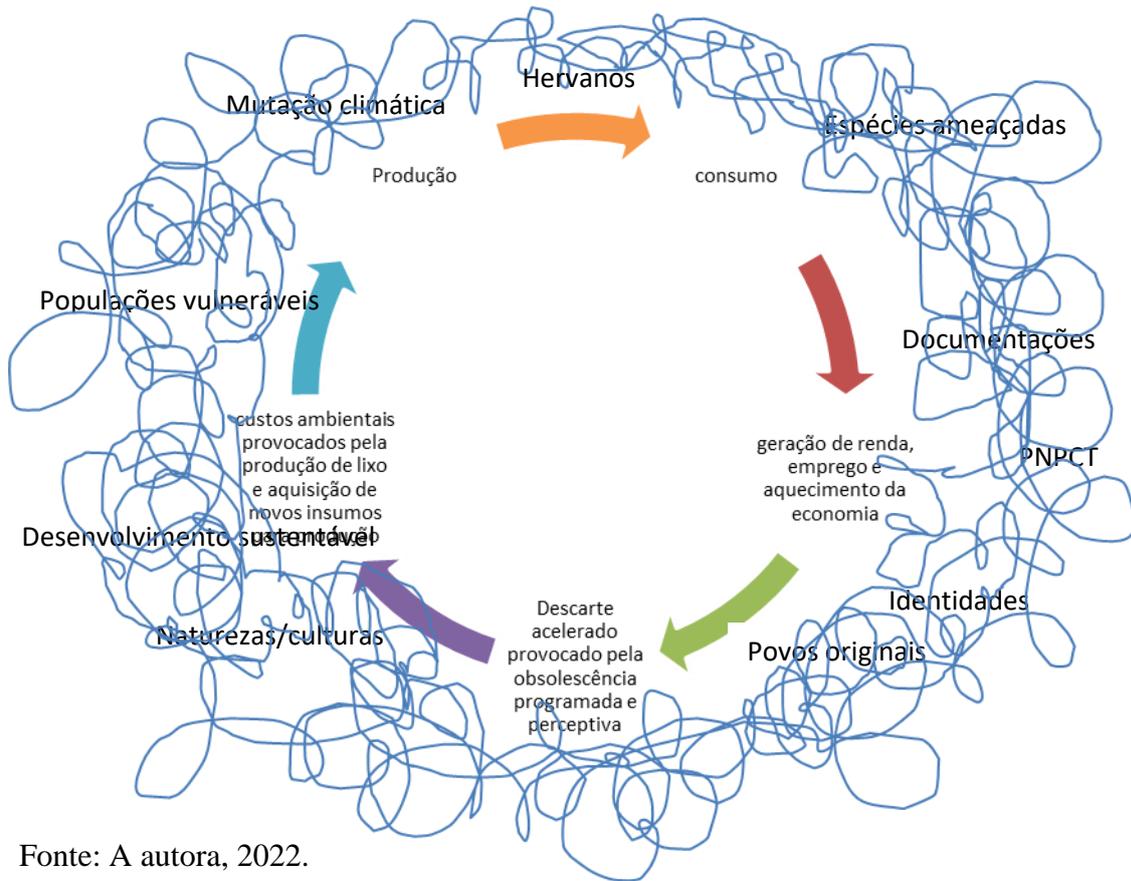


Fonte: A autora, 2022.

Este é o esquema, que caracteriza o círculo “virtuoso do progresso”, é visualizado pelo olhar da modernidade que produz o apagamento dos híbridos, já que a constituição moderna prevê a purificação e por isso que, simplificada, invisibiliza o verdadeiro emaranhado de atores que envolvem a modernidade e nem tampouco evidencia comunidades como a dos Hervanos que, por muitas vezes, desaceleram essa roda.

A Figura 6 tenta de maneira simplificada evidenciar alguns atores que ficaram imperceptíveis na modernidade.

Figura 6 - Esquema evidenciando os atores imperceptíveis à modernidade.



Fonte: A autora, 2022.

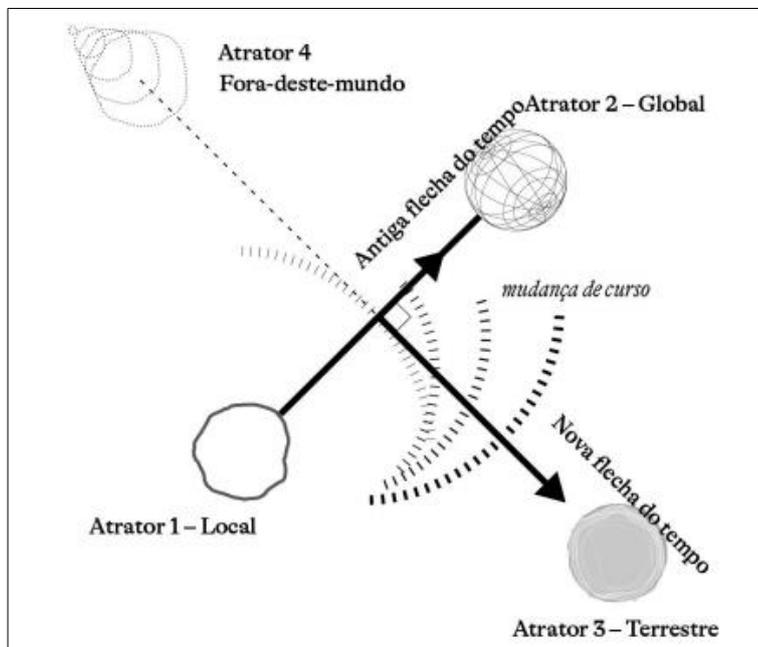
Em torno do esquema apresentado na Figura 5, simplificado, existe um emaranhado de vários outros atores que foram deixados pelo caminho, alguns deles foram evidenciados na Figura 6 como, por exemplo, os próprios Hervanos, as identidades, os povos originais, o PNPCT, as naturezas e culturas, as populações vulneráveis, as documentações de posse de terra, a mutação climática e vários outros que poderiam estar aqui demonstrados.

Assim, ao final do século XX, tivemos a percepção de que cada vez mais a modernidade “fez água¹⁴”. Neste sentido, se fazem necessários esforços para que esta roda viva se torne invisível, ou que seja dissolvida “pixel por pixel”, como diz Latour (2020, p. 131). Talvez essa tarefa possa ser executada se esses emaranhados de atores que foram deixados de lado forem evidenciados, desenrolados e associados, pois, nessa perspectiva, “Não se trata mais de retomar ou de transformar um sistema de produção, mas de abandonar a produção como o único princípio de relação com o mundo” (idem). Portanto, não há mais como nos projetarmos na globalização indefinida nem voltarmos ao Local.

¹⁴ Expressão utilizada pela professora Fátima Branquinho que significa que a modernidade fracassou e que eu adotei no texto.

Diante de tal situação, Latour nos propõe um novo atrator, aquele que nos conduziria a uma sobrevivência e a uma resistência: “por hora vamos chamá-lo de Terrestre, com um T maiúsculo, para enfatizar que se trata de um conceito e também para especificar desde já a que nos dirigimos: O Terrestre como novo ator- político” (LATOURE, 2020, p. 52). Latour chama de um “acontecimento colossal que precisamos compreender, corresponde, na verdade, à potência de agir desse Terrestre que deixou de ser o cenário, ou o plano de fundo, da ação dos humanos” (idem). E completa afirmando que se isso ocorre, é porque ele (Terrestre) participa dessa ação, e que agora a expressão “eu pertencço a um território” (LATOURE, 2020, p. 53), significa mesmo que ele me possui (Figura 7).

Figura 7: Indica a mudança de deslocamento ao Terrestre.



Fonte: Latour, 2020, p. 46.

Este Terrestre, que Latour chama de Novo Mundo, não está despovoado e nem se trata de uma terra desconhecida, ao contrário, ela está povoada desde sempre por aqueles que foram deixados para trás pela modernidade e que no momento “encontrou-se repovoado por uma multidão formada por aqueles que perceberam, muito antes que outros, que era preciso fugir o mais rápido possível da injunção a se modernizar.” (LATOURE, 2020, p. 54).

Neste emaranhado esquecido pela modernidade, estão os Hervanos, aqueles que por muitos são considerados esquecidos e desprovidos dos benefícios da modernidade e que, de certa maneira, são.

Estar neste emaranhado significa apresentar vulnerabilidades quanto à preservação de suas terras, sua natureza/cultura e, por vezes, também nas questões de saúde. Assim, é

importante compreender como resistem, pelo menos há duzentos anos, naquela localidade que vou descrever no próximo capítulo. Muito provavelmente se encontraram mais bem localizados no Terrestre proposto por Latour, do que nós.

A descoberta, portanto, depois da leitura do texto de Latour, foi de reconhecer nos Hervanos as características daqueles que estão mais próximos de povoar o Terrestre e, com isso, compor com eles um mundo comum, o que será apresentado no capítulo 3.

Este texto foi um divisor de águas para o pensar e, conseqüentemente, para a escrita desta tese. Fez-me compreender que não adianta somente criticar e questionar os modelos econômicos, mitigar processos destrutivos de aniquilação dos bens naturais, criar mecanismos de sobrevivência para os povos originais, achar que a ciência é tão poderosa que possui os meios de “salvar o planeta”. Tais ideias me fizeram compreender que estamos diante de um processo civilizatório, como “sapos na água quente” descrito na parábola popular.

No próximo capítulo, apresento para os leitores, um pouco do mundo dos Hervanos que tenho a honra de partilhar nestes escritos. Sim, um pouco, porque seria impossível trazer toda a riqueza que envolve as pessoas e o lugar onde vivem.

3 QUAL É A COMPOSIÇÃO DOS MODOS DE VIDA DOS HERVANOS?

TRIBUTO AOS HERVANOS.
 Com carinho, a vocês me dirijo.
 Somos concidadãos e irmãos
 Irmãos da terra, dos animais
 Das chuvas, e, até, dos vendavais
 Vocês me dão aulas de união
 Convivência sadia. Parceria
 A disciplina não vem de fora
 Ela se mostra
 Com o que de dentro vem
 Com os propósitos que se tem.
 Artífices da organização familiar.
 Inéditos em administração social.
 Sucesso!
 Como grupo.
 Como indivíduos.
 Como cachoeirenses.
Margareth Cardoso¹⁵.

Assim que fui morar em Cachoeiras de Macacu ouvia falar de pessoas que, por vezes, adentravam a cidade em grupos, sempre unidos e de forma coesa e que eram sempre observados por suas vestimentas, seu biótipo, seu modo de se comportarem perante as outras pessoas, sua forma de comunicação diferenciada. Algumas pessoas falavam desse grupo como se fizessem parte do folclore da cidade e, assim como fazem com os indígenas, também se fantasiavam com vestimentas semelhantes as suas durante os carnavais, sempre muito animados, da cidade. Esse grupo é conhecido como Hervanos.

¹⁵ Margareth Cardoso da Silva Soares – 65 anos. Nasceu e sempre viveu em Cachoeiras de Macacu – RJ. Pais e avós paternos e maternos também. Pedagoga aposentada. Alfabetizadora de crianças e adultos, orientadora educacional e pedagógica. Especializada em metodologia de ensino superior. Poeta. Escritora. Ocupante da cadeira de número sete, na Academia Cachoeirense de Letras. Pesquisadora amadora da história de Cachoeiras, seu povo, hábitos, talentos, características culturais, com ênfase na história oral. Artesã em fios têxteis, joalheria artesanal em prata e aproveitamento de materiais não convencionais na joalheria tradicional. Cervejeira artesanal e vovó “coruja”. Fonte: A própria Margareth.

Neste capítulo apresento as impressões que pude capturar sobre a comunidade, ou, sobre o grupo em formação dos Hervanos, a partir dos depoimentos das pessoas da cidade e também da própria escuta dos mais antigos da comunidade, registrando a sua localização com relação à Cachoeiras de Macacu.

Segundo relatos de moradores da cidade de Cachoeiras de Macacu, da localidade de Bom Jardim do Faraó e dos membros da comunidade que foram entrevistados durante a pesquisa de mestrado, trata-se de uma “comunidade tradicional”¹⁶ que se encontra na localidade por pelo menos 200 anos, tem suas bases de origem em etnias africanas, indígenas e até mesmo europeia, ou seja, são miscigenados, como a maioria da população brasileira, e se constituíram por laços familiares através de casamentos consanguíneos. As famílias se fixaram em pelo menos duas localidades razoavelmente próximas à escola, que são chamadas de “Araçazeiro” e “Serra Suja”. Vivem praticamente isolados em núcleos familiares.

Margareth Cardoso, autora do poema que compõe a epígrafe inicial desse texto, é uma dessas pessoas que me ajudaram nesse caminho de compreensão sobre esses habitantes de Cachoeiras de Macacu que tanto “causam”, que foram até tema de reportagem de uma rede de televisão aberta da região serrana.

Outro personagem ilustre que faz parte dessa caminhada é Jorge Elpideo Medina¹⁷ conhecido por “Passarinho”. Por ter amizade duradoura com os Hervanos e sempre frequentar as duas localidades, ele foi a ponte, aquele que me levou até a comunidade e me apresentou aos notáveis moradores da região.

3.1 Pisando no solo dos Hervanos

Os Hervanos se situam em duas localidades que denominei de núcleos familiares do Araçazeiro e de Serra Suja, desde a primeira vez que os mencionei em uma escrita acadêmica. Estas localidades ficam na cidade de Cachoeiras de Macacu, um município que faz parte da

¹⁶ Essa reflexão sobre trata-los como comunidade tradicional é feita no Capítulo 5.

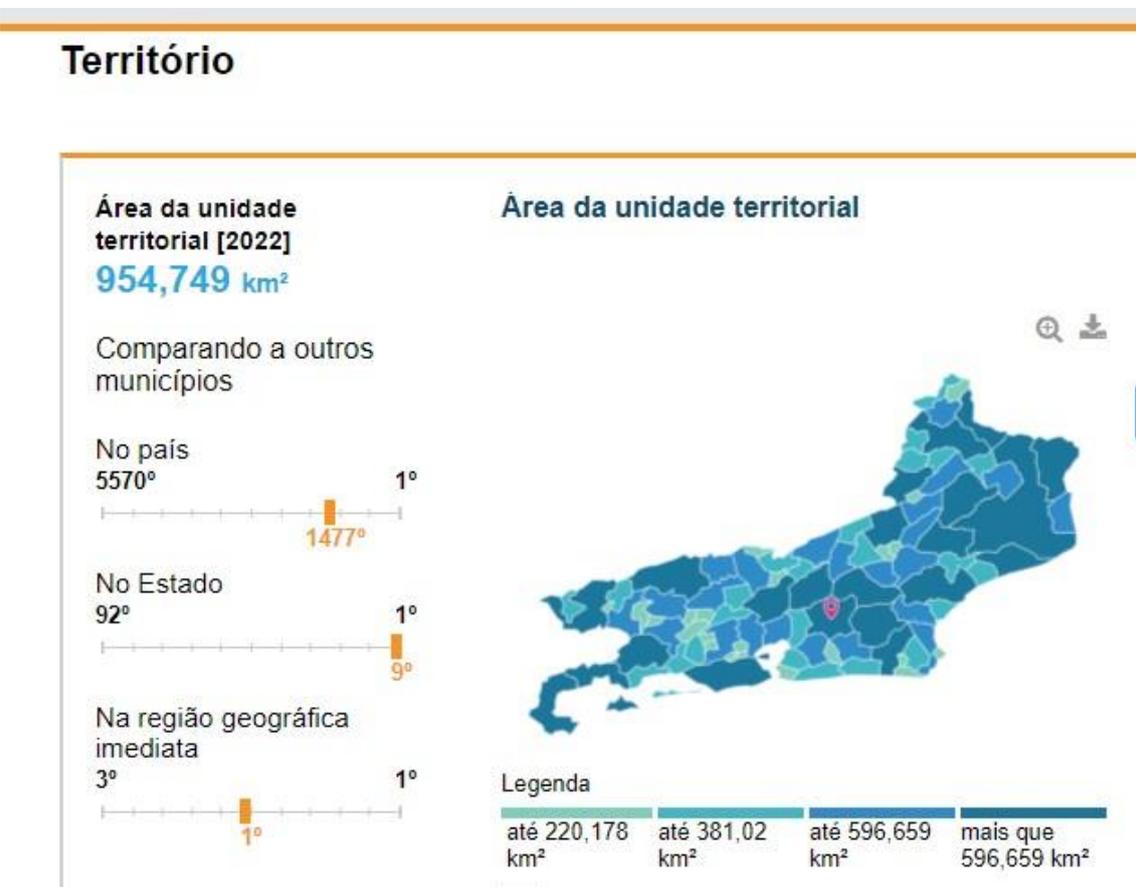
¹⁷ Jorge Elpideo Medina (vulgo Passarinho) é considerado pelo povo cachoeirense um mestre Griô – “Griô ou Mestre(a) é todo(a) cidadão(ã) que se reconheça e seja reconhecido(a) pela sua própria comunidade como herdeiro(a) dos saberes e fazeres da tradição oral e que, através do poder da palavra, da oralidade, da corporeidade e da vivência, dialoga, aprende, ensina e torna-se a memória viva e afetiva da tradição oral, transmitindo saberes e fazeres de geração em geração, garantindo a ancestralidade e identidade do seu povo.” Disponível em: <<http://graosdeluzegrio.org.br/acao-grio-nacional/o-que-e-grio/>>. Acesso em: 5 de ago. 2023.

região metropolitana do Rio de Janeiro, que se localiza ao noroeste do estado, a 97 Km da capital.

Um pouco da história do município de Cachoeiras de Macacu é narrada em Rodrigues (2015), apenas vamos fazer aqui algumas atualizações, aproveitando também os dados do censo 2022 e a lei municipal de abairramento (Lei 2428/2019) que estabelece as localidades do município de Cachoeiras de Macacu e o abairramento dos três principais núcleos urbanos (Sede, Japuiba e Papucaia).

As Figuras 8, 9 e 10 apresentam informações sobre o território, a população e área urbanizada do município de Cachoeiras de Macacu, segundo os dados do IBGE (2023).

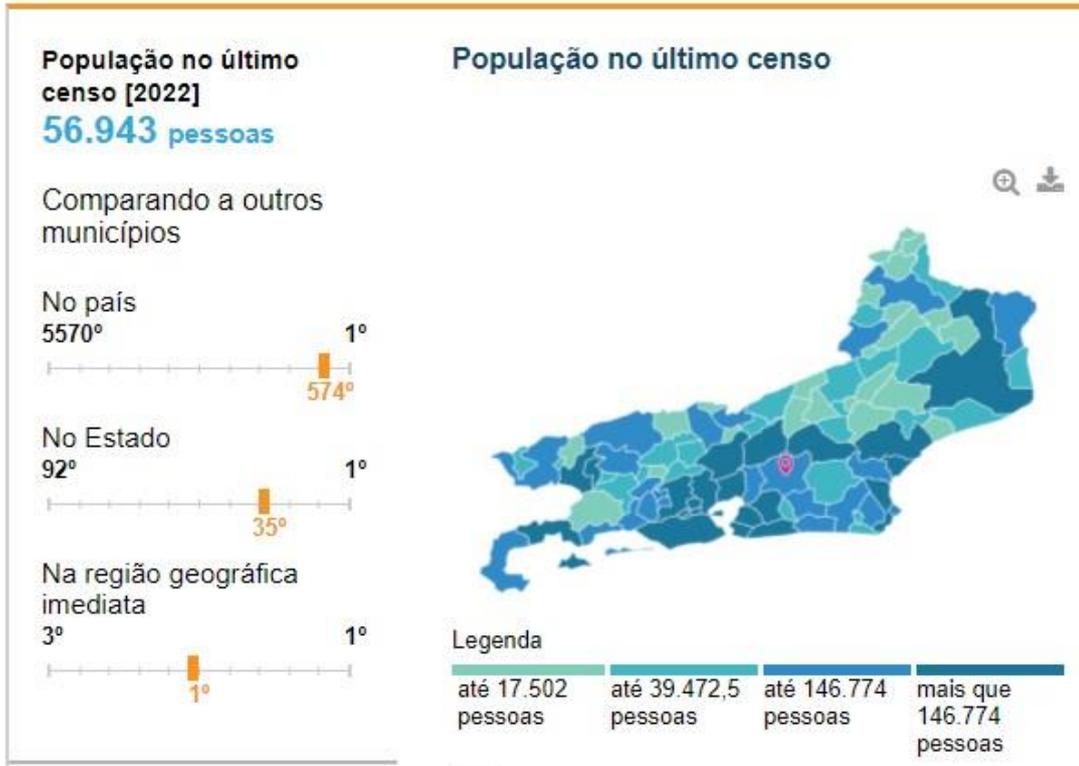
Figura 8 – Painel da área territorial



Fonte: IBGE, 2023.

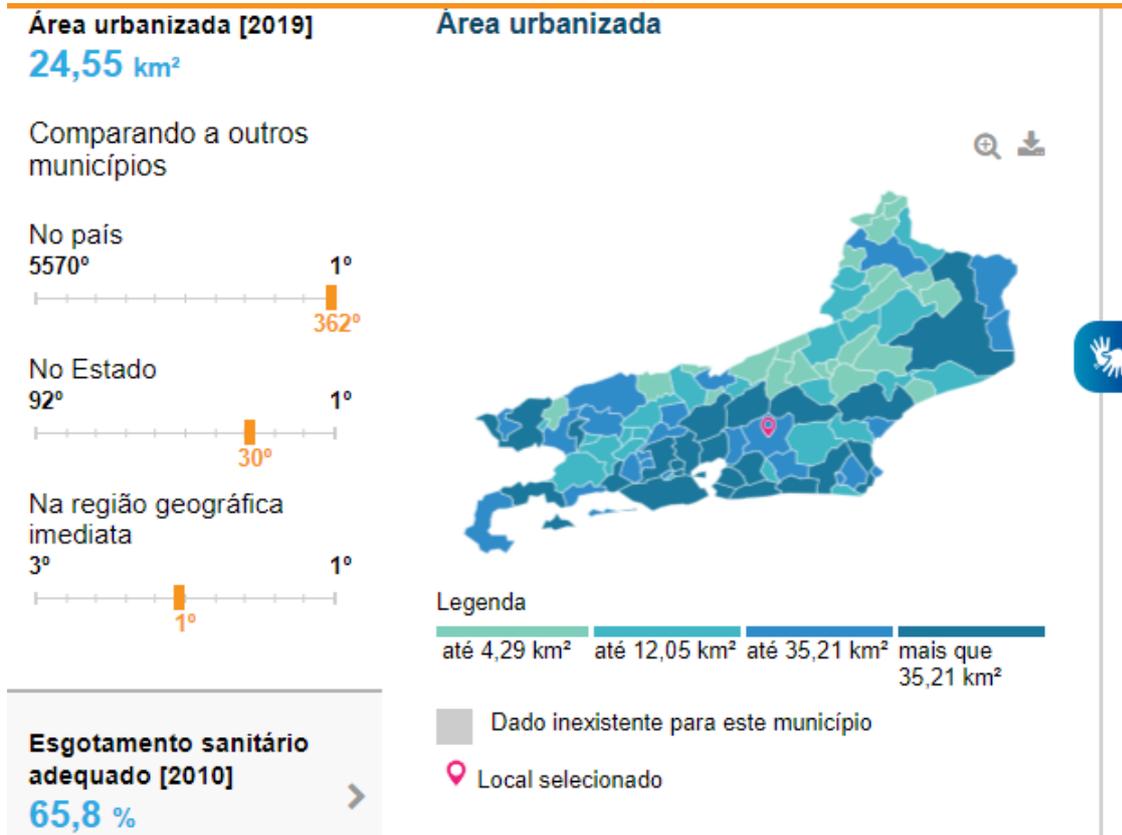
Figura 9 – Painel da população

População



Fonte: IBGE, 2023.

Figura 10 - Painel da área territorial urbanizada.



Fonte: IBGE, 2023.

A Figura 9 nos dá um panorama superficial em relação ao quantitativo de pessoas que habitam este município, dados estes que não expressam o quantitativo dos Hervanos presentes em suas localidades, visto que os recenseadores não coletaram os dados do Araçazeiro e Serra Suja.

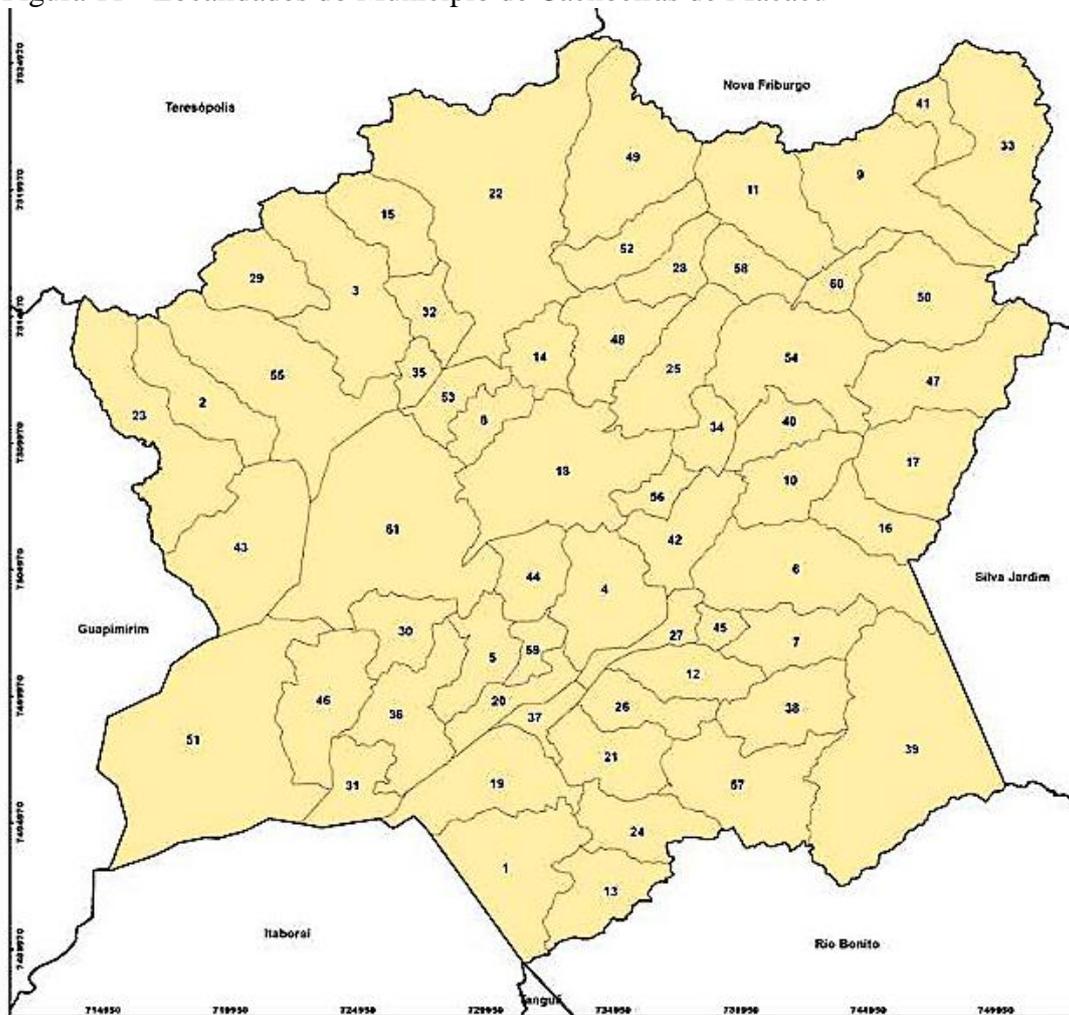
Pode ser observado, também, que a extensão territorial do município ocupa o nono lugar de noventa e dois municípios do estado (Figura 8) e possui uma densidade demográfica de 59,64 habitantes por quilômetro quadrado, sendo que grande parte dessas pessoas ocupam a área urbana que corresponde a, aproximadamente, cerca de três por cento do território, constituindo, assim, um grande vazio demográfico na área rural de Cachoeiras de Macacu. É, nesta área rural, mais especificamente, no lugar chamado Bom Jardim do Faraó, que estão fixados os Hervanos em seus núcleos familiares.

Bom Jardim do Faraó é uma localidade pertencente a um bairro do antigo 2^a distrito de Cachoeiras de Macacu chamado Faraó, antes conhecido como Batatal, por conta de uma grande fazenda de mesmo nome ainda existente naquela região. Hoje, com a nova legislação

de abairramento do Município, o bairro passa a pertencer à localidade do Bom Jardim, lugar onde se localiza também a Escola Estadual Municipalizada Bom Jardim (EEMBJ), onde estudam as crianças Hervanas.

Ainda, segundo o documento do abairramento, “Cachoeiras de Macacu possui sessenta e uma localidades, com denominação própria, englobando as áreas urbanas e rurais e que perfazem todo território municipal” (Localidades e Bairros de Cachoeiras de Macacu p.28) onde Bom Jardim é o de número dez (Figura 11).

Figura 11 - Localidades do Município de Cachoeiras de Macacu



Fonte: Documento de Abairramento (CACHOEIRAS DE MACACU, 2023).

O local conhecido como Serra Suja situa-se a cerca de dois quilômetros da escola, em um aclave que parte de 35m até 316 m de altitude. O outro local conhecido como Araçazeiro também fica a cerca de 30 minutos de caminhada da escola, dois quilômetros, mas

num aclave que mede entre 35 e 350 metros de altura. A Figura 12 fornece uma ideia sobre as distâncias entre as referidas localidades e a escola.

Figura 12 – Foto de satélite mostrando as localidades do Araçazeiro e Serra Suja e a EEMBJ.



Fonte: Google Maps. Acesso em: 15 jul.2023

Podemos observar pela foto que todo trajeto até o Araçazeiro é feito através de uma estrada, já para Serra Suja, há uma parte do caminho feito através da estrada e a parte final por uma trilha.

3.2 Os Hervanos por nós

Nesta parte do texto descrevo sobre como os Hervanos são “vistos” por moradores da cidade de Cachoeiras de Macacu, pessoas que nunca subiram a serra e os olham de longe sob a perspectiva de sua construção de civilização.

Aqui, parto do documentário realizado recentemente por uma emissora de televisão com relação ao modo de vida da comunidade. Apesar das reflexões da influência da minha pesquisa com os Hervanos ser abordada no próximo capítulo, inicio desse ponto por questionar que tipo de pensamentos e mensagens foram construídas pelas pessoas “locais” de Cachoeiras de Macacu sobre os Hervanos que levaram essa emissora de televisão a realizar um documentário de aproximadamente 9 minutos, o que não é pouco para uma TV aberta.

A reportagem está disponibilizada no canal do YouTube de Paulo Rosa¹⁸ e trás com ela falas de algumas pessoas da comunidade e outras do município. São essas falas que apresento aqui.

Uma dessas pessoas é Margareth Cardoso (Figura 10), que me concedeu um pequeno relato de suas impressões sobre a comunidade. Como ela nunca esteve no Araçazeiro e Serra Suja, essa fala é construída a partir das observações do comportamento do grupo fora de sua localidade, e que foram processadas por ela, desde que era criança.

“Tomei conhecimento da vida dos Hervanos ainda criança. Aos sábados, eu os via no armazém de Olímpio Andrade.

Era um grupo grande. Todos muito parecidos. Bem cuidados. Asseio. Capricho com o corpo e vestimenta. Mulheres usando rouge e baton, grampos prendendo as franjas dos cabelos. Homens de calças compridas e camisas tradicionais. As compras de sábado pareciam ser um passeio. E o capricho e vaidade deles, a mim, pareciam dizer:

_ Vejam, gostamos de vocês. Nos arrumamos para vir encontrá-los!

Eram reclusos, mas não antipáticos, nem agressivos.

Os animais (burros) os traziam e os levavam com as compras. A única que frequentava nosso centrinho urbano com mais frequência chamava-se Ervânia, (ou Vânia). Tinha amizade ou prestava serviço para a família de Chico Pinto.

¹⁸ Paulo Rosa, Reportagem da Tv Globo sobre a Comunidade Tradicional Hervana, localizada em Cachoeiras de Macacu RJ. Disponível em: <https://youtu.be/q22TcPl_oZk>. Acesso em: jul. 2023.

Mais tarde, lecionando na EJA¹⁹ tive o prazer de alfabetizar Selma Hervano, no Quintino Bocaiúva. Era casada, morada na Boa Vista. Excelente aluna em rendimento escolar e na socialização. Carinhos comigo. Boa colega de classe. Selma é de uma geração que foi migrando de Santa Fé para Cachoeiras em busca de emprego e melhores circunstâncias de vida. Passei a ver outros membros no comércio local.

Os Hervanos cumprem suas obrigações civis, todas. Não rejeitam nosso modo de viver.

Procuram postos de saúde, escolas, votam, trabalham. Moram em local de difícil acesso, mas não rejeitam a quem os procura.

Estatura, cor de pele, algumas crianças quase como os melanésios, a gente vê no documentário.

Geneticista e antropólogos poderiam enriquecer muito sobre sua genealogia. O cachoeirense precisa conhecer seus traços étnicos todos. É a história da nossa civilização.

Não à aculturação, porém, sim ao direito de viverem melhor, em todos os sentidos.

São pessoas!” (Relato de Margareth Cardoso, via whatzapp, setembro de 2023).

Figura 13 – Margareth Cardoso



Fonte: A própria Margareth, via Whatzapp, outubro de 2023

¹⁹ A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino destinada a educandos jovens e adultos que não puderam concluir seus estudos na idade adequada.

Este depoimento foi concedido, por Whatzapp, a pedido meu, pela Margareth, em agosto de 2023, e é importante notar que ela conta como sempre foi peculiar a aparição dos Hervanos no “centrinho urbano”, que é como ela chama o centro do município.

Relata que eles vivem isolados, mas não são totalmente excluídos dos benefícios que todos os cidadãos da cidade usufruem, apesar da maior dificuldade por conta do difícil acesso. Embora sejam, em sua maioria, analfabetos, precisam e usam os “papéis” institucionais, documentos, para assegurar a sua fixação à terra. Mas, quantos cidadãos que moram em grandes centros urbanos podem usufruir desses benefícios sem dificuldades?

Aqui, ela trata também no relato, de um êxodo que acontece com alguns moradores da comunidade, quando se casam com outros que não são da mesma família e reafirma a condição genética diferenciada que, por vezes, serve de chacota na “cidade civilizada”. No fim, nega a “aculturação”.

Aqui cabe ressaltar que aculturação é um conceito usado pelo pensamento moderno, onde pressupõe uma hierarquia cultural entre aquelas modernas (hegemônicas) e as arcaicas e primitivas, onde a primeira, considerada mais importante, se impõe sobre a segunda, provocando assim a degradação da identidade cultural²⁰. A ANT pressupõe a hibridização entre as culturas onde só assim será possível a composição do mundo comum.

Em seu relato ela também clama “o direito de viverem melhor em todos os sentidos”, mas que sentidos serão esses? Fiquei imaginando que esse “viver melhor em todos os sentidos” deva ser viver como “nós”, agraciados pelo “conforto” sempre projetado pela nossa mente moderna. Mas, a fala de dona Maria no documentário já mencionado neste capítulo não corrobora muito com essa percepção:

“Daqui eu thenho água sem comprar, thenho o que eu quiser aqui eu thenho. É um impim, uma banana, não precisa comprar nada disso. Lá precisa comprar thudo. Vou ficar aqui até ver o que vai dar, até o fim da minha vida” (depoimento de dona Maria ao repórter Alexandre Kapiche da emissora que produziu o documentário 2023).

Outros relatos muito interessantes foram o do professor Silvio, um deles eu transcrevi do documentário, e o outro foi feito por ele, para mim, também, através de whatzapp.

Transcrição do documentário:

²⁰ Este tema volta a ser refletido no Capítulo 4.

“Nossa sociedade hoje infelizmente está embasada em cima do ter, eles lá estão embasados em cima do ser, eles são entre eles do jeito que eles são e gostam de ser assim. Eu tenho muito medo que, assim como com os indígenas, a nossa civilização acabe levando pra eles as coisas mais negativas do que positivas, eles não têm a ambição do mundo moderno. Pessoas extremamente simples, mas também extremamente trabalhadoras, extremamente honestas, cumpridoras de todos os compromissos sociais deles, muito, muito gente fina e de uma mansidão....a maneira deles falarem, a maneira deles serem, o biótipo que eles tem, físico, mental, isso pode ser muito agredido pela nossa civilização, infelizmente, acho que eles poderiam ser assistidos de outras maneiras, mas sem a gente querer entrar lá e querer mudar tudo, colocandosei lá....casas...até casas populares né. Eles não precisam disso não, eles precisam do nosso respeito.” (Depoimento de Silvio Francisco da Silva ao repórter Alexandre Kapiche da emissora que realizou o documentário 2023).

Relato fornecido pelo whatsapp:

“De uma ala daquele grupo convivi com dois irmãos, Adelino e Dorcino, casados com duas irmãs, minhas tias da família Silva. Trabalharam muitos anos como empregados na fazenda de meu avô, Nicolau Silva, pai de suas esposas. Já faleceram. Cresci no Faraó, me formei professor e trabalhei na Escola Estadual Professor Carlos Brandão, no Faraó de Baixo, de 68 a 74, e foi neste período que recebi a visita do Antônio pedindo para matricular-se no Ensino Supletivo, ele e mais de uma dezena de Hervanos.

Pessoas simples, com costumes bem primários. Andavam em grupo e tinham comportamento bem tranquilo e respeitoso. Ouvei muitas histórias sobre comportamentos exaltados em confusões acontecidas em bailes lá no alto de Serra Suja quando se sentiam ofendidos por alguém menos sóbrio, mas nada sei de real a respeito. Comigo, me tratavam e tratam até hoje, com muito respeito e amizade. Fui até convidado por Antônio, que ainda é o líder, para comparecer a um casamento. Não pude ir. Tenho especial carinho por todos eles. Só estivemos, eu e Creuza, uma vez, antes mesmo de Antônio se tornar o líder e antes de se matricular, lá no espaço deles. Ressabiados, custaram a nos atender, e do lado de fora da casa. Hoje, sei, a realidade é outra. Já os encontro aqui no centro da cidade em grupos menores ou mesmo em dois ou três. Esta semana, encontrei uma “Hervano” sozinha fazendo compra no Veneza. Conversamos rapidamente.” (Relato de Silvio Francisco da Silva – via whatsapp, em agosto de 2023)

O depoimento do professor Silvio já traz a conscientização de que os Hervanos se encontram num patamar de agrupamento bem diferente daquele que rege a “sociedade moderna”, enfatizando que a importância dada por esta sociedade a certos recursos não é a mesma dada por eles. Não nega a “aculturação”, mas se preocupa com que tipo de valores “civilizatórios” poderão ser transportados até eles, parecendo, assim, acreditar que a “nossa civilização”, como ele mesmo enfatiza, não está segura de seus valores para compor o bem comum. Penso que, com a compreensão da ANT, a composição desses mundos possa ser mediada e que a escrita desta tese pode contribuir para essa mediação.

Professor Silvio parece reconhecer nos Hervanos uma maneira de viver pacificamente entre os dois mundos, e talvez quando ele diz que “poderiam ser assistidos de outra maneira”, esteja se referindo a trocas de saberes e afetos que, se fossem concretizadas, agregaria valores nos dois sentidos.

Como narrado, foi professor de alguns deles, não na EEMBJ, mas em outra escola da região, um pouco mais distante da comunidade. Isto também será relatado por Seu Tônico em seu depoimento (ver item 3.2, Os Hervanos por eles).

Então, talvez os Hervanos não reivindiquem a cidadania, aquela dada aos humanos que habitam as cidades, mas sim a florestania, como diz Krenak (2022, p. 75), “como um novo campo de reivindicações de direitos”. Seria esse novo campo de reivindicações importante para compor o mundo comum e, assim, aterrar? Talvez propostas como essa sejam fundamentais para o deslocamento em direção ao novo atrator Terrestre.

Esses depoimentos tornam concretas a maneira como os Hervanos são percebidos pela população mais velha e que nasceu e sempre morou em Cachoeiras de Macacu.

Talvez, para os mais jovens, essa percepção fique cada dia mais próxima do imaginário folclórico que trazem, pois, foi assim que tomei conhecimento da comunidade, através de alunos jovens que narravam histórias fantásticas sobre eles e quando queriam causar bullying²¹ aos colegas com aparência semelhante à dos Hervanos.

²¹ Bullying é uma palavra de origem inglesa que designa atos de agressão e intimidação repetitivos contra um indivíduo que não é aceito por um grupo, geralmente na escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/bullying.htm#:~:text=Bullying%20%C3%A9%20uma%20palavra%20de,em%20agress%C3%B5es%20e%20intimida%C3%A7%C3%B5es%20constant&similarity=100>>. Acesso em: 13 ago. 2023.

3.3 Os Hervanos por eles

Certa vez estava assistindo a defesa de uma tese e um dos avaliadores relatou que gostaria muito de conhecer as entrevistas realizadas nas pesquisas, na sua integridade, pois eram citadas apenas por partes no corpo do texto. Pensei naquela reivindicação e decidi que nesta tese estaria presente, na íntegra, pelo menos um dos diálogos travados durante uma das entrevistas com o mais antigo Hervano da comunidade: Seu Tônico.

Assim, para entender um pouco sobre o mundo dos Hervanos, apresento aqui este diálogo, embora, algumas de suas partes já apareçam durante esta escrita para contribuir com algumas reflexões.

Inspirada por uma abordagem qualitativa de cunho etnográfico, foram quatro os caminhos percorridos pela investigação: entrevistas informais com a comunidade escolar (professoras, funcionárias atuais e já aposentadas) e com a comunidade dos Hervanos, algumas gravadas outras não, que compuseram aproximadamente quinze horas de gravação[...] A pesquisa produziu também um rico acervo fotográfico da escola e da região. (RODRIGUES, 2015 p.79)

Importante ressaltar que o diálogo foi transcrito na íntegra com as palavras citadas por todos os participantes. Participaram Passarinho, Denilson Siqueira (nosso fotógrafo), seu Tônico e eu. Algumas vezes, para facilitar a leitura, faço intervenções explicativas. Utilizo “T” para sinalizar as falas de Seu Tônico e as letras em itálico, “N” para sinalizar a minha fala, “P” para as falas de Passarinho e “D”, para as poucas falas de Denilson.

3.3.1 A “prosa” do dia

No dia 18 do mês de abril de 2014, subimos a Serra! A Serra Suja em direção ao encontro do “Seu Tônico”, um dos mais velhos moradores de lá, ou, como fala o professor Silvio, o líder. “A emoção de adentrar a mata e subir por trilhas, encontrando cursos de águas cristalinas foi inesquecível e quase inenarrável, algo que as palavras não dão conta. A serra é linda!” (RODRIGUES, 2015, p. 45).

Estávamos eu, “Passarinho” (Jorge Elpideo Medina) e Denilson Siqueira, um amigo que se dispôs a colaborar com sua valorosa “máquina fotográfica”, para que esse diálogo

pudesse ser revivido e também para levar ao leitor um pouco da nossa experiência através das belas fotos. Algumas delas ilustram esse texto (Figura 14).

Na subida, encontramos a esposa do Seu Tônico descendo a Serra com a filha e netos. Soubemos depois, ao encontrá-lo, que estavam indo ao médico, no centro de Cachoeiras de Macacu.

Fui recebida pelo o seu Tônico com um sorriso nos lábios. De pés no chão, trajes simples e linguagem peculiar, sua figura de aparência franzina me remeteu a Euclides da Cunha em sua descrição do sertanejo como um homem de aparência totalmente contrária a sua verdadeira essência. [...] Seu Tônico é, antes de tudo, um homem forte, cuida de sua propriedade e de sua família. Planta, colhe, vive da terra e de uma pequena aposentadoria rural, é casado com Dona Maria, que também é Hervano. Sua mãe era irmã do pai de seu Tônico, portanto são primos. (RODRIGUES, 2015, p. 82).

Figura 14 - A chegada



Fonte: Denilson Siqueira, 2014.

Depois de sermos apresentados por Passarinho, começamos a “prosear”!

Expliquei a ele que gostaria de conversar um pouco sobre a comunidade, que gostaria de saber como eles chegaram até ali e que ele me contasse um pouco de suas histórias.

Então, iniciamos uma longa conversa, e uma esplêndida narrativa de verdades e fantasias. O início do diálogo não foi capturado pelo gravador, por isso ficou meio desconectado e decidi não incluir. Inicio a partir da primeira fala gravada.

Então, ele me contou que:

T- *Há um tempo, puxava muita banana desse bananal daqui, isso era tudo nosso, eu tirava daqui nessa época uns 3000 kg de banana, era semana toda puxando banana, aí depois o que eles tinham uma herança tamem, botharam peito com meu pai e metade do sitio eles tomaram conta. O finado papai ele thava lutando com advogado, mas nessa época Dr Fernando era advogado dele, mas depois ele trabalhando fora e a minha madраста doente também, acabando ele se enrolando todo e tomaram metade do nosso sítio aí. Agente tinha bastante banana.*

Sobre as origens, perguntei a ele:

N_ O senhor nasceu aqui?

T_ *Eu nasci aqui, meu bisavô meu avô, eu sempre falo com ele²², ele sabe de quanto vem isso, isso aqui vem. Até ontem eu fui lá na EMATER lá pra coisa umas pergunta lá pra eles lá sobre o projeto aí...aí eu fui lá na EMATER aí eu tava falando com ele que isso aqui vem dos 200 anos porque vinha do meu bisavô pro meus avô do meus avô pro meu pai, aí chegou uma época que eles não puderam pagar aí como eu já tinha o sítio em cima da terra aí eu entrei em frente, fui no INCRA, fiz os documento e pago intché hoje.*

N_ Se não o senhor tinha perdido também?

T_ *Tinha sim...se eu não entro em ação... Os meus sobrinhos é que ganha com isso porque eu toco a roça fácil. Eles até falaram “O senhor pode dizer que o senhor é dono disso, pode fazer uso capião se o senhor quiser, eu disse a eles, não vou fazer não porque tem meus filho que trabalha e eles gosta de fazer uma roça aí. Eu sei que eu vou lutar, eu thando vivo eu vou lutar por essa terra fazendo o que eu faço quando eu morrer deixo pra eles continuar fazendo a merma coisa que eu faço.*

N_ Quantos filhos o senhor tem?

T_ *Eu thenho oito filho entre mulher e homem, minha filha caçula desceu agora mesmo.*

N_ A nós encontramos no caminho, então ela é sua filha caçula, e os pequenininhos são seus netinhos?

T_ *São meus netos them uma de colo e a outra que vai andando.*

N_ Todos eles moram aqui com o senhor?

²² “Ele” refere-se à Passarinho.

T_ *Por enquanto mora.*

N_ *Que bom! Eles cuidam da roça com o senhor?*

T_ *Ajuda, essa menina aí sempre ajuda a mãe que ela tha bem cansada, essa minha esposa eu conheci ela e thambém o pai dela morreu cedo o outro irmão dela mais ela que cuidava sempre de trabalho na roça pra ajudar outros irmão pequeno. Ela foi uma que desde pequena vem trabalhando, ela fazia roça com a mãe, fazia farinha no tempo que eu morava aqui, ela fazia farinha pra ajudar na despesa da casa e eu sei que ela vem lutando até hoje. Hoje ela thá cansada, eu sei o que ela passou. Them as filha que mora com agente e dá uma ajuda a ela com alguma coisa.*

N_ *Certo...é uma luta né seu Tônico? Vocês vivem só do cultivo da terra de vocês?*

T_ *A minha esposa é aposentada, eu aposentei primeiro. Ela deu entrada na aposentadoria, aí o dia que o juiz falou, “ó tal dia assim a senhora vai receber um telefonema lá” passou, passou e nada, aí eu fui saber, o processo dela tinha ido lá pro Rio pro tribunal ai eu procurei o advogado que tinha “aposentado” o meu primo, aí eu fui lá bothei os documentos tudo em ação. O meu entreguei lá ele ai ele falou “ó tal dia o senhor vai lá no INS pro senhor fazer uma entrevista, aí eu fui lá, foi tudo certinho, uma pessoa que me athendeu lá foi muito legal comigo, ele falou “ó seu Antônio, vou fazer umas perguntha aqui, o que o senhor não quiser responder não responde” aí tudo bem né. “tá tudo certo Seu Antônio quero que o senhor thenha sorte, Tal dia o senhor vem aqui traz 3 testemunha” aí passou quando chegou tarde assim, a esposa do advogado, eu ia travessando a rua assim ali onde vai pra loteria, ela deu uma buzizada (fom fom) “Seu Antônio depois quero falar com o senhor, tem uma surpresa boa pro senhor” . Que surpresa é essa? “vai lá no INSS.O senhor thá aposentado” aí eu falei, mas que negócio é esse, eu não ia levar 3 testemunhas? Nada de testemunha num levou três mês eu já thava aposentado.*

N_ *Que maravilha!*

T_ *Disseram que era difícil, nada só dios (Deus).*

Passarinho pergunta:

P_ *Seu Tônico, obviamente o senhor não lembra dos duzentos anos pra cá. O senhor lembra o nome deles, dos seus avós e bisavós?*

T_ *Meu avô é Florindo Hervano pai do meu pai, meu pai Jorge Hervano.*

N_ *Dona Irene é irmã do senhor? (Dona Irene é a matriarca mais antiga do núcleo do Araçazeiro)*

T_ *É prima, O Hervano é do pai da Irene, irmão do pai da minha esposa.*

N_ *Sua esposa também é Hervano?*

T_ *É Hervano, a mãe dela era Júlia Cândido Espirito Santo.*

N_ Então o senhor e sua esposa são primos... é mesmo, tem muita criança com o nome Espirito Santo lá na escola, e percebi porque to fazendo um trabalho lá na escola.

T_ *A them muito sobrinho estudando aí pra fora também.*

N_ Eu já dei aula pra muitos Hervanos lá embaixo, em cachoeiras. O senhor sabe como vocês chegaram até aqui?

T_ *esse Terreno nosso vem lá da fazenda dos Ipês, e deixaram, se eu boboio, isso aqui também tinha ido, esse terreno vem de lá, até o morro do chapéu sol. Mas isso tem muitos anos, mas eu não sei como chegamos aqui, nem meu pai. Minha vó chamava Helena da conceição, só lembro deles pra cá, antes não sei mais nada. A minha vó por parte da minha mãe já é da parte dos Barcelos.*

N_ E a família Pinto?

T_ *Pinto é da mãe de Irene, que é irmã de Adilino e Hélio. Família Araujo é da parte de seu Dorvalino (segundo marido de Dona Irene).*

N_ E as crianças seu Tônico, elas gostam daqui?

T_ *As crianças gostam de morar aqui. Gostha, tem um netosinho ai que pega a foicinha dele ai e pede “vô amola minha foite (foice) dá lima” Se eu não fazer o que ele quer se zanga e briga comigo.*

N_ Quantas crianças moram aqui e com o senhor?

T_ *Thenho tanto sobrinho que nem sei. Morando aqui tem quatro de uma filha e dois dessa mais nova morando aqui nessa casa a mais velha tha com cinco anos. Thenho mais uma irmã que mora aqui mais acima logo ali na frente.*

N_ Deve ser complicado pra vocês aqui quando chove, eu vi sua esposa descendo com um bebe no colo e sua filha descalças para não escorregarem. Como é o nome da sua esposa?

T_ *A senhora não sabe de uma história, essa semana eles tinha marcado pediatra pra eles, eles saíram num tempo assim horrroso aí quando eles chegaram aqui na Mara, esse pessoal que vem aqui cuidar da gente (agente de saúde), aí chegou ali e ela falou “o carro do médico já tinha passado”.*

N_ Passa um carro lá embaixo pra pegar vocês?

T_ *Ai, eles perderam, volthou as criança com tempo ruim porque perdeu a viagem agora ficou pra marcar pra outra vez pra eles.. Minha esposa se chama Maria do espírito santo.*

N_ Sem Hervano?

T_ *É*

Sobre a Escola:

N_ O senhor conhece a escola, já esteve lá?

T_ *Já sim, na época de Valdeci que dava aula ali, ele era muito bom com as crianças amava as crianças, agora a muito tempo que eu não vou lá, parece que as crianças gostam da professora que tha lá agora.*

N_ Agente quer fazer uma aproximação com a escola, as professoras querem vir aqui conhecer.

T_ *Meu genro, tá no CIEP la fora, foi professor ali, o Zé Luiz, ele queria conseguir um professor pra dar aulas pra nos, ele até chegou ver, mas ficou assim meio fora de clima. Queria arrumar um lugarzinho aqui pra nós estudar, eu mesmo era um que ia estudar com ele.*

N_ O senhor sabe ler e escrever?

T_ *Eu só sei assinar meu nome, comecei e depois parei, professor Silvio Francisco era meu professor.*

Passarinho interrompe e diz:

P_ Silvio também foi meu professor, e ela também, (se refere a mim), foi minha professora. Gargalhadas!

N_ Vê se pode, ele também é meu professor e eu aprendo muito mais com ele (Passarinho)

As gargalhadas seu Tônico fala:

T_ *Sabe que é isso mesmo, as vezes um aluno da uma resposta melhor que o professor pra quem não é professor, um ajuda o outro nessa hora.*

N_ O senhor tá sendo meu professor agora?”

T_ *Uma vez uma dona veio lá de baixo, essas donas que o governo manda, chegou aqui me cumprimentou e tudo. “Como é o nome do senhor?” Eu disse. “Posso chegar seu Antônio?” Pode! “Quero conversar uns negocio aqui com o senhor” conversamo. “Seu Antônio, o senhor sabe ler?” Não “Como o senhor tem tanta experiência” eu expliquei muitas coisas daqui pra ela aí ela saiu daqui conthenthe. Eu gostho sempre de contar da vida e quando eu thenho dúvida aí eu pergunto. Aí eu sei que dá tudo certo.*

N_ Sua experiência de vida é muito rica! O senhor seria muito importante lá na escola, ajudando a professora a ensinar as crianças.

T_ *Eu queria muito estudar lá fora, mas é bem longe pra gente ir daqui lá, gostaria muitho de estudar um pouco se tiver uma escola pra nós aqui, vai dar muita gente, daqui se conseguir vai eu minha esposa, meu filho também porque ele thava com ideia de estudar e se tiver aqui eles vão querer, Ramildo tha querendo estudar parece que fez até a quarta série them o Célio thambém, Reginaldo, só daqui tem uns 4, com eu e minha esposa dá umas 6*

peessoas, e them meus sobrinhos daqui também, acho que vai dar mais de umas 20 pessoas por aí.

N_ Nossa, isso tudo? Quantas pessoas mais ou menos moram aqui seu Tônico?

T_ *Por aqui moram umas 50 pessoas. Daqui them João, them dois filho dele são 3, them meu sobrinho, 4 e por aí vai. A luz faz falta thenho 2 sobrinhos que precisam fazer nebulização mas não pode por causa da luz. Meu neto faz tratamento, acho que them 6 anos, ele não anda e precisa fazer tratamento em Friburgo ou no Rio, sai ainda de noite toda semana, eu não sei o que ele them, agente fala com ele e ele não responde, só faz sinal, acho que ele them problema de nervo desde que nasceu.*

P_ Vamos lutar pela estrada!

Entre várias prosas seguimos para caminhar pelo local com Seu Tônico, foi uma caminhada maravilhosa entre céus e serras e nascentes, muito cansativa também, Seu Tônico caminhou o tempo todo com os pés no chão (Figura 15):

Figura 15 - O caminhar de pés no chão



Fonte: Denilson Siqueira, 2014.

N_ Aqui é a nascente de vocês?

T_ *É aqui é a nascente daqui de cima, mas quando vem o frio ela diminui, aí eu pego com a borracha lá do outro riacho.*

P_ Tá batizado com o nome do senhor! (Passarinho)

Continuamos a caminhada!

N_ Aqui tem bicho brabo seu Tônico?

T_ *Como assim, cobra?*

N_ Onça, alguma coisa assim?

T_ *Nessa época sempre elas pareciam, mas de algum tempo pra cá não tenho visto não. Mas elas nessa época de frio assim vinham pra essas “areazinhas” assim pra criar.*

N_ Cansa ufa!

T_ *Eu tenho em Cachoeira muita gente conhecida*

P_ Seu Tônico o senhor não sente um comichão na orelha não? Estamos sempre falando em vocês lá embaixo.

T_ *Sinto sim, (gargalhadas)*

Depois de quinze minutos de subida, chegamos à casa de uma das irmãs de seu Tônico, Dona Anita. Fomos abordados pela cachorrada que protege a casa e seguimos caminhando.

P_ Quem é que deu o nome de Serra suja pra esse lugar?

T_ *Isso é do tempo dos antigos que bothou o nome, mas antes era batatal, mas não é batatal.*

N_ Mas a serra não é suja....

T_ *Foi um apelido que deram, mas agora eu organizei tudo e dei o nome de Rancho dos Hervanos.*

N_ Isso aí seu Tônico, serra limpa Rancho dos Hervanos e por que não, Serra Linda Rancho dos Hervanos?

Realmente a vista é maravilhosa e o lugar deslumbrante. Neste momento avisto uma enorme pedra de quartzo, maravilhosa encravada no chão (Figura 16). E continuamos a subida.

Figura 16 - A pedra de quartzo



Fonte: A autora, 2014.

Passarinho conta que chamavam o local de Batatal por conta de uma antiga fazenda da região com o mesmo nome, e mostra mais um córrego que ele mesmo nomeou como córrego Serra Suja, mas que, a partir de agora, iria nomeá-lo de córrego Rancho dos Hervanos.

Avistamos deste local toda a cidade de Cachoeiras de Macacu (Figura 17) e Passarinho descreve todo o relevo da região.

Figura 17 - Vista de Cachoeiras de Macacu



Fonte: Denilson Siqueira, 2014.

Chegamos à vista da pedra do Colégio (Monumento Natural da Pedra do Colégio – MONAPEC) de um ângulo que poucos têm a oportunidade de avistar (face leste, Figura 18), chegamos também, na divisa do Rancho dos Hervanos com o bairro Boa Vista, tendo ao fundo o barulho do rio do Chapéu do sol. Tal visão foi deslumbrante. Realmente foi uma grande oportunidade conhecer o lugar. Fiquei muito grata por este momento.

Figura 18- Face leste do MONAPEC



Fonte: A autora, 2014.

N_ O senhor anda tudo isso aqui sempre seu Tônico?

T_ *Sempre ando, quando vou roçar banana lá.*

Começamos a retornar, seu Tônico começa a contar os “causos”!

Os causos:

T_ *Um dia minha mulher thava pra ganhar neném, falou que thava passando mal bothei querosene no farol (lampião) e desci lá por onde passava aquela estradinha. Quando cheguei lá numa subidinha do morro, ela disse que num thava aguentando mais, tive que jogar ela no cangote, a “Valença” é que eu “aperthei o pé” cheguei na casa de “Sarafim” aí ele bothou ela no carro e levou pro hospital, foi do meu filho Célio.*

M Quantos anos ele tem?

T_ *Ele deve ther quase 30 anos. A senhora them que conhecer a minha filha que mora no Faraó que é esposa do José Luiz professor. Se ela conhecer a senhora vai ficar muito contente, a Juraci. Ela mora no Faraó de baixo e trabalha na água mineral fazendo almoço, ela é muito conhecida em Cachoeiras, ela them três filhos, uma estuda na escola.*

Neste momento passamos por uma área muito bonita e bem arborizada.

N- Aqui é frio?

T_ *Aqui é frio, mas ultimamente não them feito muiitho frio não.*

N_ Seu Tônico, o senhor tem alguma história antiga, algum causo pra me contar?

T_ *A eu só vou dizer um negocio, no thempo que eu era criança, eu e Adilino, nós só vivia junto desde criancinha, eu acordava cedo e ia pra casa dele pra começar fazer nossa “farrazinha”, aí nós ia aí pro mato com uma “setazinha” aí tinha esse passarinho saci....a minha finada vó falava, “olha criança se vocês encontrar o saci não remedar ele, ele é um passarinho meio esquisito”, aí eu fui remedar ele e começou a voar uma coisa feito cachimbo rodando pra lá e pra cá, eu fiquei com medo, aí eu fui alembrar o que a minha vó tinha falado que se agente começar a remedar ele fica brabo, fiquei meio “sarapatado” e rapei fora pra casa e falei pra vó que eu tinha visto o passarinho. Chega um tempo que o passarinho faz assim: “Thempo quente.....thempo quente....” (canto do passarinho) e ele rola uma coisa na goela igual a um cachimbo.*

N_ As crianças me contaram essa história que o senhor contou pra eles. Só que eles falaram que era um saci mesmo!

E continuam os causos (Figura 19).

Figura 19- Seu Tônico contando “causos”



Fonte: Denilson Siqueira, 2014.

T_ *E cobra que nós caçamos de seta, nós thava caçando e demo de cara com esse jararacuçu, esse vermelhão, parecido com uma coral, esse bravo. Nos thoma sentá pedra na cobra, dali a pouco ela bothou o rabo no chão e levantou pra dar o bote, aí nós fomo em cima dele e “pafe”, chegamo em casa eu falei, vovó demo uma surra num jararacuçu de seta! Uma ocasião, thava lá no bananal nós encontramos uma cobra lá e bathemo numa cobra, mas não pode matar a cobra não, aí thava meu avô Florindo nós tudo lá trabaiano lá de foice, aí rapaz, procurou a cobra e ela sumiu, quando foi à tardinha anoithecendo nós tudo na cozinha rapaz quando vimo, a cobra debaixo de uma mesa e foi a cobra que nós machuquemo foi um tal de gente pula fora e sair pela janela fugindo da cobra, deixemo a cozinha limpa, aí, o velho meu pai pegou um carajázinho (Espécie de taquara de rama sempre verde.), centou fogo e matou a cobra. Aí a finada minha vó disse, “eu não falei com vocês que se machuca cobra e não matar ela volta pra te pegar”. Minha vó, antes dela morrer ela contou que tinha dois companheiro que ia pro mato, daí disse que gostava muito de caçar, chegou lá pra dar uma descansadinha e comer uma merendinha e viu aquela cobrinhazinha entrando num buraquinho aí eles foram pra lá aí um cara cismou de tapar o buraco com uma rolha, o outro disse pra ele, não faz isso porque não é bom e o outro falou, eu vou tampar pra ela morrer aqui e quando eu voltar ela já morreu, aí passou aqueles thempos. Quando foi outro tempo assim, ele passou no mesmo lugar com um facão e disse, vou cortar isso aqui pra ver se a cobra morreu, aí o oto disse, não mexe nisso aí não... deixa isso tapado, aí disse que meteu o facão na rolha e cortou, nessa hora a cobra tava igual uma linha e pulou nos peito dele que o cara morreu no mesmo lugar, ali mesmo ele ficou de tanto veneno que tinha e de tanta raiva que a cobra thava.*

Eu já fui picado duas vezes, uma vez thava lá no capim, eu tirando capim lá de traz aí o jararacuçu me pegou, matamo a cobra e vim pra casa, meu pai trabalhava na Leopoldina, vim pra casa passando mal, nem fui pro hospital, ai foram buscar remédio pra mim lá na fazenda onde faziam o remédio de cobra, meu avô foi lá buscar, aí mandou avisar a meu pai que a cobra tinha me mordido, aí ele veio correndo.

N_ *Então seu pai trabalhou na Leopoldina?*

T_ *Trabalhou sim, ele era empregado de lá, ai meu pai veio pra casa e me aplicou a injeção, porque ele aplicava injeção, mas eu fiquei com a perna “dessa grossura assim”.*

Depois eu no bananal, outa cobra me pegou, mas dessa vez, corri direto pra casa, aí puxei bem aonde a cobra mordeu, amarrei bem e thomei uma colher de banha de lagarto, peguei uma gema de ovo, bothei em cima amarrei um pano e fui cortar banana de novo, fui entregar banana e só despois quando eu voltei de lá que fui no hospital, cheguei lá tinha um primo que

trabalhava lá, aí eu falei, vim aqui tomar uma injeção que fui mordido de cobra, mas eu já tho bem por causa do tratamento que eu dei, ele disse que eu só ia sair de lá segunda feira, você não vai embora hoje não, ele disse, me forçou thomar um soro. Aí fiquei lá, isso foi num sábado. Fiquei lá sábado, domingo e só saí de lá na segunda. A cobra pegou minha esposa num dia que eu tava vindo la´ da igreja de noite, naquele altinho que nós passamos. Aí levei ela de volta pro hospital. Deixei ela lá e volthei pra casa, quando thava volthando no escuro, ouvi um barulho na soca de bambu que tinha ali e tinha no meio do caminho, um cipó, rapaz, eu vim que tropecei naquele cipó de noite e pensava que era a cobra que tinha mordido ela que thava me esperando....saí batido e só no outro dia fui ver que era um cipó. Mas quando acontece alguma coisa assim agente já fica meio cabreiro e fica de olho. Ainda bem que thava eu e ela e se nós thava sozinho? Por isso não é bom andar sozinho no mato. Por exemplo, nos thamo andando aqui no caminho, mas pode acontecer de um botar o pé num buraco e quebrar o pé. Vou te contar rapaz, um dia, nos thava indo pro Faraó e passava um carro, agente gosthava de andar correndo atrás do carro de brincadeira, thomei uma pisada mal dada num buraco que quase fiquei ali... Meu irmão gostha muitho quando eu contho historia pra ele.

N_ Eu também adoro ouvir histórias, as histórias são maravilhosas. Essa mata aqui é maravilhosa também, muitas árvores centenárias e pedras que parecem ter caído de algum lugar e se arrumaram aqui!

P_ Graças a Deus eu rodo trilhas há mais de 20 anos e nunca fui surpreendido por cobra!

Agora, o retorno:

Nesse momento avistamos uma teia de aranha gigantesca que parecia mais com uma rede elétrica, conheci também um arbusto chamado Camboatã.

Já de volta a casa de seu Tônico, fomos recebidos pela cachorrada. Seu Tônico mostra todos os caminhos que levam a casa dos seus parentes.

Chegando à casa, fomos convidados para um cafezinho (Figura 20), Seu Tônico nos prometeu um almoço da próxima vez que voltarmos lá.

Figura 20- Hora do café com a companhia da cachorrada



Fonte: Denilson Siqueira, 2014.

Mas seu Tônico continua contando causos.

T_ *Agente conthava uma história meio esquisita na época da gente antiga. Disse que tinha as vez esse negócio de baile, então disse que tinha umas meninas, que aí então uns dizia, é acho que hoje não vai ther ninguém pra tocar não, não vai ther baile não, aí as meninas falaram, tem que ther o baile sim, rapaz, disse que quando chegou tarde da noite apareceu aquele cara num cavalo que saia fâisca do pé, jogando fogo dos pés, aí disse que as meninas tudo queria namorar o cara. Começou o baile, aí disse que tinha uma velhazinha com netinho sentada num banco, aí quando thava chegando a hora de terminar o baile, mas antes o garoto disse que viu o homem e falou, "Vovó, vovó, olha o pé daquele cara com uma ponta.*

N_ *Que ponta é essa?*

T_ *A ponta... um pé direito e outra com ponta "daquele cara". Aí disse que a velha disse: Entra pra ca meu filho, entra. A velha começou então uma "devoção" lá escondida, aí diz que um cara falou pro outro: rapá vamo se afastha que thá na hora. Diz que a velha lá fazendo a oração, daqui a pouco, o cara voou pela janela, disse que deu aquele estouraço que chegou a enfumaçar tudo! Disse que aquilo desapareceu! Esses causo era aqui na casa das pessoas.*

Tinha época aqui que tinha muita “vizage” por aí a fora, meu avô conthava muitho de quando ele trabalhava na fazenda do Ipê, as vezes quando ele volthava de noitinha. Uma ocasião meu tio, o pai de Irene e Adilino, thava trabalhando e quando thava chegando lá na baixada, topou com um tatu no caminho, deu uma foiçada pra matar o tatu, quando foi ver, que tatu que nada era o Inhanguçu que tinha virado tatu que existia.

N_ O que é Inhanguçu?

T_ *É um troço que thopa no caminho que faz você se perder no caminho e se você não tiver devoção, fica lá até o dia amanhecer, de primeiro existia esses troços.*

O pai de Darci que morava ali em cima, disse que um dia deu em cima dele um farol aceso e ele correndo, saltando até por cima de cerca, quando chegou em casa gritou: abre a porta aí papai que tem um farol me seguindo! Acabou pulando a janela de medo. O Inhanguçu perseguia pessoas, não era fácil não.

P_ Essa é a luz que muitas pessoas avistam em Cachoeiras. .

T_ *É sim, só não pega agente porque them devoção e muita reza. Meu pai e meu avô contava que eles vinham de noite pelo caminho e de repente o caminho fechava, ai eles falavam: já sei o que é, eles viravam se ajoelhavam e rezavam, faziam a devoção, quando virava de novo o caminho thava lá, quantas vezes meu pai contava isso.*

P_ O senhor já viu as bolas de luzes?

N_ *Já sim, já vi perto de um terreiro ali de casa, aí o irmão de Adilino, namorava minha irmã, nos thava no terreiro, quando vi aquele negócio que chegou clarear tudo e corri pra dentro de casa, aí, passou umas horazinhas, quando fui ver um estrondaço “BUM” no lugar, diz que acontece quando ela se muda de um lugar pra outro, aí quando a pessoa vê ela logo muda de um lugar pra outro, fiquei com muitho medo nesse dia.*

E os causos continuam tendo ao fundo o barulhinho da nascente.

N_ Gostei dessa vassoura.

T_ *Esse cipó tem a época de tirar é agora que não them lua, se tirar em outra época dá bicho. Igual se você for plantar feijão, them que plantar na lua, mas se plantar no sábado ou domingo faz o mesmo efeito da lua minguante. Este sábado vou tirar o bambu e a palha pra fazer as cestas se eu tirar hoje vai bichar tudo.*

N_ Tem alguma cesta pronta aí pra eu ver?

T_ *Não, não tho fazendo muito, fazia mais quando tinha mais roça, agora os menino tão colhendo aipim e colocando no saco, não tão usando muito, mas eu resolvi fazer umas cestas pra gente trazer umas bananas e agente ter uns cestos pra botar.*

N_ Só o senhor que faz os cestos? Ou mais alguém?

T_ *Faz eu, minha esposa, minha irmã, minha outra irmã faz, Os filhos não faz não.*

N_ *Mas o senhor precisa ensinar a eles! Se não vai se perder tudo.*

T_ *Eu fiz um cesto de bothar pão lá pra aquela padaria la embaixo. Agente faz ela do jeito que quiser raspa uma, outra não e passa uma tintazinha. Fica bonito. As pessoas gosta dessas coisas.*

D_ *Seu Tônico essa coisa de tirar o bambu e a palha sábado e domingo e lua minguante também serve pra plantar?*

T_ *Serve sim.*

N_ *Seu Tônico, isso é muita sabedoria, precisa passar pros seus filhos.*

T_ *Eu gostho de plantar feijão no minguante de vinte de abril, o feijão sempre dá bom, é só colher e bothar no batedor que ele thava limpinho, mas por exemplo, nas águas, se agente plantar o feijão em agosto ele dá bom, mas madura uma vagem e a outra fica verde, e pra tratar daquilo é um sacrifício porque precisa escolher muihtho ele dá muita trabalhadeira. Eu faço tudo, cesta cangalha pra burro...thudo.*

N_ *Seu Tônico eu quero que o senhor faça um cesto pra mim, vou ter muito orgulho de possuir!*

T_ *Eu Faço sim, pra pessoa que eu estimo no meu coração eu faço.*

Pra pessoa que me da atenção eu faço thudo, mas aquela que não me da eu largo pra lá. A minha filha mais nova era companheira, nós ia pra Cachoeiras juntos e ela ralhava comigo porque eu conversava com thodo mundo, agora ela casou com o primo, no inicio eu não queria, mas depois aceitei. Aqui acontece isso mesmo a “parentagem” junta. Agora tenho seis netos aqui.

A despedida (Figura 21):

N- *Seu Tônico, precisamos ir, grata pelo seu acolhimento!*

T- *Inthe! Volta sempre que quiser! É bom prosear!*

Descendo a Serra Suja, ou Rancho dos Hervanos.

Figura 21- A despedida



Fonte: A autora, 2014.

Enfim, voltamos toda a caminhada, descendo a serra, levando no gravador quase duas horas de prosa. Na descida fizemos alguns desvios para conhecermos outros belos lugares da Serra (Figura 22). Chegamos ao Bom Jardim do Faraó após trinta minutos de caminhada.

Figura 22- Outros caminhos da Serra Suja



Fonte: Denilson Siqueira, 2014.

Neste diálogo, pudemos perceber a riqueza de “causos” e a oralidade acentuada que também pode ser constatada através das crianças Hervanas. Também foi possível entender a cordialidade citada por nossos dois interlocutores Silvio e Margareth.

Podemos perceber, também, um pouco da relação dos Hervanos com a terra ou a maneira de lidar com os materiais para confeccionar cestarias e vassouras, além da data certa e das fases da lua preferenciais para o plantio e a colheita.

A última visita aos Hervanos ocorreu em novembro de 2022, após a pandemia, desta vez fomos Passarinho e eu somente. Confesso que a subida pareceu mais longa, levamos uma hora para subir, acho que o peso da idade está chegando...

A primeira alegria foi poder rever Seu Tônico e Dona Maria e nos certificarmos que ninguém da comunidade havia sido contaminado pela doença, mas, por outro lado, ficamos sabendo também que ninguém havia se vacinado. Passaram pela pandemia sem perdas e isolados sem terem sentido nenhuma dificuldade, pois estão acostumados a determinadas “privações” que nós “civilizados” nem imaginamos.

Voltar à comunidade após um bom intervalo de tempo da última visita me deixou mais encantada ainda por perceber como nada havia mudado. As casas, Seu Tônico, Dona Maria, estão os mesmos em aparência e alegria. Foi um reencontro maravilhoso (Figura 23)!

Figura 23- O reencontro



Fonte: A autora, 2022.

Dona Maria estava na lida, lavando as roupas e as crianças estavam na escola! A paz é incontestável! Sempre gosto de escutar as gravações que faço por lá, pois o som dos pássaros dá sempre o toque da canção ao fundo.

Será que, por isso, o título da reportagem da TV seja “parado no tempo”? Ou, Neste caso, cabe aqui uma reflexão sobre o significado do tempo para ANT a partir do título da reportagem? Essa impressão que temos no pensamento moderno de que o tempo não passou para os Hervanos, implica, na percepção que temos de um tempo linear que segue na mesma direção da seta do desenvolvimento, mas que está em sentidos opostos com relação a passado e futuro, “uma para cima, o progresso; a outra para baixo, a decadência” (LATOURE, 1994, p. 71). Junto a essa percepção, passamos a sentir a passagem do tempo a partir da visualização de objetos modernos ou antiquados. Portanto, ao chegar no lugar dos Hervanos e percebermos que não há luz elétrica, geladeira, televisão, ou seja, por falta de visualização de objetos sem o qual a nossa sociedade moderna não existe, achamos que estão parados no tempo.

No entanto, uma constatação feita ao estarmos na comunidade e ao observarmos as crianças na escola, é que vários membros que constituem esse coletivo possuem aparelhos celulares sem terem eletricidade e motocicletas sem terem estrada.

Então, segundo Latour (1994):

Não são apenas os beduínos ou os Kung que misturam os transistores e os costumes tradicionais, os baldes de plástico e odres em peles de animal. Há algum país que não seja uma “terra de contrastes?” Acabamos todos misturando os tempos. Tornamo-nos todos pré-modernos. (LATOURE, 1994, p. 74).

Assim, Latour (1994) introduz o conceito de percepção de tempo a partir de uma espiral e não mais a de uma linha reta e dual, evidenciando o contraste entre o novo e o velho, ou o moderno e o arcaico. Então, o autor argumenta que “Certamente temos um futuro e um passado, mas o futuro se parece com um círculo em expansão em todas as direções, e o passado, não se encontra ultrapassado, mas retomado, repetido, envolvido, protegido, re combinado, reinterpretado e refeito” (idem).

Portanto, os Hervanos usam a foice e o celular, o burrico e a motocicleta como meio de transporte, o conhecimento sobre os bambus e as palmeiras que fazem os cestos e as vassouras (Figura 24), que hoje enchem os olhos das pessoas da cidade, e usam canos de plástico para levar a água das nascentes até as proximidades de suas casas como mostra a Figura 25. Eles são modernos ou arcaicos? Ou misturam os tempos como nos diz Latour (1994)?

Figura 24 – As cestarias



Fonte: A autora, 2022.

Figura 25 - Os canos e baldes de plástico



Fonte: A autora, 2022.

Desta vez pude conversar um pouco com Dona Maria que, naquela ocasião, se queixou um pouco da escola, mas eu entendi que as crianças haviam progredido para o sexto ano, que a escola não oferece, então, tinham que ir estudar em Cachoeiras. Pelo relato de Dona Maria, elas não estão indo à escola.

Continuam a viver no seu mundo, plantando e colhendo para sua subsistência, com suas ontologias e, de certa maneira, mais bem localizados no “Terrestre” do que nós.

Assim eles são, e se reconhecem como os Hervanos, que vivem no rancho dos Hervanos, que convivem pacificamente e com destreza entre os mundos. Cabe aqui, então, o compartilhamento desses conhecimentos e aprendizagens comuns refletindo e aprimorando os contatos feitos com outras culturas e mundos. É esta reflexão que apresento no próximo capítulo, inclusive no campo das pesquisas acadêmicas.

4 DAS ANGÚSTIAS DE TENTAR IDENTIFICAR NOSSO PAPEL DE PESQUISADOR: “NÓS EM RELAÇÃO A ELES”

Tenho o privilégio de não saber quase tudo.

E isso explica

O resto

Manoel de Barros

É com o “espírito” dessa epígrafe que inicio a escrita desse capítulo na tentativa de refletir sobre o papel do pesquisador e da academia, principalmente, quando se dispõe a escrever sobre comunidades, grupos e agregados. Não saber quase tudo é um privilégio, porque nos permite manter a perplexidade, farejar, admirar, refletir e construir sem questionamentos prévios e aprisionados, assim como uma “formiga míope”.

Assim que iniciei os meus estudos com os Hervanos, já havia a compreensão de que a pesquisa deveria ser realizada com eles, para eles e não sobre eles, embora esta seja uma conclusão mais ou menos óbvia para a maioria dos pesquisadores na linha voltada aos processos formativos e desigualdades sociais. Porém, somente essa percepção não foi o bastante para responder as questões levantadas durante a dissertação que antecedeu esta tese de doutorado. Também, ainda não tinha, naquele momento, noção do nível de responsabilidade que eu, como pesquisadora, deveria assumir ao intrometer-me no mundo dos Hervanos.

Portanto, penso que essas reflexões podem auxiliar na compreensão das tensões existentes nas relações entre o pesquisador e o pesquisado, especialmente quando sua pesquisa possibilita o contato direto com o grupo onde irá desenvolver a investigação. Destas também emergem outras inquietações que o acompanham, na medida em que essas aproximações ganham relevâncias afetivas as quais destoam das recomendações formais da academia, ao seguir um procedimento teórico-metodológico que não seja a ANT.

Não é que não existam tensões na ANT, mas essa teoria nos permite abrir as “caixas pretas” e esmiuçá-las para possibilitar assumir tais tensões como desafios no percurso da pesquisa e não ignorá-las ou tratá-las como algo dado e imutável.

Não pretendo fazer aqui uma análise profunda sobre os conceitos relativos às pesquisas antropológicas e etnográficas²³, porque fugiria muito do objetivo do trabalho, mas sim trazer a minha própria experiência relativa a esta angústia, que sempre esteve presente durante toda a minha história como pesquisadora, e a angústia de colegas que pude perceber durante a vivência nas disciplinas do PPGMA.

4.1 A responsabilidade na pesquisa com relação aos “pesquisados”

4.1.1 A responsabilidade de resolver os problemas dos pesquisados

A primeira de tantas frustrações que colecionei como pesquisadora até vivenciar a ANT, foi a de não dar conta de salvar as crianças do grupo dos Hervanos com relação à educação, afinal, como relato a seguir, esta era a responsabilidade que atribuí a mim.

Quando cheguei aos Hervanos através da escola, iniciei o trabalho com todos os critérios da pesquisa antropológica, utilizando a observação participante²⁴ como uma das técnicas da pesquisa etnográfica. Através dos meus escritos na dissertação, percebi que já tinha uma escuta sensível que me levou a ser atravessada por eles desde aquela época, e esse atravessamento, só me deixava uma alternativa, que era “salvá-los” daquela condição de vida que me causava estranheza, e que como “ser humano” tinha a responsabilidade de fazê-lo.

Naquele momento, o meu olhar estava voltado para a alfabetização das crianças das classes populares, questão que me tocou de tal maneira que me tornara totalmente comprometida em fazer com que a alfabetização a eles oferecida fosse capaz de apresentar o melhor da educação formal, ou seja, aquela “... que direciona seu olhar ao futuro com ideia de progresso nos moldes do sistema capitalista, privilegiando apenas a ‘emergência de um cidadão viável para o capital’ (GUSMÃO 2012, p. 142 apud RODRIGUES, 2015, p. 56).

Assim, a diferença cultural era percebida, e a cultura formal se consolidava, e isto ficou visível quando a professora da escola capturava as crianças para o mundo do capital quando introduzia nas aulas as figuras do “Coelhinho da Páscoa” e do “Papai Noel”, lendas

²³ Na época do mestrado usei como referência Lüdke e André (1986), portadoras de uma produção acumulada sobre pesquisa etnográfica em educação.

²⁴ Usei como referências, na época, Prado e Barichelo (2007), que ajudaram a compor a linha de pensamento, bem como Lüdke e André (1986).

que até aquele momento escolar não eram contadas no grupo dos Hervanos. Tais histórias, que tem relação direta com o consumismo, não eram muito difundidas no grupo, já que não tinham importância para eles.

Nesse sentido, já havia um incômodo, pois, uma coisa é admitir a existência de várias culturas onde todas possam compor um mundo comum, a outra é admitir a diferença entre as culturas de forma dicotômica, ou seja, uma altamente tecnológica no sentido da modernidade, e assim “superior”, e outra dedicada às tradições ancestrais e, portanto, “inferior”. Assumindo, então, essa dicotomia, estava assumindo também a hierarquização, e, mesmo não sendo esse o meu pensamento, esta situação me causava uma grande confusão mental, pois achava que as diferenças deveriam ser, talvez, associadas de forma que não existisse mais a escola e eles, mas a escola com eles. Como resolver isso?

Haveria, então, a necessidade de uma aproximação da cosmologia e da cultura trazidas pelas crianças até a escola? Essa atitude poderia enriquecer o processo pedagógico?

Porém, o meu olhar e o olhar das professoras não se deslocaram de maneira a perceber as sutilezas que deveriam ser “fiscadas” nos gestos cotidianos e, sobretudo, nos cadernos das crianças (Figuras 26 e 27). Elas nos mostravam, através dos seus desenhos, as pistas sobre seu modo de vida. Naquele momento, os cadernos e os desenhos conversavam comigo, mas não conseguia ouvi-los nitidamente, apenas capturava sussurros como o que descrevo,

[...] Na maioria dos desenhos transbordavam elementos da natureza, árvores, flores, bichos, frutas e céu estrelado... Um céu estrelado muito mais estrelado, pois visto por quem não tem acesso à luz elétrica. Para um bom observador, os desenhos narravam muito de como vivem estas crianças, principalmente, para quem não conhece suas moradias (RODRIGUES, 2015, p. 112).

Figura 26 - Foto do caderno “minha casa”



Fonte: Cristiane Silva, 2014.

Figura 27 - Desenho: Meu céu estrelado.



Fonte: Cristiane Silva, 2014.

Parece que, lá no fundo, já sentia a necessidade de uma teoria que “abençoasse” a menção de que as “coisas” falavam e, mesmo sem saber como fazer, já entendia que a sociologia do social, onde os únicos vínculos admitidos são os sociais, não seria apropriada pra aumentar o volume dos sussurros, pois as “associações são feitas de vínculos não sociais por natureza” (LATOUR, 2012, p. 27). Segui o que conhecia, mas sem satisfação.

Naquele momento, as “crianças eram diferentes” e isso era considerado um “problema”, ou seja, eram elas quem produziam a deficiência da aprendizagem por pertencerem a um grupo que nesta visão é “culturalmente e socialmente inferior”. Tal explicação social para a questão encerrava o assunto e, conseqüentemente, os questionamentos. Então, poderíamos resolver o problema com a tentativa de aproximação da cultura formal com a cultura dos Hervanos.

Mas não era bem assim, e a conclusão foi precipitada, principalmente aos óculos da ANT, pois ela, “não pode compartilhar a filosofia da causalidade usada nas ciências sociais. Cada vez que se diz que um A está relacionado com um B, é o próprio social que está sendo gerado” (LATOUR, 2012, p.152). A causalidade proposta aqui significa um estreitamento cabível apenas à explicação social, pois, “A ‘causa’ a existência de B, C e D” (LATOUR, 2012 p.153). “Mas uma causa é uma causa é uma causa. O elemento causador é capaz de explicar as diferenças entre milhões de efeitos – e nesse caso eu posso gerar B, C e D como conseqüências quando sustento A como causa?” (LATOUR, 2012, p. 154). Por este processo, como posso explicar as conseqüências Bs, Cs e Ds? No nosso caso, a diferença cultural (A) causa a deficiência de aprendizagem (B), mas seria mesmo só a causa A? E em outras escolas não existem dificuldades de aprendizagem? Esta dificuldade é a mesma para todas as crianças? Assim, entendo que A só é capaz de causar apenas B, C e D se não forem considerados os elementos de interações no percurso, que Latour chama de perturbações marginais dessa causalidade. Se não for assim, não há possibilidades de Bs, Cs e Ds saírem apenas de um A. Portanto a resposta, se ela existe, não é tão evidente assim e não consiste em somente situar a solução na causalidade simples de A causando B.

Aqui, Latour (2012) me ajuda a entender que

[...]explicar não é um efeito cognitivo misterioso, mas um empreendimento de construção de mundo muito prático que consiste em ligar entidades a outras entidades, ou seja, em traçar uma rede. Assim, a ANT não pode compartilhar a filosofia da causalidade (LATOUR, 2012, p. 152).

Neste sentido, entendo como uma dessas perturbações marginais a influência que a escola possui quando devidamente considerada.

Então qual é o papel da escola nessa controvérsia? Nas pesquisas em Educação temos o hábito de mencionar o lugar hipotético de quem convive na escola de “chão da escola”.

Com o olhar da ANT, consigo compreender esse “chão” não só como uma metáfora que faz alusão ao pertencimento de quem vivencia a realidade escolar, mas também um lugar capaz de narrar e orientar, que faz fazer, ou seja, diferente da escola como uma concepção social, como um local não só de disputa curricular e/ou como uma entidade, mas um lugar concreto onde o cotidiano acontece, como o lugar que faz mudanças tanto na vida dos alunos, e, conseqüentemente, do grupo dos Hervanos, quanto das professoras e da comunidade.

A escola (figura 28) foi o lócus da pesquisa de mestrado (RODRIGUES, 2015), portanto, sua importância para os Hervanos já é conhecida, e parece que ainda continua ser. Registro aqui essa consideração por conta da última visita feita à escola e das conversas realizadas com as professoras que agora lá estão.

Figura 28 – A Escola



Fonte: A autora, 2014.

As professoras relataram que as dificuldades de aprendizagem ainda estão presentes, mas já conseguem se comunicar com maior facilidade com as crianças e também com os pais, sendo, de certa forma, a escola importante na aproximação dos Hervanos com o “mundo moderno”. Ainda é na escola que a maioria da comunidade entra, inicialmente, em contato com outra cultura e seus objetos tecnológicos, como a televisão, que é condicionada seu uso à eletricidade que, até a presente data, não chegou à Serra Suja. Assim, a escola também falava

comigo, mas em relação aos desenhos e aos cadernos eu continuava a ouvir somente sussurros.

Mas, ainda compreendendo tal questão, naquele momento, o meu papel como pesquisadora era entender o porquê das crianças não se alfabetizarem no mesmo tempo e processo das outras, em outras escolas do município e, assim, ajudá-las e intervir. Neste sentido, não consegui dar conta desta responsabilidade, o que me causou muita frustração na época, pois a questão só dizia respeito a mim, onde só existia o eu, o “eles” só existiu como um artifício para satisfazer o meu propósito. Então, toda aquela ideia de escuta sensível não fazia mais sentido, porque quando dicotomizamos as culturas, humanos e não humanos, nós atribuímos níveis hierárquicos entre os atores e,

[...]para fazer política, precisamos de agentes que conjuguem seus interesses e capacidade de ação. Mas não se pode fazer alianças entre atores políticos e objetos quando eles são considerados como exteriores à sociedade e desprovidos da potência de agir (LATOURE, 2020, p. 80).

Ou seja, é necessário assumir que há atores com capacidade de agenciamentos, caso contrário, de que serve então escutar “os estudados” atores humanos e não humanos?

Apesar da maioria de nós, pesquisadores, estarmos sempre sensibilizados em assumir outras ontologias como “iguais”, não damos conta de assegurá-las o mesmo potencial político nas negociações, porque não conseguimos resolver as questões hierárquicas. Quando estamos cristalizados pelas metodologias tradicionais, apenas enfatizamos as diferenças e não escutamos todos os atores, principalmente aqueles que dentro desse olhar, apenas sussurram.

A intenção do exposto acima foi de trazer a reflexão sobre como a escolha de uma metodologia que sempre nos impele a “resolver” as questões propostas, e isso nos coloca no lugar de “sábios”, nos conduz a responsabilidades que talvez não possamos dar conta de assumir.

4.1.2 A responsabilidade de expor ou não os estudados: a história da reportagem.

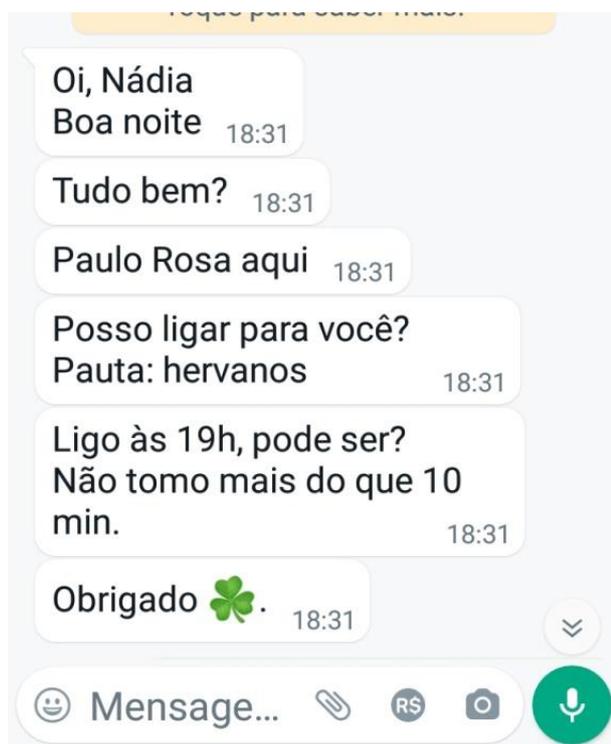
Ao pensar sobre a questão da exposição, lembrei-me de uma das perguntas que me foi feita por uma das professoras da banca na época do ingresso no mestrado. Ela me perguntou por que eu queria fazer mestrado, e eu respondi que era para fazer pesquisa. Ela retrucou dizendo que eu não precisaria fazer mestrado pra fazer pesquisa, e que esta poderia

ser feita durante o meu fazer pedagógico. Prontamente eu complementei a resposta e disse que tinha a intenção de poder divulgar a “comunidade” com a qual trabalhava com a finalidade de chamar a atenção do resto do mundo para ela e, para que isso fosse possível, seria imperativo estar no meio acadêmico, para conferir credibilidade ao meu trabalho de pesquisa.

Até ingressar no doutorado, continuava com essa ideia, de que minha missão como pesquisadora seria interferir na cosmovisão dos Hervanos com a intenção de que pudessem ser agraciados pelas maravilhas modernas, como se minha condição de pesquisadora bastasse para saber o que era melhor ou pior para eles. Esta, então, seria a minha responsabilidade como acadêmica e cientista.

Neste contexto, fui surpreendida pela seguinte mensagem de whatsapp, (figura 29) que chegou ao meu celular no dia 21 de março de 2023:

Figura 29 – Mensagem de Whatsapp



Fonte: A autora, maio de 2023.

Depois de fazer a devida identificação de quem era tal pessoa que me contatava, travamos um contato.

Tratava-se de alguém que estava sendo intermediário para realização de uma reportagem para um canal de televisão aberto, com os Hervanos. Numa conversa ao telefone

fui informada por ele que gostaria muito de ter um relato meu no documentário, porque a minha dissertação de mestrado teria sido o único trabalho acadêmico encontrado por ele que fazia referência aos Hervanos e que este teria ajudado como introdução à referida reportagem. Mas, quando a mesma foi ao ar, no dia 3 de junho de 2023, fui pega de surpresa, porque não fiz parte de sua composição e, até a sua exibição pelo canal aberto da televisão, nada sabia sobre sua abordagem. Ainda assim, algumas considerações relativas ao seu teor fazem parte de um dos capítulos desta tese.

Em outro momento, estaria eu bem feliz com essa perspectiva de divulgação dos Hervanos por uma mídia que é acessível para a maioria das pessoas.

Passado o sobressalto, começaram a passar por minha mente vários questionamentos que apresento aqui para reflexão: Qual poderia ser o interesse dessa pessoa na comunidade? Como a minha escrita teria influenciado em sua iniciativa? Neste momento, senti sobre meus ombros o peso da responsabilidade que assumi com os Hervanos como pesquisadora e amiga.

Agora, com conhecimentos e reflexões mais aprofundadas sobre a ANT e o entendimento sobre os vários mundos e cosmologias que compõem as várias culturas, fui tomada pela angústia quando imaginei o quanto e como um trabalho acadêmico, que atualmente se encontra acessível na rede de comunicação mundial, pode interferir, para o bem ou para o mal, nas comunidades estudadas.

Entendo que é inevitável essa hibridização e que os Hervanos não são totalmente isolados, mas, será que através dessa divulgação estaria eu como pesquisadora acelerando esses encontros com a modernidade? O que estarão pensando as pessoas responsáveis pela referida reportagem sobre os Hervanos? Que tipos de indagações estarão fazendo, e se fazendo, com relação a eles? Será que estão com “pena”, como tantas outras pessoas sentem, por serem “eles” humanos desprovidos do conforto da modernidade, assim como eu pensava? Ou ainda pior, que tipo de intenções colonizadoras teriam essas pessoas sobre o grupo? Como o caminho até a comunidade, a pé, carregando seus materiais tecnológicos foi percebido pelos “homens” que estiveram envolvidos no trabalho? Será que pensaram na estrada? E se pensaram, teria este feito direcionado ao bem comum? Ou só pensaram porque estavam com dificuldade de deslocamento? Como esses artefatos tecnológicos impactaram os Hervanos?

Sim, o meu trabalho influenciou na preconceção daqueles homens e de tantos outros sobre os Hervanos, e é por isso a minha angústia, porque a concepção que foi descrita naquelas páginas é bem diferente das que tenho hoje. Houve um deslocamento quando deixei

de observá-los “a partir de Sirius²⁵” (LATOURE, 2020) e sob a ótica da modernidade. Eis a grande responsabilidade sobre os “outros”.

Discorrer sobre esses questionamentos me custaria vários mergulhos tão profundos que no momento não teria fôlego para dar conta, talvez fosse preciso escrever outro trabalho, mas preciso escolher alguns que me parecem mais caros, sempre lembrando que as escolhas pressupõe renúncias.

Assim, me esquivei de seguir alguns atores humanos, como os repórteres e cinegrafistas que subiram a Serra Suja, e me concentrei em refletir, com a ajuda de outros autores, sobre essa influência e contato entre culturas e equipamentos. Como seria a formação desse híbrido, ou seja, quais relações são traçadas nesses encontros ou no relato desses encontros?

Procurei ajuda num texto de Davi Kopenawa que fala sobre “gente de perto, gente de longe”. Nesta escrita, ele faz a distinção entre os “brancos que são gente de *Omama a*²⁶. São aqueles cujo pensamento é direito e que nos defende. Os outros – aqueles que querem destruir a floresta e expulsar os espíritos- são a gente de *Yoasi a*” (ALBERT, KOPENAWA, 2023, p. 55), assim ele considera os brancos de longe como sendo os homens de *Omana a* os homens de perto como os de *Yoasi a*.

Nas suas palavras:

É possível que vocês tenham ouvido falar de nós. No entanto, não sabem quem somos realmente. Não é uma boa coisa. Vocês não conhecem nossas florestas e nossas casas. Não compreendem nossas palavras. Assim, era possível que acabássemos morrendo sem que vocês soubessem. É por isso que ficamos no esquecimento de vocês. (ALBERT, KOPENAWA, 2023, p. 54).

Nesta fala, Kopenawa nos dá uma pista de como a divulgação através de narrativas e registros bem construídos, constituem ferramenta poderosa de ação. Para Latour (2012, p. 199), “O simples ato de registrar alguma coisa no papel já representa uma imensa transformação que requer tanta habilidade quanto pintar uma paisagem ou provocar uma complicada reação bioquímica” e, ainda, que “o relato é importante ou não, dependendo da quantidade de trabalho executado para que suscite interesse.” (LATOURE, 2012, p. 201).

Nesta mesma composição, Kopenawa fala:

²⁵ É uma expressão idiomática Francesa que significa “ver com distanciamento” (LATOURE, 2020, p. 84).

²⁶ *Omama a* é o criador da humanidade e da ordem social atual. *Yoasi a*, seu irmão feio, colérico, e desastrado, é considerado pelos vários males de que sofrem os homens, a começar pela perda da humanidade (ALBERT, KOPENAWA, 2022, p. 201).

Os brancos em torno da nossa terra são hostis. Não sabem nada da gente e nunca perguntam como viviam nossos ancestrais. Só pensam em ocupar nossa floresta com seu gado e em destruir nossos rios para catar ouro. Só gente de longe quer nos conhecer e nos defender. Suas palavras são fortes e vêm nos ajudar. Graças a elas, a gente de perto, que não para de falar contra nós, desistirá de invadir a floresta. (ALBERT, KOPENAWA, 2023, p. 54).

Assim, esses que estão perto, contraditoriamente, enxergam os Yanomames de Sirius porque não se aproximam de sua cosmologia e os que estão de longe, que provavelmente conheceram os Yanomames por algum tipo de relato, os enxergam de perto. Esses talvez tenham importância na composição do mundo comum, porque talvez estejam procurando “onde aterrar”.

Toda essa reflexão não responde as perguntas feitas anteriormente, mas ajuda a aliviar a angústia que talvez não tenha sido a divulgação dos Hervanos através do meu relato tão ruim assim, mesmo que escrito a partir da visão da modernidade. A leitura do texto de Kopenawa me deixou um pouco mais aliviada!

Percebi, então, que a responsabilidade está em compor um bom relato orientado não pelas percepções pré-definidas de quem está registrando, mas reunindo todos os tipos de relatos dos atores humanos e não humanos. Se isso for feito, a cosmologia do grupo será exposta e não haverá dúvida sobre as intenções de quem queira ter contato com eles, diminuindo a possibilidade de surpresas, tanto para bons ou maus propósitos. A sorte está lançada, depende de quem irá ler, se os filhos de *Omama a* ou de *Yoasi a*, mas um relato bem escrito ajuda.

Assim, extrapolei meus pensamentos para os trabalhos acadêmicos com as características etnográficas onde abordam as especificidades de coletivos e mundos que diferem dos ideais globalizados de civilização. Como chegam esses pesquisadores nestas comunidades? Muitas vezes os interesses da comunidade não são os mesmos da academia, e mesmo quando são, “não são”.

Então, quando falamos da contribuição das Universidades à sociedade, através das pesquisas com comunidades, do que estamos falando? Estamos indo a campo para resolver os problemas dos outros? Para resolver nossos próprios problemas? Ou as duas coisas? Queremos resolver conflitos ambientais? Sob qual cosmovisão? Na maioria das vezes, sob a ótica econômica “moderna” que está empurrando o planeta à bancarrota?

Sem a resolução desse paradigma econômico, tratamos aqui de soluções que não abrem perspectivas para reflexões sobre um novo modelo de construção de um “reagregado” social onde não haja mais espaço para separação entre naturezas/culturas. Diante dessa perspectiva, como tratamos os nossos pesquisados?

4.2 Continuamos a colonizar os “nossos” pesquisados?

Falar dessa colonização parece ser desconcertante para nós pesquisadores, até porque, “levantar a questão do colonialismo perturba a tranquilidade e a segurança do sujeito-cidadão moderno e das instituições modernas” (MALDONADO-TORRES, 2020, p. 38).

4.2.1 A modernidade é colonial

Na maioria das vezes tais pesquisadores, assim como eu, estão repletos de boas intenções e possuem realmente uma escuta sensível e respeitável perante o modo de vida diferenciado dos grupos estudados e dos vários mundos que habitam, porém, como não há mudança do paradigma da modernidade, este conceito traz um certo ar de colonização intrínseco:

[...] a modernidade por si só, como uma grande revolução imbricada com o paradigma da “descoberta”, tornou-se colonial desde seu nascedouro. Isso leva a uma mudança no modo de se referir à modernidade ocidental: de modernidade simplesmente, como oposto ao pré-moderno ou não moderno, para modernidade/colonialidade, como oposto ao que está além da modernidade. (MALDONADO-TORRES, 2020, p. 37).

Quando falamos de colonialismo temos sempre a noção de colonização como ocupação de territórios. Assim, Maldonado-Torres introduz os conceitos de colonialismo, colonialismo moderno e colonialidade que me ajudam a refletir o exposto.

Segundo o autor,

Colonialismo pode ser compreendido como a formação histórica dos territórios coloniais; o colonialismo moderno pode ser entendido como os modos específicos pelos quais os impérios ocidentais colonizaram a maior parte do mundo desde a “descoberta”; e colonialidade pode ser compreendida como uma lógica global de desumanização que é capaz de existir até mesmo na ausência de colônias formais. (MALDONADO-TORRES, 2020, p. 41).

Portanto, penso ser esse conceito de colonialidade muito importante para essa reflexão, porque interfere nas ontologias e epistemologias.

Assim, não procuro trazer aqui a crítica pela crítica, mas a possibilidade de outro olhar mais reflexivo sobre a nossa maneira de intervenção.

Tais culturas tendem a continuar a serem colonizadas por nós, pesquisadores, a fim de que possam sair da sua vida apequenada, segundo nossas concepções. Neste sentido, Maldonado-Torres (2020) nos aponta a importância de se pensar sobre esses marcadores civilizatórios que separam civilizados como modernos e os “outros” como primitivos e selvagens, fazendo sob essa lógica a distinção entre colonizado e colonizador.

Quantos trabalhos em comunidades, principalmente as pesquisas com características intervencionistas, têm a intenção de monetizar suas terras, sua cultura, seus artesanatos como forma de empreendedorismo? Quantos trabalhos tendem a monetizar seus territórios sob a forma de turismo ecológico? Não que isso seja de todo ruim, até porque a controvérsia não reside na ajuda mútua e na troca bilateral de conhecimentos, mas sim na forma de como se deve agir na resolução dos problemas pertinentes para a composição de um mundo comum.

Assim, até compreendemos e aceitamos os conhecimentos trazidos pelas comunidades, só existirá o nós e o eles e não nós e eles. Não há, portanto, muita clareza de suas cosmologias, por isso, se impõe sempre a forma que conhecemos de mercantilização da natureza, acúmulo desigual e formação de classes sociais embasadas sob esta égide. É como querer que os índios gerenciem os garimpos nas terras Yanomamis porque, assim, além de pacificarem o território poderiam, também, tirar proveitos financeiros.

Muitas vezes nos posicionamos perante pesquisados, que se percebem como inferiorizados e como aqueles que sempre são o “problema”. Esta percepção se dá porque a colonialidade produz uma condição de violência, assim,

[...] na medida em que qualquer violência é reconhecida nesse contexto, os próprios sujeitos colonizados são percebidos como razão final para tal violência. Espera-se que eles demonstrem que não são a fonte da violência ao adotar os costumes e modos de pensar dos colonizadores (MALDONADO-TORRES, 2020, p. 44).

Já que, “a colonialidade inclui a colonialidade do saber, a colonialidade do poder e a colonialidade do ser como três componentes fundamentais da modernidade/colonialidade” (MALDONADO-TORRES, 2020, p. 49).

Portanto, muitas vezes, os pesquisados se deixam levar pela “salvação” que os pesquisadores podem lhes proporcionar e, embora as intenções sejam as melhores, e de estarmos sempre imbuídos das responsabilidades já mencionadas anteriormente, agimos para ratificar essa colonialidade.

Essa modernidade colonial quase sempre propõe saídas que pode lhes oferecer crescimento econômico, porém sob a pena de cada vez mais serem incluídos nesse “admirável

mundo novo” sem a devida reflexão e debate decolonizador. Será essa alternativa nobre? O quanto esse debate sobre a decolonização está relacionado ao debate ecológico?

4.2.2 Seguir ou não a primeira diretriz?

Durante muito tempo, após o relacionamento com os Hervanos ser estreitado, eu era procurada por eles para ajudar na resolução de problemas que eles achavam que não poderiam dar conta. Será que naquele momento a minha interferência no grupo que estava ali, há pelo menos 200 anos, teria criado certa dependência deles para comigo? Teria eu ultrapassado a primeira diretriz quando propicieei às crianças do Araçazeiro o primeiro contato físico delas com o computador, ou seja, com uma tecnologia ainda não conhecida por elas (Figura 30)?

Figura 30 – Primeiro contato físico das crianças do Araçazeiro com o computador



Fonte: Denilson Siqueira, 2013.

Desde criança sempre gostei de ficção científica, afinal queria ser astronauta. Desde aquela época assistia a todos os seriados (sim, na época eram chamados de seriados) dessa

categoria na televisão, mas um deles era o meu preferido: os da franquia Star Trek. Esta se tornou notória por abordar assuntos relacionados ao desenvolvimento científico, além de lidar com temas relativos à democracia, relações entre várias raças alienígenas, organização política e ética.

Segundo Gomes (2012),

[...] a relação com as máquinas, os vários modelos de viagem no tempo, a simulação virtual do “holodeck” e, principalmente, o tema da diretriz número um, que proíbe aos protagonistas de destruir os antagonistas, mesmo que corram perigo de morte. E esse elemento chave, a intenção compreender o inimigo e torná-lo um aliado, é a essência ética da narrativa de praticamente todas as histórias da franquia (GOMES, 2012, p. 6).

A primeira geração, como é conhecida a primeira série, trata-se das viagens exploratórias da nave USS Enterprise da Federação Unida dos Planetas a fim de explorar “novos mundos, novas civilizações”. A série original tem início nos anos 1960, e é projetada para um ambiente e sociedade do ano de 2100. Neste universo havia uma plena paz, sobretudo no planeta Terra, onde as mazelas do mundo, como a fome, as doenças e a miséria, conforme conhecemos hoje, teriam sido completamente sanadas.

Mas uma das questões que mais me intrigava com relação ao seriado era o dilema de respeitar a primeira diretriz. De um total de trinta e duas diretrizes, que são os princípios orientadores da frota estelar, esta sempre estava presente na maioria dos episódios.

A primeira diretriz da Frota Estelar dita a não interferência, de nenhuma nave ou membro da mesma, em relação ao desenvolvimento normal de uma cultura ou sociedade. Essa interferência se estende a introdução de conhecimentos e tecnologia superiores em um planeta que ainda não esteja preparado para tal. Essa diretriz deve ser respeitada por carregar em si um valor de extrema obrigação moral, livre de egoísmo (PEREIRA, 2017, p. 26).

Pereira (2017) entende que a primeira diretriz vem a ser uma crítica à interferência estadunidense imperialista em vários países do terceiro mundo nos anos 1960 e a chegada dos europeus no hemisfério sul do planeta no século XV.

Pode parecer estranho estar abordando esse tema aqui, mas quando estabeleci o primeiro contato com os Hervanos, nada mais me veio a cabeça a não ser a primeira diretriz que tanto marcou minha infância, adolescência e até hoje me faz pensar qual o real impacto desse contato. É claro que, como mencionado anteriormente, os Hervanos já não eram totalmente isolados e talvez isso é que tenha mais me chamado a atenção: como ainda vivem há tanto tempo no mesmo lugar e praticamente da mesma maneira, já tendo sido contatados com as tecnologias modernas?

Assim, entendo que a primeira diretriz, que simplificarmente é aquela que nega a interferência, já supõe uma hierarquização entre culturas cientificamente evoluídas e aquelas primitivas. Mas, o que vemos nos Hervanos é um grupo cientificamente contatado onde a primeira diretriz claramente já foi violada e que conservam o seu modo de vida.

O fato é que existe uma linha tênue entre que tipo de interferência deve ser feita ou não e de como o grupo pode se achar colonizado ou não, a ponto de querer ou não incorporar tal interferência ao seu mundo.

Talvez a dependência que eu achava que os Hervanos tinham criado por mim não fosse por impossibilidade de resolverem as questões, sozinhos, mas uma forma de dizer que eles me aceitavam como colaboradora no seu mundo. Talvez eles saibam, como Latour (2012, p. 173), que “o mundo comum ainda precisa ser coletado e composto”, já que estamos sentindo o solo ruindo sob nossos pés, pois, o problema ambiental sob o domínio do novo regime climático atinge todos da mesma forma,

tanto os antigos colonizadores quanto os antigos colonizados. Na verdade, não, ela apavora muito mais os antigos colonizadores, menos habituados a essa situação que os antigos colonizados. A única certeza é que todos estão diante de uma carência universal de espaço a compartilhar e de terra habitável. (LATOUR, 2020, p. 14).

Por isso, necessitamos desses diálogos, já que:

Não existe um mundo por trás para ser usado como juiz deste, mas nesse mundo inferior estão à espera muitos mundos que podem aspirar a tornar-se uno - ou não, dependendo do trabalho de composição que formos capazes de realizar (LATOUR, 2012, p. 173 - 174).

Assim, os Hervanos me ensinam que a primeira diretriz se torna irrelevante a partir do momento que não hierarquizamos e categorizamos os estudados, pois todos estamos mutuamente afetados pela mesma questão: a de que não há um globo que suporte o atual paradigma de modernidade do atual processo civilizatório, pois, segundo Latour (2020, p. 21), não é possível “ignorar o imenso acontecimento cuja ocorrência ameaça o grande projeto da modernização: ele se tornou definitivamente impossível, pois não existe Terra com capacidade para abarcar seu ideal de progresso, de emancipação e de desenvolvimento”.

Somente estudando com os Hervanos é que pude fazer essa reflexão sobre a questão da não interferência e entender porque a primeira diretriz sempre foi um problema em quase todos os episódios do seriado.

Está na hora de estabelecer novas diretrizes quando formos “explorar novas fronteiras”, ou melhor, “borrá-las”. A primeira delas que venho sugerir seria a total desierarquização cultural e a consciência de que só a troca, o diálogo e o reconhecimento

mútuo podem construir pontes para se pensar um novo paradigma sobre o processo civilizatório.

Cada vez mais aprendo com eles e isso é “Fascinante”, usando o jargão do Sr Spock²⁷, um dos incríveis personagens de Star Trek.

Espero ter levantado questões pertinentes às reflexões de como nós, pesquisadores, estamos atuando para resoluções dos desafios relacionados à sobrevivência no planeta e, de como é possível através dessas reflexões, aprender o quanto é importante atrelar tais problemas às questões de colonialidade/decolonialidade, entendendo também que todos os sussurros devem ser amplificados e descritos.

Assim, levantar os relatos daqueles interlocutores que apenas sussurram na maioria das vezes para construir a rede sociotécnica se torna imprescindível para a continuação dessa aprendizagem. Essa é a centralidade do próximo capítulo.

²⁷ Na Star Trek original, o comandante Spock representa o conflito entre a lógica e a emoção. Ele é meio vulcano, raça treinada para não ter emoções e pautar seu comportamento unicamente pela lógica; meio humano por parte de mãe (PEREIRA, 2017, p. 19). Este conflito me parece bem familiar para nós pesquisadores.

5 A PROCURA DA REDE SOCIOTÉCNICA: QUEM É ATOR-REDE? QUEM SÃO ELES? O QUE FAZEM FAZER?

O “ator” na expressão hifenizada “ator-rede”, não é a fonte de um ato e sim o alvo móvel de um amplo conjunto de entidades que enxameiam em sua direção.

Bruno Latour

Neste capítulo tento encontrar aqueles actantes que podem fortalecer diferentes grupos de atores. Como na epígrafe, os atores da expressão ator-rede são aqueles que possuem um centro de gravidade tal que pode modificar o “estado das coisas”. Por isso, segundo Latour (2012, p. 84), é necessário mapear as controvérsias entendendo que “as ações são parte de um relato; possuem uma figura qualquer; opõem-se a outras ações rivais”.

Assim, procuro fazer relatos de riscos para descrever as ações que venham a demonstrar as atrações gravitacionais relacionadas que podem promover tais modificações,

Sem relatos, sem tentativas, sem diferenças, sem transformação num estado de coisas, nenhum argumento significativo pode ser aventado em relação a determinada ação. [...] Uma ação invisível, que não faça diferença, não gere transformação, não deixe traços e não entre num relato não é uma ação (LATOUR, 2012, p. 84).

Quando escuto os objetos que contribuem para o aterramento entre nós e os Hervanos, como, por exemplo, a escola, a estrada, a porteira, os documentos de posse da terra, os cadernos das crianças, o burrico como meio de transporte, as cestarias, o PNPCT, percebo que narram uma história, uma ontologia, e que poderão fazer parte de uma rede sociotécnica.

Para organizar a escuta dos atores que poderão vir a compor a rede sociotécnica, rascunhei um caminho que parte da escola do Bom Jardim do Faraó até as duas localidades onde os Hervanos se fixaram. Assim, ficou mais fácil de, pelo menos, iniciar os relatos, sem que sejam escolhidos por ordem de importância.

Esse caminhar a partir da escola revela o lugar de onde saio para minha jornada até os Hervanos, ora de carro e, na maior parte, a pé, em direção aos núcleos de Serra Suja e também do Araçazeiro. Aqui os passos são de uma “formiga míope” que procura caminhar devagar a procura de pistas (Figura 31) a partir da escuta e das observações feitas que serão aqui narradas.

Figura 31- O caminho percorrido para seguir os objetos



Fonte: Adaptação da autora, 2023.

5.1 A Escola Estadual Municipalizada Bom Jardim

Como é apresentada em Rodrigues (2015), por volta da década de 1970, a Escola Estadual Municipalizada Bom Jardim (EEMBJ) existia apenas como uma sala de aula que funcionava num barracão, onde hoje funciona um bar (Figura 32), doado pela família do Sr. Geraldo, agora já falecido, que imigrou da região de Banquete, há cerca de 70 anos, para trabalhar nas terras daquela região do Bom Jardim do Faraó.

Segundo o depoimento de Soeli, uma das filhas de Sr. Geraldo, que também foi merendeira da escola e hoje está aposentada: “A salinha era onde é o bar, veio a prefeitura que doou o material e as professoras davam aula lá”.

Figura 32 - Atual bar, onde era a antiga escola.



Fonte: A autora, 2023.

A esposa do Sr Geraldo foi a primeira merendeira que trabalhou na escola que era suprida, timidamente, pela prefeitura com alguns equipamentos.

Naquela época, os Hervanos não frequentavam a escola, mas ela já influenciava na vida das pessoas da localidade, como podemos perceber na fala de D. Maria, a esposa do Sr.

Geraldo: *“Tem muita gente dessa Serra que estudaram ali, se formaram, casaram, uns foram morar lá pra baixo....agora já vem os filhos e os netos. Eu trabalhei ali muito tempo. Amauri estudou e depois deu aula ali. Professor Amauri Brecha, a Cristiane, a Suelaine, muita gente estudou aqui”*.

As primeiras professoras que ensinaram na escola eram duas irmãs que moravam cerca de 40 minutos da escola. Não tinham muitas crianças por lá naquela época e apenas uma sala dava conta.

Nos anos de 1980 o Sr. Geraldo doa um terreno maior onde a escola foi construída e está até hoje (Figura 33) e o Governo do estado do Rio de Janeiro passa a ser responsável por ela. No ano de 2008 a escola é municipalizada novamente.

Figura 33 - Fotografia atualizada da escola



Fonte: A autora, 2023.

A minha última visita à escola se deu no dia sete de junho de 2023. Chegando lá, encontrei duas professoras recém-concursadas (Figura 34) que assumiram a escola no início do mesmo ano. Uma das professoras tinha sido minha aluna e a outra, eu tinha sido professora da sua mãe. Foi uma recepção bem calorosa por parte das duas que me deu muita satisfação.

Figura 34 – Foto com as professoras



Fonte: A autora, 2023.

Iniciamos um diálogo bem interessante que durou cerca de uma hora. Neste período as crianças estavam na aula de Educação Física que é ministrada por um professor da área que comparece à escola uma vez por semana.

Pelo que as professoras nos relataram, a escola possui um quantitativo de 20 crianças, sendo que 12 são pertencentes ao Araçazeiro e Serra Suja, mas não souberem precisar quantas são de um local e quantas são de outro.

Elas não conhecem ainda as moradias das crianças, mas afirmam que já tem boas relações com as mães que as levam no início das aulas e ficam esperando até a hora da saída. Esta informação me surpreendeu porque, no ano de 2013, as crianças Hervanas iam sozinhas

para a escola. Não consegui identificar o que possa ter provocado essa mudança de comportamento.

A escola continua com regime de classes multisseriadas e está dividida da seguinte forma: uma das professoras, com formação em pedagogia, fica com o primeiro, segundo e terceiro anos em uma sala com 10 alunos e afirma que nenhum deles é alfabetizado e que, portanto, utiliza a mesma metodologia com todos os alunos.

Eles têm muita dificuldade... e pra gente que tá iniciando agora fica difícil, mas eu aprendo com eles, eu trago vídeo, a gente nem usa muito o livro porque a realidade deles é muito diferente do que tá no livro, tem que fazer uma outra coisa diferente, por exemplo, quando a gente fala de bicho tem que falar dos bichos que eles conhecem. Eles têm uma linguagem diferente. A gente tem que entrar no mundo deles. Quando eu fui ensinar o “ão”, eu contei a historinha pra eles depois eu perguntei sobre palavras que tem o “ão” e um deles me respondeu “bambaum” e aí eu falei: muito bem, acertou. Depois a gente caminha né, porque eu tenho que respeitar a linguagem deles (depoimento de uma das professoras).

A professora conta que escolheu a escola pra trabalhar porque ouviu a amiga contar sobre as peculiaridades das crianças e que se sentiu compelida a fazer um trabalho com eles. Essas peculiaridades que a professora cita, e que foram descritas e refletidas em Rodrigues (2015), dizem respeito ao comportamento diferenciado das crianças da comunidade com relação às outras das escolas da área urbana de Cachoeiras de Macacu. Já antes de conhecer as crianças Hervanas, ouvia das professoras da Rede Municipal da cidade, que já tinham trabalhado na Escola Estadual Municipalizada Bom Jardim, que as crianças eram diferentes porque eram muito tímidas, ficavam sempre juntas em um “cantinho da sala” e que falavam um dialeto próprio.

Ela também me conta que não está arrependida e que adora o trabalho e as crianças, e que estar ali está fazendo dela uma pessoa muito melhor. Talvez essa afirmação da professora tenha algo a ver com a “pena” que a maioria das pessoas sente das crianças por terem muita dificuldade de alfabetização e fazer um bom trabalho e conseguir um resultado satisfatório lhe dê prazer por estar ajudando “outros”. Afirma também que as crianças são bem cuidadas, com relação à higiene e limpeza, e bem nutridas também.

As professoras comentam que discordaram da reportagem sobre os Hervanos, citada no Capítulo 2, quando insinuavam que as crianças passavam fome e que não eram muito cuidadas.

A outra professora da escola, com formação em biologia e complementação pedagógica, ficou responsável pelo quarto e quinto anos numa sala com 10 alunos. Nestas

classes há dois alunos que não são alfabetizados e um deles é Hervano. Ela conta que mesmo entre o grupo dos Hervanos há dificuldades diferentes, talvez porque uns venham do Araçazeiro e outros de Serra Suja. Ela fala também que escolheu a escola pra trabalhar porque têm laços afetivos com ela. Seu pai, Altair, foi professor do antigo Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL)²⁸ quando a escola ainda funcionava onde é o bar e seu tio Amauri, foi professor da escola já na atual localização, além de ter sido também aluno. Toda sua família pertence à localidade do Faraó.

Incrível como as crianças parecem ser as mesmas, ou seja, possuem as mesmas características físicas das crianças de dez anos atrás, mas estão bem menos inibidas. Mas continuam com a mesma deficiência de aprendizagem, principalmente após o período de pandemia que impactou radicalmente este segmento escolar e as pessoas com menos recursos tecnológicos. Fiquei muito impressionada.

A escola está precisando de reformas urgentes e a tão prometida sala nova ainda não chegou, desde 2013.

As professoras afirmam que os alunos gostam muito de ir à escola, a frequência é ótima e só faltam mesmo por conta da dificuldade de deslocamento causada pelas condições climáticas, no caso, as chuvas severas.

Elas nos contam também da vontade que os alunos manifestam em poder aprender a ler e escrever e que estão pleiteando uma modalidade EJA para que os adultos possam voltar à escola. Talvez porque se sintam inferiorizados culturalmente por não terem tido oportunidade de frequentarem o local “escola” ou, quem sabe, necessitem de mais interações para continuarem existindo?

Esta vontade também é citada na fala do Sr. Tônico, desde 2014:

Meu genro foi professor ali, ele queria conseguir um professor pra dar aulas pra nós, estudar eu mesmo era um que ia estudar com ele, eu só sei assinar meu nome, comecei e depois parei, professor Silvio era meu professor... Eu desejo muito estudar, mas é bem longe pra gente ir daqui lá, se tiver uma escola pra nós aqui, vai dar muita gente, daqui se conseguir vai eu, minha esposa, meu filho... Tem o Célio, Reginaldo, umas 6 pessoas, acho que vai dar mais de 20 pessoas, por aqui moram umas 50 pessoas. (depoimento seu Tônico) (RODRIGUES, 2015, p.85).

²⁸ Programa criado em 1970 pelo governo federal com objetivo de erradicar o analfabetismo do Brasil em dez anos. O Mobral propunha a alfabetização funcional de jovens e adultos, visando “conduzir a pessoa humana a adquirir técnicas de leitura, escrita e cálculo como meio de integrá-la a sua comunidade, permitindo melhores condições de vida”. O programa foi extinto em 1985 e substituído pelo Projeto Educar (MENEZES, 2001, p. 1).

Embora ainda exista a controvérsia que emergiu entre a cultura escolar formal e a cultura dos Hervanos durante a dissertação, e da releitura trazida por essa tese, parece que as professoras que lá estão tentando compor maneiras de serem entendidas e entenderem as crianças, e, assim, estão comprometidas em compor um mundo comum. Nas conversas, emergiram “as formas de agenciamento” que estas têm utilizado para traçar as conexões entre os dois mundos.

Através desses depoimentos consegui “ouvir” a escola e ela nos conta que interfere na relação cultural e afetiva não só dos Hervanos, mas também faz fazer com as professoras que, recém-chegadas ao magistério, modificam suas histórias de vida participando da composição do mundo comum com culturas diferentes. Embora a escola esteja em condições precarizadas no sentido da estrutura física, no momento, ainda é um dos primeiros contatos que as crianças têm com “objetos modernos”.

É em sua estrutura de concreto que as crianças usam talvez, pela primeira vez, o vaso sanitário, mesas e cadeiras e têm contato com computadores, embora não tenham internet, e ainda que escovem os dentes, como pude observar, no dia da visita, que todos escovam os dentes depois da refeição que lá fazem, porque ganharam um Kit de escovação na visita da dentista. Tudo isso contrapondo-se às tarefas executadas em seu cotidiano. E o que ela poderia fazer se ainda conseguisse que o curso da modalidade EJA fosse implementado? Ainda assim, muitas vezes, convive com a ameaça da Secretaria Municipal de Educação de encerrar suas atividades.

A partir das contradições observadas na escola, como as culturais, muitas vezes expressa no comportamento tímido das crianças e sua linguagem diferenciada, e também materiais, como o próprio prédio da escola com banheiros e cozinha de alvenaria, encontrei ex-alunas, segui para as localidades dos Hervanos, e me encorajei a escrever esta tese. É a escola um ator-rede? Essa questão ilumina os meus pensamentos, quando imagino como seria se ela não estivesse ali como um objeto híbrido de naturezas e culturas, extremamente atuante. Ao mesmo tempo penso: o que seria a escola sem os Hervanos, as professoras, o terreno doado, a política da secretaria de educação? Ela faz os Hervanos constituírem suas humanidades? Ela faz os Hervanos aterrarem?

Parece que todos esses elementos humanos e não humanos orbitam a escola e a compõem, fazendo dela um grande centro de gravidade, fazendo fazer.

5.2 No meio do caminho fecharam uma porteira, fecharam uma porteira no meio do caminho.

Como também descrito no Capítulo 3, o caminho que nos leva da escola até a Serra Suja percorre cerca de dois quilômetros em um aclive que sai de 35m até 316 m de altitude e é composto de duas partes assim distribuídas: uma parte composta por uma estrada de chão que comporta a passagem de veículos leves como automóveis de passeio até pequenas caminhonetes e a outra parte que só é possível fazer a pé ou no lombo do burro. Neste percurso, os Hervanos passam no meio de algumas propriedades:

Os alunos que ali moram fazem este percurso todos os dias por cerca de 1 hora entre trilhas e matas, pois não há estrada, e contam suas histórias de encontros com animais, como pássaros folclóricos e até serpentes, as quais aguçam nosso imaginário como indivíduos urbanos que somos (RODRIGUES, 2015, p. 42).

Acontece que, aparentemente, por divergências territoriais, uma das porteiras em uma das fazendas, onde transitam para chegar até a cidade, e as crianças à escola, está fechada pelo proprietário da terra desde 2016 até a presente data (junho de 2023).

O fechamento da porteira me faz refletir sobre vários aspectos que partem desde a questão imaginária e simbólica até as questões concretas. Assim, alguns questionamentos começam a ser feitos. Por que a porteira foi fechada? Quais fluxos são impedidos pelo fechamento da porteira? Quem é o dono da terra? Quais são os territórios dos Hervanos? Que significados trazem a porteira para a composição dos territórios/ambientes e conflitos territoriais? Como superar a dualidade (cultura hegemônica X cultura popular) que desencadeia esses conflitos e compor os ambientes sociais? O que a porteira que separa os Hervanos da escola agencia ou faz fazer?

Tal situação foi causadora de conflitos físicos e muitos bate-bocas entre o proprietário e os Hervanos, pois, seu fechamento, além de corresponder à limitação do direito de ir e vir, também contribui para expressar o simbolismo do poder de quem “possui a terra”. Mas essa posse dá ao proprietário o direito de impedir o fluxo de pessoas e de animais? Observamos, assim, uma hierarquização de poder, e quiçá de saberes, que não são superados e que vem à tona com o fechamento da porteira (Figura 35).

Figura 35 – A porteira



Fonte: A autora, 2022.

O fechamento da porteira também nos faz refletir sobre as questões de conflitos territoriais e a perda de terras pelos povos originários que sempre estão em pauta e cada dia constituem um novo capítulo da história do Brasil.

Um dos primeiros atos dos marinheiros portugueses que, a 22 de abril de 1500, alcançaram a costa sobrecarregada de floresta do continente sul-americano nos 17 graus de latitude sul, foi derrubar uma árvore. Do tronco desse sacrifício ao machado de aço, confeccionaram uma cruz rústica – para eles, símbolo da salvação da humanidade (DEAN, 1996, p. 59).

Nas palavras de Dean, é descrito um dos primeiros atos de imposição cultural que “violentaram” a mata atlântica e a população nativa, em nome da “salvação da humanidade”.

Tais conflitos podem ser observados no relato do Sr Tônico.

Há um tempo, puxava muita banana desse bananal daqui, isso era tudo nosso, eu tirava daqui nessa época uns 3000 kg de banana, era semana toda puxando banana, aí *dispois* aqueles que diziam ter uma herança *tamem*, *botharam peitho* com meu pai e *methade* do sítio eles *thomaram contha*. O finado papai ele *thava* lutando com advogado, mas nessa época Dr Fernando era advogado dele, mas depois ele trabalhando fora e a minha madrasta doente *thambém*, acabando ele se enrolando todo e *thomaram* metade do nosso sítio aí. (Depoimento do Sr Tônico, 2014).

Assim, a porteira nos conta que seu fechamento foi responsável por colocar em evidência estes conflitos, mas também proporcionou aos atores humanos “por as cartas na

mesa” para que o conflito pudesse ser amenizado da melhor maneira possível. Uma das coisas que ela fez fazer foi proporcionar um novo caminho que, embora mais longo, pudessem passar motocicletas que chegam a uma boa proximidade das casas no Araçazeiro. A cerca que ficava ao lado da porteira foi retirada, os que caminham a pé continuam fazendo seu percurso tradicional, porém, ela continua fechada, como símbolo ainda desse poder de posse não superado, por isso, ainda é um barril de pólvora prestes a ser detonado a qualquer momento.

Podemos considerar a porteira um ator-rede, ou melhor, ela é um objeto sociotécnico?

A porteira é um objeto técnico construído para um propósito, e sendo um artefato mobilizador constitui uma interdependência entre humanos e não humanos, e, não teria causado tanta controvérsia se ela não tivesse sido fechada. Portanto, o quanto nos conta a porteira sobre a nossa própria história humana, civilizatória moderna? Já que não é possível “os humanos existirem como humanos sem entrarem em contato com aquilo que os autoriza e capacita a existir (ou seja, agir)” (LATOUR, 2001, p.221). Neste sentido, a ação de fechamento da porteira já não é mais de responsabilidade só da porteira, nem tampouco só dos humanos, mas a ação é conjunta entre eles, pois, “quando as proposições são articuladas, elas se juntam numa proposição nova. Tornam-se ‘alguém, alguma coisa’ mais” (LATOUR, 2001, p. 207).

Assim, a composição, “o segundo significado de mediação técnica”, potencializa a ação promovida pelos diversos agentes, tornando a composição final uma forma de existência. Sendo assim, todos os agentes potencializadores são importantes igualmente, e simétricos. E, como Latour nos diz, “esses exemplos de simetria entre ator e atuante obriga-nos a abandonar a dicotomia sujeito-objeto que impede a compreensão de coletivos [...] a responsabilidade da ação deve ser dividida entre os vários atuantes” (LATOUR, 2001, p. 208).

5.3 A Estrada e a falta dela

5.3.1 O caminho até Serra Suja: sem estrada, sem luz elétrica

Falar de caminho até Serra Suja nos faz supor que não há estrada que ligue a Escola até o grupo que lá habita e é sobre a falta dela que vamos construir essa narrativa.

Neste dia, subimos a Serra! A Serra suja em direção ao encontro do “Seu Tônico”, um dos mais velhos moradores de lá. A emoção de adentrar a mata e subir por

trilhas, encontrando cursos de águas cristalinas foi inesquecível e quase inenarrável, algo que as palavras não dão conta. A serra é linda! (RODRIGUES, 2015, p. 45).

Portanto, não há mesmo estrada que possa passar um veículo motorizado até Serra Suja. Por seus caminhos (Figura 36) passam apenas humanos e não humanos caminhando ou sobre o lombo dos burros.

Esta falta de estrada constitui um empecilho para a chegada da luz elétrica, apesar de não ter encontrado nenhuma cláusula no Programa Luz para todos²⁹ que coloque essa restrição física, mas isso é o que contam os que participam do processo de tentativa de levar a eletricidade até a Serra Suja.

Figura 36 – Riacho encontrado no caminho para Serra Suja



Fonte: Denilson Siqueira, 2014.

O fato é que todas as tentativas até agora foram fracassadas. Sr. Tonico lamenta a falta de luz elétrica por conta de alguns problemas de saúde das crianças.

A luz faz falta *thenho* dois sobrinhos que precisam fazer nebulização, mas não pode por causa da luz. Meu neto faz tratamento, acho que *them* seis anos, ele não anda e precisa fazer tratamento em Friburgo ou no Rio, sai ainda de noite *thoda* semana, eu

²⁹ Surgiu em novembro de 2003, com o Decreto no 4.873, do governo federal, com o nome Programa Nacional de Universalização do Acesso e Uso da Energia Elétrica – Luz para Todos. Foi alterado posteriormente pelo Decreto no 6.442/2008 e no 7.324/2010, com prolongamento dos prazos de universalização. Em julho de 2011 foi criado o programa Luz para Todos para o período de 2011 a 2014, pelo Decreto no 7520, com o mesmo objetivo de universalização do serviço de acesso e uso de energia elétrica à população do meio rural que não possui acesso (FREITAS e SILVEIRA, 2015, p. 179).

não sei o que ele *them*, a gente fala com ele e ele não responde, só faz sinal, acho que ele *them* problema de nervo desde que nasceu (Depoimento do Sr. Tônico, 2014).

A falta de estrada também dificulta o deslocamento do grupo quando há chuvas fortes. No diálogo abaixo, entre Sr Tônico e eu, pude observar esta dificuldade:

Pesquisadora: *Deve ser complicado pra vocês aqui quando chove, eu vi sua esposa descendo com um bebê no colo e sua filha descalças para não escorregarem. Como é o nome da sua esposa?*

Sr Tônico: *A senhora não sabe de uma história, essa semana eles tinha marcado pediatra pra eles, eles saíram num thempo assim, horroroso, aí quando eles chegaram aqui na Mara, esse pessoal que vem aqui cuidar da gente (agente de saúde), aí chegou ali e ela falou “o carro do médico já tinha passado”.*

P: *Passa um carro lá embaixo pra pegar vocês?*

T: *Passa, aí, eles perderam volthou as criança com tempo ruim porque perdeu a viagem agora ficou pra marcar pra outra vez pra eles. Minha esposa se chama Maria do Espírito Santo.*

P: *Sem Hervano?*

T: *É*

Este diálogo, que é uma parte das prosas que pude compartilhar com Sr. Tônico, parece dizer que a estrada é importante para a os Hervanos da Serra Suja e que sua falta parece dificultar o acesso aos benefícios relacionados, principalmente, às questões de saúde. Porém, nada foi mencionado com relação aos benefícios de acesso, por exemplo, à televisão ou a geladeira, embora no verão seja bem quente lá na Serra Suja.

A questão da estrada também tem sido alvo de controvérsias e defendida por vários políticos, na época de eleições municipais, onde muitos deles, principalmente os locais, se embrenham pela narrativa da “conquista da estrada dos Hervanos”. Assim, ela se torna também um objeto de disputa da política local, ou seja, uma agente que faz fazer.

5.3.2. A estrada até o Araçazeiro: com estrada, com luz elétrica

Araçazeiro é o outro núcleo familiar ao qual se fixaram os Hervanos. O lugar é conhecido por esse nome, porque entre suas matas há grande quantidade de pés de Araçá.

Esta localidade fica a cerca de 30 minutos de caminhada da escola, dois quilômetros, num aclive que mede entre 35 e 350 metros de altura. Nesta localidade, seus moradores já contam com uma estrada de chão, que proporcionou-lhes, há três anos, a chegada da luz elétrica na comunidade (RODRIGUES, 2015, p. 50).

Como descrevo em Rodrigues (2015), neste núcleo já há uma estrada de chão onde podem passar veículos motorizados e até pequenas caminhonetes (Figuras M – A e B). A estrada até o Araçazeiro foi aberta por um grupo de pessoas praticantes de Asa Delta que via em uma parte do percurso um potencial muito grande para prática de tal esporte. Assim, com a ajuda da prefeitura e de alguns membros do grupo dos Hervanos, a estrada foi aberta à “braços, mãos e tratores”, bem como a colocação dos postes para a chegada da luz elétrica.

Com a abertura da estrada e a colocação da eletricidade, as casas da localidade já se tornaram um pouco diferentes das casas da Serra Suja e as visitas de curiosos, praticantes de Mountain Bike, e Motociclismo off-road passaram a ser mais constantes. O uso de aparelhos celulares, televisão e geladeira também passaram a ser cotidianos.

Mesmo observando essas diferenças, pude perceber que o modo de falar, de se relacionar com a terra e a maneira de cozinhar a lenha não foram modificados, apesar do fogão à lenha ser um híbrido de tecnologias dos “dois mundos” (Figuras 37, 38, 39 e 40).

Figura 37- Estrada do Araçazeiro (A)



Fonte: Denilson Siqueira, 2014.

Figura 38- Estrada do Araçazeiro (B)



Fonte: Denilson Siqueira, 2014.

Figura 39:- Casa do Araçazeiro: água encanada



Fonte: A autora, 2014

Figura 40 - Casa do Araçazeiro: Fogão a lenha híbrido.



Fonte: A autora, 2014.

Partindo dessas observações, quais as interferências que a estrada e a falta dela possuem para a composição ou não do mundo dos Hervanos?

Muitos levantam a bandeira da construção da estrada para Serra Suja como um benefício para o conforto e a composição da “dignidade dos Hervanos tão sofridos”, outros já entendem que a não construção da estrada pode ser fundamental para a não aculturação do núcleo de Serra Suja. Mas, será que os Hervanos do Araçazeiro estão tão “aculturados” pela presença da estrada? Qual seria então, os interesses desses “outros”, que não são Hervanos, de falarem por eles com relação à construção ou não da estrada?

O que diz a estrada com relação a sua estruturação no local em que os humanos dizem que ela deve existir? Afinal, como não ouvi-la, se em seu traçado existem cursos de água, árvores centenárias que é onde habitam muitas vidas, com muitos atores que compõem os vários mundos, inclusive o dos Hervanos? Afinal, como diz Latour (2012, p.111), “Quanto mais os pensadores radicais insistem em atrair a atenção para os humanos nas margens e na periferia, menos citam os objetos”. Os objetos não são feitos de habilidades sociais, mas sim

da materialidade e são fundamentais por conta da força de suas ações, e por isso nós os “invocamos”.

As controvérsias que existem com relação à presença da estrada para as localidades dos Hervanos são cercadas de vários componentes que são movimentados de “tempos em tempos”, explicitando, assim, a não linearidade do tempo apreçoada pela ANT.

Os políticos, a política pública, o Programa Nacional de Universalização do Acesso e Uso da Energia Elétrica – Luz para Todos, a hibridização cultural dos Hervanos, os praticantes do turismo de aventura, a facilidade de chegar às localidades com transportes motorizados, a degradação e poluição causada por esses transportes e o impacto provocado pela abertura da estrada, que por sua vez mobiliza os órgãos governamentais ligados ao meio ambiente, se transformam no coletivo que orbitam a estrada, por provocarem uma

Ação que arregimenta diversos tipos de forças unidas por serem diferentes [...] *que*, (grifo meu) por outro lado, designará o projeto de juntar novas entidades ainda não reunidas e que, por esse motivo, obviamente não são feitas do material social (LATOURE, 2012, p. 112).

5.4 As políticas públicas podem ajudar os Hervanos a aterrarem?

Assim como a estrada, podem as políticas públicas serem consideradas entidades que agenciam a forma de aterramento dos Hervanos e que os ajudam a se fixarem à terra por tantos anos?

5.4.1 A tentativa de “enquadramento” dos Hervanos pela PNPCT.

No ano de 2014, provocado por alguns amigos dos Hervanos, o Ministério Público Federal enviou uma antropóloga até Serra Suja e à escola com o objetivo de dar um parecer oficial a partir da classificação étnica e cultural para o reconhecimento dos Hervanos como uma comunidade tradicional.

Achamos a visita da antropóloga bem oportuna porque, naquele momento, estava em foco a tentativa de construção da estrada e, se fossem assim reconhecidos, como comunidade tradicional, este reconhecimento poderia lhes assegurar os direitos atribuídos pela Política

Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais – PNPCT – decreto 6040/2007, ampliando, assim, a possibilidade de construção da estrada, garantida pelo inciso IX do artigo 1º que assegura a articulação com as demais políticas públicas relacionadas aos direitos dos Povos e Comunidades Tradicionais nas diferentes esferas de governo e, assim, proporcionar a chegada da luz elétrica.

Como reconhecimento pela pesquisa que desenvolvia com o grupo, desde 2009, fui convidada a acompanhá-la em sua expedição aos Hervanos.

Em conversa extraoficial, a antropóloga antecipou para mim algumas conclusões a respeito do processo de reconhecimento da Comunidade dos Hervanos como uma comunidade tradicional. Segundo as primeiras análises, a investigadora identificava na linguagem, no desenvolvimento do artesanato, na forma de lidar com a terra e o meio ambiente traços que a colocava no patamar de comunidade tradicional, como define o artigo terceiro, inciso I do decreto 6040/2007: Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (RODRIGUES, 2015, p. 70-71).

As Figuras 41, 42, 43 e 44 mostram um pouco de como foi a visita através dos registros fotográficos.

Figura 41 – A chegada da Antropóloga



Fonte: Denilson Siqueira, 2014.

Figura 42 – O trabalho na Serra Suja



Fonte: Denilson Siqueira, 2014.

Figura 43 – O trabalho na escola



Fonte: Denilson Siqueira, 2014.

Figura 44 – O trabalho no Araçazeiro



Fonte:

Fonte: Denilson Siqueira, 2014.

Já naquele momento “a antropóloga também elencou algumas dificuldades no processo como, por exemplo, classificá-los por etnia, pois não são índios, nem quilombolas, são frutos da miscigenação. Parece que sob este aspecto são inclassificáveis” (RODRIGUES, 2015, p. 71).

Durante algum tempo o assunto permaneceu esquecido, pois estávamos à espera de um relatório do Ministério Público Federal (MPF) que fosse capaz de nos responder oficialmente, ou ratificar, a questão que, para mim, já era uma constatação: que os Hervanos eram uma comunidade tradicional, ou seja, estavam totalmente “enquadrados” pelo inciso I do PNPCT.

Ao retomar a pesquisa já no doutorado, estabeleço um novo contato com a antropóloga a fim de resgatar as conclusões que o MPF havia chegado com a questão Hervanos. Em seguida, trago as transcrições na íntegra, das trocas de e-mails que aconteceram em 2021, em plena pandemia de COVID 19.

Nadia Rodrigues <nadia.rodrigues1@gmail.com> 15 de abril de 2021 às 12:22

Para [REDACTED]

Boa Tarde Jacira!

Não sei se ainda lembra de mim, sou aqui de Cachoeiras de Macacu e estudava com a comunidade dos Hervanos. Estou agora no doutorado e continuo a minha pesquisa com a comunidade. Gostaria de saber se houve algum retorno com relação a questão da comunidade e se há algum relatório ou documento para que eu possa consultar para compor a narrativa da pesquisa! Desde já agradeço a colaboração! Espero que esteja, você e todos os seus, bem e com saúde nesses tempos tão difíceis!

Gratidão!

Nádia Rodrigues

Jacira Monteiro de Assis Bulhões (PRR2) <[REDACTED]> 15 de abril de 2021 às 14:53

Para: nadia.rodrigues1@gmail.com

boa tarde Nádia!

Sim, como não lembrar?! Sempre agradecida pela grande ajuda.

Foram vs. que me emprestaram um livro relativo a região, não foi? Gratidão!!

Vou averiguar o Procedimento e o que foi desencadeado após a entrega do relatório, lhe informo.

Que bom saber de sua nova pesquisa!! Sucesso!

Até mais,

Abs,

Jacira

Nadia Rodrigues <nadia.rodrigues1@gmail.com> 15 de abril de 2021 às 14:57

Para: "Jacira Monteiro de Assis Bulhões (PRR2)" <[REDACTED]>

Gratidão Jacira!!!!!! Será de grande importância para a minha tese!!!

Abraços!!!!

Nádia Rodrigues

Jacira Monteiro de Assis Bulhões (PRR2) <[REDACTED]> 15 de abril de 2021 às 19:17

Para: nadia.rodrigues1@gmail.com

Boa noite, Nádia

Bem, constatamos as dificuldades dos Hervanos com relação:

- O programa de Luz para Todos, a estrada e também a necessidade da ampliação de mais uma sala de aula demandada pela antiga diretora. Solicitamos informações, mas nada satisfatório.

Quanto a sala de aula a Secretaria informou que o projeto tinha sido aprovado, mas quando estivemos lá nada tinha sido feito e a nova diretora não sabia da demanda.

O MPF para acompanhar a todas as demandas precisava que fossem qualificados como minorias - no caso - quilombola ou indígena. Como não foi possível essa qualificação, a interpretação jurídica é que são uma comunidade rural comum que deverá ser atendida como qq outra da região.

Houve, assim, o arquivamento por não se enquadrarem como sujeitos do atendimento do MPF.

Ao antropólogo cabe constatar o autorreconhecimento. Não houve auto reconhecimento.

Os Hervanos apresentam traços que podem ser de um ou outro grupo étnico, mas não atribuem-se como sendo um ou outro. Busquei frisar no relatório sobre os traços diferenciados, mas não obtive o autorreconhecimento.

Talvez, com avançar de um processo de conscientização e/ou de acompanhamento acadêmico, eles, os Hervanos, possam avançar a percepção de serem grupo diferenciado étnico e, assim, obter esse entendimento político e buscar esse elo de sua origem.

Foi encaminhado para o Sr. Passarinho a informação do arquivamento e sua motivação.

Atualmente estou em tele trabalho.

Vou buscar em meus pen-drivers se tenho o relatório.

Abs,

Jacira

Nádia Rodrigues <nadia.rodrigues1@gmail.com> 16 de abril de 2021 às 12:46

Para: "Jacira Monteiro de Assis Bulhões (PRR2)" <[REDACTED]>

Muito obrigada Jacira! Já está sendo de grande ajuda, se tiver o relatório, melhor ainda!

Fique em casa mesmo, não é hora de estarmos nos arriscando!

Gratidão e um forte abraço!!!!

Nádia Rodrigues

Em todos os meus escritos com relação aos Hervanos eu os caracterizo como comunidade tradicional, diferenciada, e como minoria, mas para o propósito dos benefícios da lei eles não são. Também não se autorreconhecem dentro dos referenciais étnicos “oficiais”.

Uma das falas da antropóloga no e-mail acima “Busquei frisar no relatório sobre os traços diferenciados, mas não obtive o autorreconhecimento”, me faz refletir, sobre uma possível relação de causa-efeito nesta lógica, ou seja, se eles reconhecerem que essa diferença faz deles pertencentes a uma etnia, então podem ser enquadrados na lei. Mas se essas diferenciações já se encontrarem dentro de parâmetros definidos, não são diferenciações e isso indica que tal lei já parte de pré-concepções étnicas e sociais de grupos bem formados e definidos que aparentemente se mantem assim “*ad aeternum*”.

Afinal, eles são diferenciados ou não? Creio que sim, são diferenciados, e talvez pertençam a um grupo em formação sem precedentes para autorreconhecimento. Enfim, eles são os Hervanos e, assim, com características próprias, com grandes possibilidades para aterrar.

5.4.2 Aposentadoria Rural e os documentos de posse da terra

A importância dos objetos que fazem parte do coletivo de atores que auxiliam a existência dos Hervanos já foram detalhados no Capítulo 3 desse texto. Cabe aqui fazer as

considerações sobre a importância desses atores na composição do mundo dos Hervanos. Neste caso, parece que estes documentos de posse da terra são o que os ajudam a fixá-los à terra e a comporem seus territórios, mas que são, constantemente, ameaçados, como acontece com muitos grupos que ocupam áreas cobiçadas sob o aspecto econômico da modernidade. Estes documentos “de caráter moderno” é mais uma prova de que eles também povoam este mundo de agenciamentos burocráticos que permeiam esta “sociedade”.

5.5 A proposta de rede sociotécnica que nos ajuda a aterrar

Cheguei até aqui, utilizando o guia de viagem proposto por Latour (2012), como ferramenta para tentar comprovar que jamais fomos modernos e assim transgredir a ficção da dualidade e da separação existente entre o “mundo civilizado” e o “mundo arcaico”, abrindo possibilidades para compor o mundo comum.

Mas, para a composição do comum é necessário o mergulho na antropologia simétrica, entendendo que não pode ser deixado de lado alguns princípios a serem seguidos que nos permitam a construção de relatos (de risco).

Um dos princípios importantes para essa tarefa é seguir as fontes de incertezas preconizadas no guia de viagem, assim se pode conseguir não escolher o simples trajeto da verdade ou de êxito a fim de comprovar argumentações pré existentes, mas sim se interessando pelos processos, farejando como uma “formiga míope”. Assim, um processo importante foi entender que não há grupos formados, mas sim, grupos em formação constante, pois a ANT é uma teoria em movimento. Portanto, a primeira coisa que me atentei, e que foi bem complicado pra mim, foi reconhecer que os Hervanos não são um grupo formado e “cimentado” pela alvenaria do social, mas sim um grupo em formação.

Seguindo o guia, foi importante entender a ação dos actantes e considerar entre eles os objetos, a partir das associações entre humanos e não humanos, e este deve ser o *locus* das observações, entendendo que cada associação não é feita por um mero “ponto de vista” de quem observa, mas o múltiplo desdobramento das associações ou das coisas é que permite a apreensão de vários pontos de vista (LATOURE, 2012, p. 171).

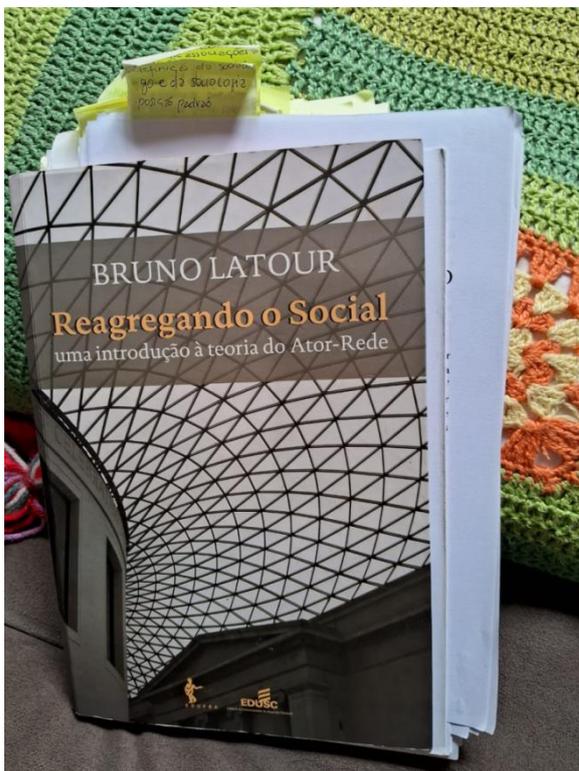
Mas o interessante neste texto, é a possibilidade da comprovação de que uma das bases fundamentais da modernidade, a dualidade entre “velho” e “novo”, foi desconstruída com ineditismo, ao serem apresentadas provas de que jamais fomos modernos com um exemplo brasileiro.

Para tal, foi necessário ingressar na quinta fonte de incerteza do guia de viagem proposto por Latour (2012). Escrever relatos de risco foi desafiador porque justamente não dá ao escritor a certeza de que o que se está relatado será interessante, ou se o caminho percorrido nos levará ao destino desejado. Na verdade, nesta altura dos acontecimentos, também o relator não sabe bem o que deseja, além de dar certa agonia, porque muitas vezes surge a pergunta: quem irá ler tais relatos? Ou, quem irá ler minha tese ANT? Por que então essa dedicação? O consolo vem da fala de Latour (2012):

Mas isso é ótimo porque *não há outro meio*. Tratados metodológicos podem sonhar com um mundo melhor: Livro (Teses) grifo meu, sobre ANT, escritos por formigas para outras formigas, só tem em mira escavar minúsculas galerias no nosso, feito de terra e poeira (LATOURE, 2012, p. 182).

Assim, depois de “me perder na vizinhança” acho que encontrei o caminho, pois o livro que Latour (2012) chama de guia de viagem não ficou opaco, empoeirado ou perdido na prateleira da estante, mas foi tão manuseado que se encontra em um estado de conservação, digamos, não muito apreciável, como demonstrado na Figura (45).

Figura 45 - O guia dessa grande viagem, já desgastado.



Fonte: A autora, 2023.

5.5.1 Como os relatos de risco fazem emergir a rede

Assim, Latour (2012) define “um bom relato como aquele que tece uma rede” (p. 189) e rede como “uma expressão para avaliar quanta energia, movimento e especificidade nossos próprios relatos conseguem incluir. Rede é conceito, não coisa” (p. 192).

Então, entendo que a rede significa a produção de conhecimento, a epistemologia sobre a construção do mundo comum. Portanto, fazer o relato descritivo, que é a construção da rede, significa fazer política de onde se está e, portanto, aterrar, ou seja, se localizar no atrator Terrestre onde Latour diz que é como devemos nos orientar politicamente no antropoceno.

5.5.2 A rede

Apresento, agora, a proposta da rede sociotécnica da composição do mundo comum entre nós, a sociedade técnica científica, e os Hervanos. Esta rede foi traçada a partir da etnografia do objeto “Rancho dos Hervanos”.

Essa rede possui actantes que se localizam nos dois mundos e que borram essas fronteiras, e os mobilizam e, por isso, a sua importância, porque nela podemos mostrar as conexões entre eles (os mundos).

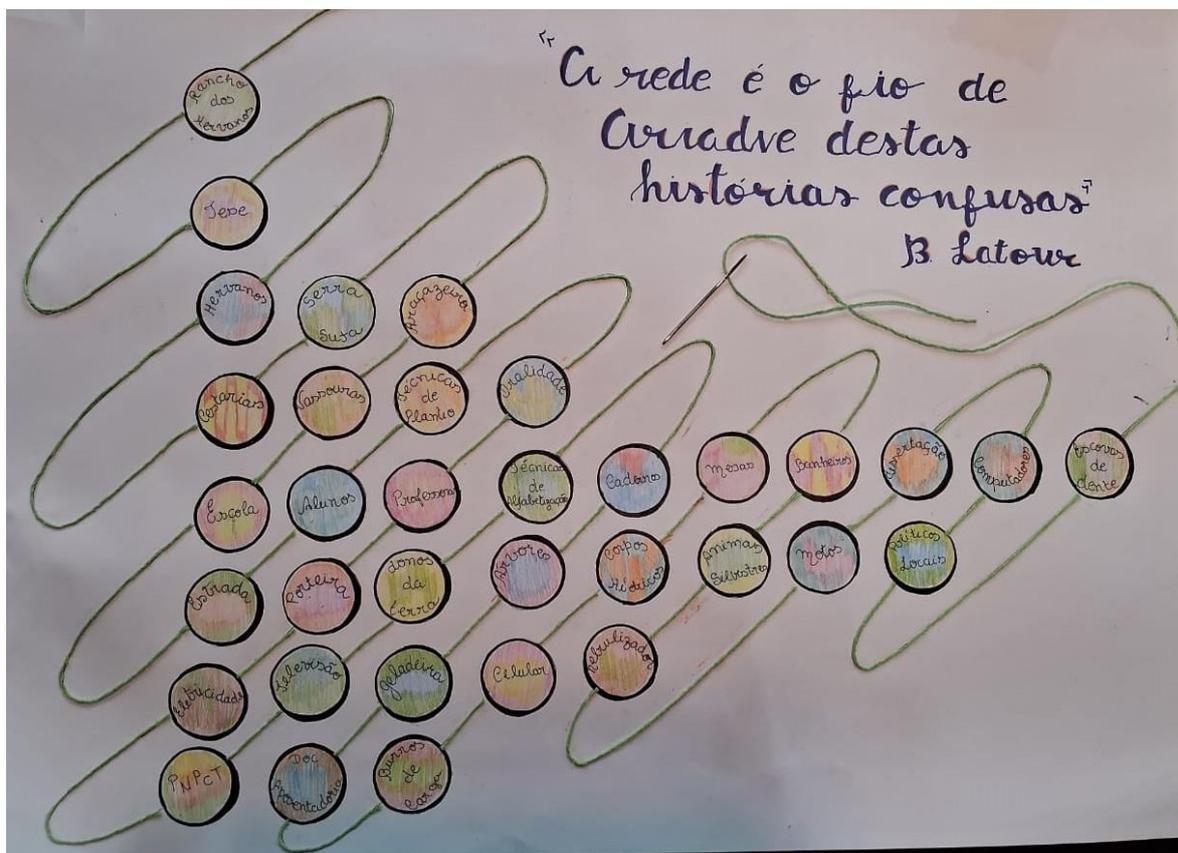
É como se a composição dos dois mundos pudesse ser representada pela hibridização de dois orbitais atômicos³⁰. Então, esses orbitais delimitam a fronteira que esses elétrons podem circular, porém não determina a posição correta dos mesmos. Quando dois ou mais orbitais se hibridizam, se fundem por motivos e forças, que agora não cabe explicar, os elétrons desses orbitais passam a ocupar esse lugar comum formado pela composição feita entre eles. Essa composição é chamada de ligação química e então teremos formado uma molécula. Entendo essas moléculas como os coletivos ou actantes que se juntando a outras moléculas iguais (com mesmos propósitos), ou diferentes, formam novas substâncias (novos mundos), que podem ser reunidos ou separados de acordo com a correlação de forças que as mantém. É assim que consigo abstrair e imaginar na minha mente híbrida os actantes híbridos que formam essa rede.

Assim, imaginei uma representação dessa rede que pudesse ligar os actantes a partir de um fio que fosse costurando e atravessando diagonalmente os mesmos. Tais actantes, que vistos horizontalmente, representavam o olhar moderno, eram agrupados por afinidades, mas, ao esticar o fio, depois da costura, estes apresentaram outro tipo de relação, pois, agora, são observados através das lentes ANT e se misturam compondo o mundo comum.

Portanto, como diz Latour, “A rede é o fio de Ariadne destas histórias confusas” (LATOURE, 1994, p. 9). Tal inspiração para essa forma de representação (Figura 46) vem do diagrama de Linus Pauling.

³⁰ Orbital é um conceito da química quântica que simplificarmente corresponde a “região do espaço em volta do núcleo atômico ou, volume do espaço em volta do núcleo [atômico], onde o elétron tem maior probabilidade de ser encontrado” (McMURRY, 2005, p. 4). Vamos nos ater aqui à simplificação desses conceitos. É assim que consigo traduzir este conteúdo aos meus alunos de ensino médio

Figura 46 – Representação da rede sociotécnica do Rancho dos Hervanos



Fonte: A Autora, 2023.

Nesta proposta, a tese aparece como um ator-rede. Afinal, “contar uma história de ator-rede é ser capaz de apreender essas muitas conexões, sem estragá-las desde o começo com a decisão *a priori* sobre qual é o “verdadeiro tamanho” de uma interação ou de um agregado social” (LATOUR, 2012, p. 257). Assim, a própria tese é um ator que faz fazer e onde podemos perceber as conexões e, a partir delas, formular novas composições, ou seja, reunir o coletivo.

CRESCER COMO FORMIGA: REFLEXÕES, APRENDIZAGENS, PONDERAÇÕES E CONCLUSÕES MOMENTÂNEAS

Cresci brincando no chão,
entre as formigas
Manoel de Barros, 2010

Ao iniciar a escrita dessa tese, não tinha a menor noção de como ela iria terminar, o processo foi doloroso, ainda mais por conta do período de pandemia que devastou o mundo nos anos 2020 e 2021, deixando sequelas físicas e psicológicas em todo planeta.

Não tinha a menor noção de quais conceitos a minha mente se engajaria, e quais abandonaria, mas a cada disciplina do curso que ia completando tinha pelo menos uma certeza, de que continuava desejando fazer uma tese ANT.

Aquele mundo cartesiano no qual as disciplinas do curso eram desenvolvidas só mostravam mais do mesmo, e nada atraente aos meus olhos, visto que são repetições de questões que desde muito estavam sem que tivessem a mínima chance de serem resolvidas, como, por exemplo, usar a natureza como recurso natural, e o conceito de desenvolvimento sustentável. Assim, uso as palavras de Krenak (2020, p. 22) “recurso natural pra quem? Desenvolvimento sustentável para quê? O que é preciso sustentar?”, para ilustrar o meu sentimento de desânimo com relação ao que se faz no meio acadêmico para tentar mudar o estado de “mutação climática” em que nos encontramos no momento atual. Então, partir para uma “nova” visão de mundo, de outros mundos e da proposta de composição do mundo comum era algo que me fascinava e fascina.

Caminhei com as formigas e descobri o texto de Latour (2020), Onde Aterrar, que de certa maneira, me direcionou a um caminho que talvez fosse capaz de iniciar uma estratégia, ou a movimentação para um “local político” que implicasse em formular convergências que pudessem ajudar a “adiar o fim do mundo” (KRENAK, 2020), esse local chamado por Latour de Terrestre.

Assim, mesmo caminhando com as formigas e crescendo com elas, custei a perceber que os Hervanos não estavam aterrados, mas que precisavam compor o mundo comum para

que isso acontecesse. Na verdade, iniciei assim, achando que eles eram o modelo de aterramento e que precisávamos segui-los. Mas nas conversas de orientação “acordei”!

Embarquei na transcrição do material empírico e fiz a descrição e os relatos de risco que vinham a ser um dos objetivos traçados para a elaboração do trabalho.

Os relatos de risco que percorreram todo o caminho desenhado dessa tese apontam que a tentativa de purificação imposta pela modernidade para os Hervanos é uma premissa falsa. Neles encontramos provas de que os Hervanos não pertencem ao mundo moderno e nem ao mundo arcaico somente.

Portanto, para as mentes modernas, a ambiguidade com relação aos Hervanos se apresenta já nas questões relacionadas à sua própria existência. Neste sentido, eles existem ou não existem? Aos olhos da modernidade o que é necessário para que eles existam? Bom, para os Hervanos existirem é necessário que entrem nessa sociedade consumista onde o ter prevalece sobre o ser. Precisam ter objetos modernos que contribuam para o seu “bem estar” e “o direito de viverem melhor em todos os sentidos”, precisam fazer parte do senso demográfico, enfim, estarem dentro do que chamamos de “sistema” para poderem alcançar educação, trabalho, posse de terra e, assim, a produtividade tão sonhada no mundo capitalista moderno.

O não reconhecimento dos Hervanos como comunidade tradicional nos termos da PNPCT, por conta do não enquadramento nos termos da lei, como o autorreconhecimento da comunidade como tradicional, também é um fator que implica na sua não existência no mundo moderno, onde poderiam ser agraciados pelos benefícios oferecidos pela política pública. Nesse sentido os Hervanos não existiriam.

Mas, em contrapartida, através dos relatos, pude comprovar que apesar de “não existirem” ou serem invisibilizados, eles possuem atribuições modernas que dizem que sim, eles fazem parte também dessa sociedade moderna. Esses atributos são aposentadoria, documentos de posse de terra, documentos de identidade, título de eleitor, a inserção dos alunos na escola, a participação na política pública do bolsa família.

Então, pela imposição do pensamento moderno, os Hervanos estariam do lado arcaico, e desprovidos daquilo que os fazem existir, mas, esta relação de causa efeito é desconstruída, pois, a partir dos relatos, podemos reafirmar que os Hervanos não pertencem nem a um mundo e nem a outro, mas sim aos dois, e que a tentativa de purificação da modernidade não funcionou. Mas, seguindo esse raciocínio, também não estão no atrator Terrestre proposto por Latour (2020), estão ainda no atrator Global e resistindo à globalização.

Sob esse olhar, a tese é o lugar que faz com que eles sejam o que são, porém, para que eles e nós aterremos é preciso a composição do mundo comum. Assim, o Terrestre é o lugar para onde todos nós estamos indo, mas para este aterramento é necessário compor o mundo social, afinal, nós não queremos ir totalmente para o “arcaico” e nem eles querem ir totalmente para o “moderno”.

Após, aproximadamente, três décadas da escrita do livro “Jamais fomos modernos” (LATOUR, 1994), a sociedade científica e cartesiana ainda não se deu conta de que, para ser moderno, é necessário que a purificação ocorra, para que permaneça a premissa da dualidade entre coisas e pessoas, naturezas e culturas, bicho e gente, novo e velho e todas aquelas que quando preconizadas enfatizam a correlação hierárquica entre uma e outra. Como isso nunca foi conseguido, porque não tem como, conforme demonstram os relatos de Latour e o nosso, considero que essa modernidade “fez água” e não contempla a proposta de “felicidade” que os modernos prometeram para a humanidade a partir dos avanços tecnológicos, porque esqueceram daqueles que, deixados nas bordas do mundo, não foram beneficiados totalmente pela tecnologia.

Também esqueceram que o que eles chamam de “recursos naturais” não são inesgotáveis e, enquanto a roda viva do progresso não for desacelerada, o fim dos mundos não será adiado, sim, porque pela suposição de que jamais fomos modernos, existem vários mundos que se afetam mutuamente, porque jamais foram purificados.

Assim, parece que o objetivo central desse estudo foi alcançado que era questionar a modernidade, trazendo evidências, a partir de relatos de descrição sobre a composição de mundos, que não há a dualidade proposta pelo pensamento cartesiano moderno e que tal ideia é uma ficção criada por “cérebros extirpados”³¹, estes cérebros, que separados de seus corpos exigem, segundo a teoria cartesiana, certezas absolutas e, portanto, “ou isto ou aquilo” para que ainda possam sobreviver. Fora do corpo esse cérebro extirpado apenas faz observar situações sem delas participar, assim, entendo que a ANT é uma possibilidade de religar esta mente ao corpo novamente, com um menor dano possível.

A tese colabora com a proposta de um pensamento diferenciado sobre como fazer política e como se localizar no mundo onde não há como progredir para o global e nem retornar ao local, mostrando que essa composição do mundo comum não é só trazer a tona o que não está sendo olhado, mas o que já está lá independente de ser olhado ou não. Neste sentido, ela traz uma reflexão também sobre os projetos de pesquisa e de produção acadêmica

³¹ Para aprofundar, ler em “A esperança de pandora” LATOUR (2001).

que deveriam versar sobre essa composição, abandonando de vez a hierarquização dos saberes.

Portanto, esta tese é ao mesmo tempo uma produção do conhecimento desses dois mundos em questão, dos Hervasos e o nosso, a fim de propor a convergência entre eles. Ela também acaba por responder a pergunta que fomentou esse estudo, informando de que maneira podemos caminhar juntos em direção ao Terrestre, além de ser também um exemplo desse exercício de descrever, tão propagado pela ANT.

Esta tese evoca também, a partir da desconstrução do pensamento moderno, a possibilidade de afeto entre os mundos, assim chamadas de alianças afetivas por Krenak (2022), sendo assim “possível conjugar o *mundizar* (grifo do autor), esse verbo que expressa a potência de experimentar outros mundos, que se abre para outras cosmovisões e consegue imaginar pluriversos” (KRENAK, 2022, p. 83).

Esse afeto mútuo é fundamental para que esse mundo comum seja composto, observando os atributos de cada um, percebendo as possibilidades de negociações, além de, como disse Branquinho³² “defender a potência da antropologia como campo de produção de conhecimento sobre a realidade”, no sentido de escrever “outras histórias”. Essas “outras histórias” que são imprescindíveis para “adiar o fim do mundo” (KRENAK, 2020), e que devem ser escritas em todo globo terrestre, cada uma sendo transformada em fotografias para compor o grande filme do Terrestre, agora com T maiúsculo.

E quando me perguntarem sobre uma possível “revolução”, posso responder que:

Não teremos que criar este Parlamento passo a passo, apelando para mais uma revolução. Temos simplesmente que homologar aquilo que todos nós fazemos desde sempre, contanto que repensemos nosso passado, que sejamos capazes de compreender retrospectivamente o quanto nós jamais fomos modernos [...] Metade de nossa política é feita nas ciências e nas técnicas. A outra metade da natureza se faz nas sociedades. Se reunirmos as duas, a política renasce. É pouco homologar publicamente aquilo que já se faz? (LATOIR, 1994, p.142)

Enfim, proponho uma reflexão profunda que deve ser iniciada a partir do pressuposto que jamais fomos modernos, afinal, escrever uma tese ANT é uma atitude corajosa dentro e fora da academia. Tal pressuposto é urgente e não há mais tempo para falhar.

³² Fala da Profa Fátima Branquinho durante a disciplina “Tópicos especiais em construção social do meio ambiente: da prática da pesquisa nas ciências sociais IV”.

REFERÊNCIAS

- ACSELRAD, Henri. As práticas espaciais e o campo dos conflitos ambientais. In: ACSELRAD, Henri. *Conflitos ambientais no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fundação Heinrich Böll, 2004, p. 13-36
- ALBERT, Bruce, KOPENAWA, Davi. *O espírito da floresta: a luta pelo nosso futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.
- BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas: As Infâncias de Manoel de Barros*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2010.
- BARROS, Manoel de. *Menino do mato*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- BRANQUINHO, Fátima Tereza Braga; SIRENA, Maria. Lúcia.; MACHADO, Liliane.; CASTRO, Rita de. Cássia. Etnografia de objetos e a (des)hierarquização dos saberes: um caminho para a prática docente. *Revista Diálogos: construção conceitual de extensão e outras reflexões significativas*. Brasília, v.14, n.1, p. 42- 52, dez, 2010.
- BRANQUINHO, Fátima Tereza Braga. LACERDA, Fátima Kzam Damaceno de. A contribuição da teoria Ator-Rede para as pesquisas em educação. *Revista Reflexão e Ação*. Santa Cruz do Sul, v. 25, n. 3, p. 49-67, Set./Dez. 2017.
- BRANQUINHO, Fátima. SANTOS, Bethânia, G. Humanos, sempre-vivas e outros-que-não-humanos: coletando e compondo o mundo comum no Espinhaço Meridional-MG. *Anuário Antropológico*. Brasília, v. 45, n. 3, p.4-63, setembro-dezembro/2020.
- BRASIL. Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. DOU. Brasília, DF 8 fev. 2007.
- BRASIL. Decreto nº 9.357, de 27 de abril de 2018. Altera o Decreto nº 7.520, de 8 de julho de 2011, que institui o Programa Nacional de Universalização do Acesso e Uso da Energia Elétrica - "LUZ PARA TODOS". DOU - Seção 1 - 30/4/2018, Página 1.
- CACHOEIRAS DE MACACU. Secretaria Municipal de Planejamento, Geoprocessamento e Habitação. Localidades e bairros de Cachoeiras de Macacu – RJ, panorama geral do município, evolução territorial e administrativa, lei de abairramento, (lei 2428/2019) e mapas. Cachoeiras de Macacu, 2019.
- CARDOSO. Margareth. Entrevista concedida a Nádia Rodrigues. Rio de Janeiro, 9 de set. 2023.
- CORREIA. Marlene de Castro. Como Drummond constrói “Nosso tempo”. *ALEA Estudos Neolatinos*. Rio de Janeiro, n. 1, v. 11, p. 73 – 86, Janeiro-Junho 2009.
- DEAN, Warren. *A ferro e fogo: A história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*. São Paulo: Companhia das letras, 1996.
- DONA MARIA. Entrevista concedida a Alexandre Kapiche. Rio de Janeiro, 3 de jun. 2023.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FERNANDEZ, Viviane. *Para onde vamos com o sequestro de carbono? A rede sociotécnica do carbono assimilado por manguezais*. 2014. 448p.: il. Tese (Doutorado em Meio Ambiente) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

FERNANDEZ, Viviane.; MACEDO, Joana; BRANQUINHO, Fátima Teresa Braga (Org.). *Pedra, planta, bicho, gente...coisas: encontros da teoria ator-rede com as ciências ambientais*. Rio de Janeiro; Mauad X: FAPERJ, 2018.

FRANCISCO, Silvio. Entrevista concedida a Nádia Rodrigues. Rio de Janeiro, 14 de set. 2023.

FRANCISCO, Silvio. Entrevista concedida a Alexandre Kapiche. Rio de Janeiro, 3 de jun. 2023.

FREITAS, Gisele de. SILVEIRA, Sueli de Fátima Ramos. Programa luz para todos: uma representação da teoria do programa por meio do modelo lógico. *Planejamento e políticas públicas*. RJ, n.45, p. 177 – 198, jul./dez. 2015

GOMES, Marcelo Bolshaw. A máquina, a imagem e a primeira diretriz (da Frota Estelar): três temas do universo de ficção científica “Star Trek”. *Imaginário*. Paraíba, n. 3, p 5- 34, 2012. ISSN 2237-6933.

HARAWAY, Donna. *O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HARAWAY, Donna. Entrevista concedida a Juliana Fausto, Eduardo Viveiros de Castro e Déborah Danowski e exibida no Colóquio Internacional Os Mil Nomes de Gaia: do Antropoceno à Idade da Terra, no dia 18/09/2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1x0oxUHO1A8>. Acesso em: 10 out. 2023.

IBGE. *Cidades e estados*. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados>. Acesso em 20 de set. 2023.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das letras, 2020.

KRENAK, Ailton. *Futuro Ancestral*. São Paulo: Companhia das letras, 2022.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

_____. *Reagregando o social: Uma introdução à teoria Ator-Rede*. Bauru, São Paulo: Edusc, 2012.

_____. *Cogitamus: seis cartas sobre as humanidades científicas*. São Paulo: Editora 34, 2016

_____. *Investigação sobre os modos de existência: uma antropologia dos Modernos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019

LATOUR, Bruno. *A esperança de Pandora: Ensaio sobre a realidade dos estudos científicos*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

_____. et al. O Todo é Sempre Menor que as Partes: um teste digital acerca das mônadas de Gabriel Tarde. *Revista Parágrafo*, 2015, v. 3, n. 2, p.7-25.

_____. Quinta conferência: Como convocar os diferentes povos (da natureza)? In: LATOUR, Bruno. *Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no antropoceno*. São Paulo: Ubu Editora, 2020, p. 234-290. 2020a.

_____. *Onde aterrar?* Como se comportar politicamente no Antropoceno. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020b.

_____. *Onde estou?* Lições de confinamento para uso dos terrestres. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. *Trajatória e fundamentos da educação ambiental*. São Paulo: Cortez, 2006.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986. (Temas básicos de educação e ensino).

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. *Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 27-53. (Coleção Cultura Negra e Identidade).

MENEZES, Ebenezer Takuno de. *Verbete Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização)*. dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em: <<https://www.educabrasil.com.br/mobral-movimento-brasileiro-de-alfabetizacao/>>. Acesso em: 5 ago. 2023

McMURRY, J. *Química orgânica*. São Paulo: Thomson, 2005. v. 1.

PEREIRA, Yuan Veiga. *A fronteira final: Guerra Fria e movimentos pacifistas refletidos em Jornada nas Estrelas*. *Diálogo*. Canoas, n34 p.5-34, 2017. Disponível em: <<http://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Diálogo>>. Acesso em: maio 2023.

PRADO, Guilherme do Val Toledo, BARRICHEL, Renata Cunha. (Orgs.). *Percursos de autoria: Exercícios de pesquisa*. Campinas: Alínea, 2007.

RODRIGUES, Nádia Cristina de Lima. *Diálogos interculturais e ambientes alfabetizadores na escola*. 2015. 122f. Dissertação (Mestrado em Processos Formativos e Desigualdades Sociais) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2015.

ROSA, Paulo. Razões para aprofundar. Reportagem da Tv Globo sobre a Comunidade Tradicional Hervana, localizada em Cachoeiras de Macacu RJ. YouTube, junho de 2023. Disponível em: <https://youtu.be/q22TcPl_oZk>. Acesso: em 5 ago. 2023.

SEU TONICO. Entrevista concedida a Nádia Rodrigues. Rio de Janeiro, 18 de abr. 2014.

SILVEIRA, Diego Soares da. *Redes Sociotécnicas da Amazônia*. Tradução de saberes no campo da biodiversidade. RJ: Multifoco, 2012.